

**DIALÓGICA.**  
**BUBER**  
**ensaios**

**cadernos inúteis da casa de Gestalt**

***A vivência do sentido ontológico da inutilidade amalgama-se com a vivência da dramática da ação, do desdobramento do possível, da possibilidade, da criação. Como condito sine qua non da ação compreensiva e muscullativa. Da criatividade, da poiese. Da existência.***

***O presente caderno é um núcleo temático de nossa produção. Contém erros formais na sequência dos ensaios, duplicatas, que serão corrigidos nas próximas versões. Igualmente orientará a produção de ensaios sobre o tema.***

DA MUSICALIDADE DA PINTURA SEM COISAS, À ESTÉTICA VIVÊNCIA ONTOFENOMENOLÓGICA DA AÇÃO -- SEM OBJETO, NEM SUJEITO --, PRÉ REFLEXIVA, NA PRODUÇÃO DA OBRA DE ARTE. <i>Impressionismo, Expressionismo, e a libertação da ação</i> .....	4
DIAPOIESE. A DRAMÁTICA GESTALTIFICATIVA DA DIALÓGICA DA AÇÃO. ....	13
O PRÉ DIALÓGICO A disposição estética como pressuposto pré-dialógico .....	20
INTERDIÁLOGOS DA SINCRONIA DO DIÁLOGO DA ESTÉTICA DO <i>CLIC</i> . À DIACRONIA DA ESTÉTICA DIALÓGICA COM O REGISTRO. ....	26
<i>ESTÉTICA DA FOTOGRAFIA</i> .....	26
Dialógica .....	<b>Error! Bookmark not defined.</b>
Dialógica .....	33
DIALÓGICA DA ESPERANÇA <i>Dialogicidade, Superação e a Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial</i> .....	38
DIALÓGICA DA ESPERANÇA .....	39
DIALÓGICA E ARTE DRAMÁTICA DA IMPROVISAÇÃO <i>VISLUMBRE-E-ATO DO POSSÍVEL PROPULSIVO Sobre o sentido e importância do improvisativo na concepção e método da Gestalt Terapia e da Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial</i> .....	46
GESTALTERAPIA: DIALÓGICA DA PROVOCAÇÃO* .....	55
DIALÓGICA, HERMENÊUTICA E ESTÉTICA DO CONFLITO Conflito, Mediação, e Facilitação Psicológica da resolução de conflitos em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial. ....	60
DA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL DIALÓGICA DE PAULO FREIRE Crítica, Empírica, Experimental, Estética e Poética .....	89
AS CONDIÇÕES FACILITADORAS BÁSICAS COMO PRINCÍPIOS DE MÉTODO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL: II. A RELAÇÃO EMPÁTICA. Empatia e Dialogicidade . <b>Error! Bookmark not defined.</b>	
PRESENÇA E ATUALIDADE Ontológica da Presença e da Atualidade.....	<b>Error! Bookmark not defined.</b>

# **1. DA MUSICALIDADE DA PINTURA SEM COISAS, À ESTÉTICA VIVÊNCIA ONTOFENOMENOLÓGICA DA AÇÃO -- SEM OBJETO, NEM SUJEITO --, PRÉ REFLEXIVA, NA PRODUÇÃO DA OBRA DE ARTE. *Impressionismo, Expressionismo, e a libertação da ação...***

Afonso H L Fonseca, psicólogo.

*Para D. Alzira,  
minha simpática vizinha,  
e minha competente e entusiasmada  
professora de História da Arte.*

A instância do Impressionismo, e do Expressionismo, no desenvolvimento da Arte Europeia, muito mais do que meramente revelar um estilo, e uma posição no campo da metodológica da produção artística, representa um momento crucial de decisão, na experimentação, na invenção de si e de seu mundo pelo homem, e na superação da alienação, no âmbito da civilização ocidental.

Ambas as revoluções, tanto o Impressionismo quanto o Expressionismo, trataram de uma insatisfação com a imposição de uma submissão da arte ao objetivismo. Que a anulava, e oprimia a arte, artistas, e o ser humano, em importantes de suas possibilidades.

No caso dos Impressionistas, ainda timidamente, mas com artística obstinação, surge uma revolta no sentido da produção, na obra de arte, das variações e nuances, das particularidades *do objeto*. Variações e nuances que nunca poderiam se submeter à prescrição objetivista, de registrar o objeto, a *natureza*, como uma cópia idealmente perfeita.

Dadas as absolutas particularidades da contingência do efetivo encontro e dialógica da estética relação com ele, e do registro deste encontro...

No caso do Expressionismo, aprofunda-se, e amplia-se, a revolta...

A revolta no sentido da reivindicação do direito de dizer, na obra de arte, o interdito.

Na verdade, de dizer o não dito; ou o efetivamente maldito.

Pela inflexibilidade da prescrição de produção da obra de arte como uma cópia fiel da natureza, como uma cópia fiel do objeto. A prescrição objetivista. Como a presunção da produção da obra de arte como um objetivismo.

Equivocados estaríamos, por completo, se pensássemos que se tratava de uma demanda pelos direitos do subjetivo, da subjetividade, de um subjetivismo.

Tratava-se, antes, na verdade, de uma reivindicação da produção da obra de arte em seus plenos direitos estéticos e poéticos, como **estética**, como **poiética**; ou seja, como **ação**; como **possibilitação**, como **projeto**, como **disegno**, como **perspectiva**, **perspectivação**, como **hermenêutica**, como **interpretação**, **fenomenológico existencial**; como gestalt, como **gestaltificação**.

A reivindicação pela metodológica estética, dramática epistemológica, do ator. Do modo de sermos da ação.

Que, enquanto acontecermos -- ontológica, fenomenológico-existencial, e dialogicamente --, é um modo de sermos anterior ao modo de sermos do acontecido. Acontecido no qual vigoram, e ininsistem, sujeito e objetos.

Acontecer, presente, o modo de sermos da ação. Que é anterior, e constituinte – depois de sua duração --, da objetividade, e da subjetividade.

Alguma confusão conceitual, na formulação -- dado que se tratava de artistas, e não de teóricos, ou filósofos. Mas, clareza, em termos da necessidade, do anseio, e do impulso de superação, e de libertação do objetivismo -- nesta instância, na produção artística.

Efetivamente, em termos de afirmação e de libertação da ontofenomenológica da vivência humana da ação.

O que, naturalmente, significa a afirmação e a libertação da capacidade humana de criar, de criar-se, igualmente. Criando o mundo que lhe diz respeito.

De movimentar-se existencialmente, de emocionar-se, de conhecer ontologicamente, de criar, e de superar-se. Pela afirmação da vivência, da dialógica formativa, de ser-no-mundo.

Os artistas efetivamente, também os Hindus, os Taoístas, os Zen, sabiam-no já. Há milênios.

Mas era uma novidade no Ocidente.

O momento da arte Impressionista, e da arte Expressionista, marca, de um modo indelével, o momento – revoltoso, e incontornavelmente pueril momento, todo tingido de rebeldia -- em

que a Civilização Ocidental assumiu e configurou, de um modo mais explícito, ainda que restrito, a compreensão de que, enquanto humanos, não somos, apenas, o modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto. Não somos, apenas, o modo de sermos, morto, do acontecido, o modo de sermos do passado. O modo coisa de sermos - modo de sermos do **ente**.

Somos, igual, e alternativamente, o acontecer, a ação. O modo de sermos do **presente**.

Em verdade, enquanto seres humanos -- não simplesmente como artistas, mas, como seres humanos, efetivamente.

Se podemos *produzir a vida, e a nossa humanidade*, como reprodução, reflexivamente, como repetição, e como cópia – não como arte, mas como artifício, e fatalismo do artefato; podemos, igualmente, e de diversa maneira, produzir original e originariamente, como ação. Esteticamente. Como poiese, efetivamente como produção, e criação.

E, o modo de sermos desta produção ontológica, da estética e da poiese da ação, não é o modo de sermos em que somos sujeitos. Sujeitados... O modo de sermos em que experimentamos a dicotomia sujeito objeto.

Não é, igualmente, o modo de sermos em que, sujeitos, confrontamos objetos.

É, antes, o modo sermos que em que somos, devimos, anteriormente à condição do sujeito e do objeto. O modo de sermos que especificamente é anterior à condição, reflexiva, em que nós, sujeitos, defrontamos objetos. E com eles nos relacionamos teoreticamente.

O modo ontofenomenológico de sermos é o modo de sermos em que somos ação, a vivência da ação, acontecer. Enquanto vivência do desdobramento de possibilidades.

O modo de sermos em que somos, devimos como atores.

Paradoxalmente, a arte Europeia pelejara, desde sempre -- descontado o recesso do Renascimento --, com a imposição ideológica -- como metodologia artística -- da reprodução da natureza, da reprodução da coisa, da fiel reprodução do objeto.

Com imposição ideológica do objetivismo.

Obrigando-se a reproduzir-se como cópia da natureza, como cópia de objetos.

Ou seja, na metodológica do modo de sermos do fatalismo, da reprodução do fato, da dicotomia sujeito objeto. Do objetivismo.

Com o Impressionismo o objeto, a coisa a ser copiada, esfumou-se, entrou em combustão, dissolve-se em contornos desfocados.

E começa a ceder explicitamente à infusão potente da multifacetada e efêmera vivência do possível. Começa a ceder à infusão da hermenêutica do possível, da produção estética, e poética, artística. Propiciada, como metodológica, pelo privilégio, e pela afirmação, da vivência ontofenomenológica.

Com efeito, era o possível, o potente, que se libertava. Na superação da inestética prescrição da cópia da coisa, na superação da inestética prescrição da cópia do objeto.

Na superação da alienação...

Com o Expressionismo, radicaliza-se o movimento em direção à expressão da pulsão impulsiva, expulsiva, propulsiva, da vivência fenomenológico-existencial do pres-ente, do modo pré-coisa, pro-jeto -- pré objetividade, e pré subjetivo --, modo de sermos do possível da atualização da ação. Da vivência do desdobramento de possibilidades. Da formação. Da gestaltificação.

Em direção à estética do desdobramento de suas forças de possibilidade. Vividas como presente. Na atualidade da vivência de seu desdobramento. E, inexoravelmente, como impulsão expulsiva, ex-pressiva. *Jeto, projeto*. Na elaboração e produção da obra de arte.

Como em Nietzsche, é interessante observar como, paradoxalmente, a alegação de cientificidade é utilizada no Impressionismo, como inovadora, e como justificativa.

Alguns Impressionistas valeram-se da ciência -- da ótica, do estudo das cores, e da luz -- para justificar o seu método de *distorção* da objetividade do objeto.

A multiplicidade das cores e de suas tonalidades, brilhos, a multiplicidade das modalidades da luz... Tudo isso justificaria, na obra de arte impressionista, as distorções inerentes às multiplicidades de apresentações dos objetos. E as diversas *impressões* que deles registravam, na representação, um tanto quanto *apresentativa*, de suas insólitas obras primas.

Meteram-se, entretanto, neste sentido, num beco sem saída.

Na medida em que, nele, serviam-se exatamente da ciência objetivista...

Caminhavam já no sentido da Ontologia e da epistemologia de uma ciência pré-reflexiva e intensional, compreensiva e implicativa. Gestaltificativa. Uma ciência da fenomenologia ontológica do acontecer. Da dialógica da dramática da ação.

Mas, para eles, a ciência de que se valiam era, ainda, a ciência reflexiva, objetivista, extensional, e explicativa.

Ciência que efetivamente não lhes ajudaria na detonação da arte do objeto, em privilégio de uma arte da atualidade, da presença do desdobramento do possível. Do dialógico, e da possibilidade do ser no mundo.

Nietzsche, por seu lado, saiu-se magistralmente da armadilha...

Quando percebeu que, era a ciência que efetivamente lhe daria suporte; mas, em específico, a ciência como cognição compreensiva, e implicativa, a ciência afirmativa, a ciência como ciência alegre, e emotiva, a sua *gaya scienza*.

E não a ciência positivista, a ciência objetivista...

Poderíamos dizer, a arte de uma ciência da ação, uma ciência do ato, uma ciência do modo de sermos do acontecer; anterior ao modo de sermos do acontecido; de sujeito e dos objetos. E de sua viciosa dicotomização. A arte de uma ciência, a ciência de uma arte, que, enquanto tais, não poderiam ser objetivistas.

Porque, especificamente, posicionavam-se, e se posicionam, como ação, como interação, como interpretação, e hermenêutica fenomenológica. Como vivência do desdobramento de possibilidades... Anteriormente à constituição do objeto... Ou melhor, anteriormente à constituição de sujeito e de objetos, e de sua viciosa dicotomização.

Tímidos, e confusos em suas explicações, os Impressionistas ainda continuaram fascinados com as promessas de uma ciência objetivista. Ainda indiferenciada, entre explicação e compreensão; entre explicação e implicação...

Em mais de um sentido, pode-se dizer, os Expressionistas soltaram o verbo...

No sentido de que libertaram o *logos* da ação, a vivência da ação e de seu logos, na expressão artística formal. Na apresentação da obra de arte. Que vivência do presente, da apresentação, não mais se re-(a)presentava.

E, de imediato, o resultado foi a emergente existência, numa obra de arte, de um *grito* pavoroso. Um pavoroso grito que, no mistério da simplicidade de suas linhas, redundou, até hoje, num tremendo silêncio constrangido...

Muda até então, o grito pavoroso de uma Europa que, robotizada e endurecida, caminhava aterrorizada para as atrocidades da segunda guerra mundial. Um grito de dentro daqueles momentos terríveis em que a Humanidade se desconhece. Um *grito* feito pintura

expressiva, Expressionista --, no quadro clássico do expressionista norueguês Edvard Munch (1863 – 1944).

Em sua ânsia, de modo ainda muito enfático e unilateral, os Expressionistas talvez tenham se recusado por completo, e esquecido, do objeto.

Porque, se havia, sempre, uma alteridade, um tu -- como diria Buber --, na vivência de seu processo produtivo, na vivência da poiese de suas produções artísticas, nelas não se apresentariam objetos, acontecidos, realidades.

Mas a expressão de possibilidades.

Uma arte da possibilidade, uma arte da vivência do possível. Uma arte da força plástica da estética, e da poiética, de ser no mundo.

Porque, nela, na vivência de seu processo produtivo, falava a fala, o logos, ontológico, fenomenológico existencial, da ação.

O modo de sermos do acontecer. Anterior ao modo coisa de sermos do acontecido, no qual se dão sujeitos e objetos.

Tanto que poderíamos dizer que, um tanto raivosamente, talvez, o primeiro princípio de uma ética e de uma estética Expressionista era: **foda-se o objeto. Foda-se a realidade.**

E, por aí, **foda-se o princípio de realidade, e foda-se o positivismo do real. E foda-se ainda o trabalho de sua negatividade...** Nietzscheanamente, afirmar a vida, afirmar a afirmação que é a vivência do possível, em seu caráter intensificativo. Mesmo naquilo que ele tem de problemático, e de terrível.

Se o sujeito, em sua subjetividade -- acontecida, real, realizada -- é espectador; contemplativo, flexivo, reflexivo; sobre, e do objeto, acontecido; no modo ontológico de sermos do ator, fenomenológico existencial, e dialógico, acontecer, ação, não somos sujeitos, nem somos confrontados por objetos, por coisas. Não somos coisas, nem somos confrontados por coisas. Não contemplamos coisas, objetos, como espectadores.

Atores, no modo de sermos da ação, interagimos com a alteridade, com o tu. Tu que, tanto quanto o eu, *jeto, pro-jeto*, do desdobramento de possibilidades, ação, como dizia Heidegger, não é *ob-jeto*, de um *sub-jeto*...

Somos ambos, eu e tu, possíveis, na ambiguidade, possibilidades em dialógica, em interação.

E não coisas que se relacionam, na inestética, e na inatividade, inércia, de suas respectivas impossibilidades. Na impossibilidade de sua inatividade, num relacionamento impossível.

Na ação, o ator possível -- na vivência do desdobramento de suas possibilidades criativas, formativas -- interage com o tu -- igualmente possível. Na vivência do desdobramento das possibilidades criativas, formativas, respectivas.

As condições de sujeito, por um lado, e de ator, por outro, implicam diferentes ontologias, e diferentes epistemologias. Diferentes e diversos modos de sermos, e de cognição.

Um *ôntico*, o do ente sujeito.

*Lógico, onto-logos*, ontológico, o outro -- o do ator, o da ação.

O do sujeito, o modo acontecido de sermos da contemplação reflexiva de objetos. No qual, teórico, ele, em específico, é espectador. Ex-pectador.

Uma vez que especificamente **fora** da perspectiva, da perspectivação.

No outro modo de sermos, o modo de sermos da cognição ontológica do ator, somos a própria vivência da perspectiva. Perspectivação, em sua atividade. Ação, compreensiva, e implicativa.

Ação, sempre compreensiva. Meramente compreensiva; ou ação compreensiva e musculativa.

Sempre ação compreensiva, e implicativa.

E, em específico, **inspectação**, o modo de sermos do **inspetador**. Enquanto tal.

Enquanto que o modo *cognitivo* de sermos do sujeito é o modo de sermos do espectador. Espectador – expectador. Extensivo, extensional, extensão, extensão do extensivo espectador de objetos. Expectação.

Já que especificamente fora da perspectiva, da perspectivação, do presente. Espectador, expectador, extensivo, da ação, da atualidade, da dialógica da vivência do desdobramento de possibilidades.

Da gestaltificação.

Era pirada, **inspirada**, a compreensão do moscovita Wassily Kandinsky (1866 – 1944), quando intuía que era música a produção e o resultado de sua pintura.

Efetivamente, tudo é música.

Em especial, o ontológico vivencial, fenomenológico insistential, existencial.

Sabemos até que o cristal é musical, se com ele sintonizamos. Definitivamente, então, o vivencial é musical.

E, naturalmente, a arte, a pintura vivencial, é música.

Daí a precisão e a importância particular da constatação de Kandinsky.

Kandinsky evoluiu para a arte da pintura dita abstrata, sob o pressuposto -- talvez influenciado pelo Nietzsche de *O nascimento da tragédia* -- da música como uma arte não formativa de coisas. Uma pintura musical abstrata, e musicalmente produzida.

Com efeito, talvez Kandinsky não percebesse, apesar da importância de sua pintura abstrata, que a questão, em essência, não era a da ausência de coisas materiais, na obra, na pintura.

Mas a questão do modo próprio da experiência de sua produção.

Que não é a produção que se dê, na sua momentaneidade instantânea, no modo acontecido de sermos. No qual habitam, instalam-se, sujeitos, que se fletem, se dobram, e refletem, sobre objetos. Sujeitos e objetos que se confrontam.

A questão da produção artística como ação, efetiva e especificamente, no modo de sermos do presente.

O modo de sermos ontologicamente pré-reflexivo. Que em sua duração e decaimento conflui para o reflexivo, e o constitui, em sua conclusão. E que, assim, lhe é especificamente anterior, e constituinte. *Pré-ente*.

O modo de sermos da ação. No qual, ação, não somos sujeitos, nem confrontamos objetos.

Ainda que, incontornavelmente, confrontemos a alteridade, um tu, que se contrapõe, como possibilidade. Na medida em que, igualmente, constituímos-nos e nos desdobramos como possibilidade.

De modo que eu e tu se conjugam na dialógica da produção e do desdobramento, ação, na produção e no desdobramento de possibilidades e de sentidos.

Da musicalidade de uma obra sem objetos, à musicalidade da experiência da ação. Anterior a sujeitos e objetos.

Assim foi a busca, e a afirmação, do Expressionismo. Como momento humano de resistência às dominações mais primitivas da política da existência. Como resistência às dominações que pretendiam, e pretendem, expropriar o ser humano de sua inerência

como presente, e como possível. Como ação. E como ator. Como criador.

Assim -- com a sua experimentação fenomenológico insistencial gestaltificativa --, o Expressionismo ensinou ensinamentos fundamentais. Tanto para a Filosofia, como para a Fenomenologia, para as ciências, para a Ciência, para a cultura, e para as culturas humanas.

### **BIBLIOGRAFIA**

BUBER, Martin **Eu e Tu**.

CARDINAL, Roger **O Expressionismo**. Rio, Jorge Zahar, 1984.

GOMBRICH, E H, **A história da arte**. LTC, Rio de Janeiro, RJ, 2013.

HEIDEGGER, Martin **Ser e Tempo**.

## 2. DIAPOIESE.

### A DRAMÁTICA GESTALTIFICATIVA DA DIALÓGICA DA AÇÃO.

Afonso H L Fonseca, psicólogo

É interessante pensarmos que a lógica da dialógica, o diassentido, da dialógica, é poiética. E a poiética, diapoietica, é eminentemente dialógica. Dialógica e diapoietica, eminentemente estéticas. Estética, diapoietica, e dialógica. Eminentemente criação, formação, gestaltificação, na poiese dialógica do episódio de sua instantaneidade momentânea. A experimentação e a hermenêutica gestaltificativas, formativas, criativas, além de dialógicas, são intrínseca e eminentemente poiéticas. No sentido forte do termo.

O *dialógico* é uma característica da ação, da dramática do episódio da ação. Ação cuja dramática é eminentemente dramática da poiese, em seu aspecto cognitivo -- a compreensão --, e de musculação compreensiva.

Não simplesmente *poiese*, a *dialógica* da ação é, sempre, **diapoiese. Diapoietica, diapoiese.** Sempre.

Relação interativa com a alteridade do tu, característica da momentaneidade instantânea do episódio da ação. O modo ontológico de sermos.

*A momentaneidade instantânea da vivência ontológica é toda ela (o vir a ser, a poiética, da) ação, como já diria Buber. Toda ela poiese, atualização de possibilidades, formação, criação, gestaltificação... O vir a ser formativo, criativo e superativo, performático, de algo inédito, que não existia, e que vem a ser, como devir, pela ação.*

Toda ela dialógica, na momentaneidade instantânea da duração seu episódio. Toda ela lógica, ontológica, fenomenológica. A lógica dramática da dialógica, diapoiese. Especificamente pré-reflexiva, e pré-conceitual, enquanto modo de sermos.

A poiese, a dramática da ação, enquanto compreensão e musculação, é sempre a lógica da dialógica, a *lógica do sentido*. De modo que a poiese, *diapoiese*, é, sempre, lógica, dialógica; ontológica, fenomenológica...

O que a poiese, a diapoiese, **não é, é descrição.**

Enquanto vivência de individualidade.

A poiese não é discreta, ou seja, operada por individualidades, em sua momentaneidade instantânea e própria.

Individualidades, que, conceituais, seriam subjetividades.

Subjetividades que, no fundo, apenas são objetividades. Não traem a sua condição objetiva de específico afastamento da dramática da ação.

A vivência poiética, a dialógica, constitui-se como pontualidade da dramática da ação na promiscuidade indiscreta da implicação. Em sua multiplicidade. Só de onde emerge, enquanto desdobramento de possibilidades, como dialógica eu-tu dação. Em seu caráter cognitivo e musculativo de compreensão. Eminentemente condensado na vinculação dialógica interativa de uma dualidade eu-tu.

Na momentaneidade instantânea da vivência do desdobramento da ação. Que, assim, organiza-se na vinculação da dualidade interativa indissociável da dialógica, diapoiese.

A organização da multiplicidade na apuração da interação eu-tu, inerente a vivência dialógica, especificamente diapoética, e a sua organização na dramática da vivência da implicação *apurativa* definem o seu caráter pré-conceitual. A apuração implicativa da multiplicidade, em sentido, na implicação, caracteriza o caráter pré-conceitual da vivência ontológica da dialógica diapoética.

Eu-tu **não são subjetividade e objetividade**, objetividades, individualizadas. Discretas. Estagnadas.

Na momentaneidade instantânea da duração do episódio de sua vivência, constituem-se *apurativamente* na promiscuidade compreensiva da multiplicidade da implicação.

Como vivência de multiplicidade de forças que competem e argumentam entre si, e apuram, implicativamente na constituição do sentido da compreensão e da musculação.

Nutrem-se na vivência da promiscuidade compreensiva da implicação. Nutrem-se da vivência indiscreta da promiscuidade da multiplicidade de possibilidades. Da multiplicidade de forças ativas e auto-organizativas, em desdobramento.

Que, implicativamente, de modo cognitivamente compreensivo, organizam-se como sentido, na compreensão, e na musculação, da ação. Da vinculação eu tu da dialógica da dramática da poiese, diapoiese, da ação.

No processamento da vivência ontológica da momentaneidade instantânea da poiese da ação, a condensação do eu é, e permanece, muitos; a condensação do tu é, e permanece, muitos; a condensação do eu-tu é, e permanece; muitos. E, sobretudo, ativos. Na dança errante, e intensional, da implicação compreensiva.

Temos, aí, um aspecto maior da lógica dialógica da vivência da poiese, da diapoiese.

*O não ser objeto.* Como diria Buber. E isto significa ser eminentemente, própria e especificamente, pré-reflexiva, e pré-conceitualmente.

Nem sujeito. Este, apenas um objeto. Sujeito que, em seu sujeito, é apenas um objeto... Fidedigno a sua objetividade, não se nega como tal.

Nem sujeito, nem objeto, o ator, a ação, quem mais? São os agentes da dialógica da poiese. Da dramática da ação.

Assim, dramático (ativo), intensional (na vivência da tensão do desdobramento de possibilidades) e pré-reflexivo (modo de sermos anterior à constituição de sujeito e objeto), o ator não é um exPECTador, esPECTador. Não está *fora* da persPECTiva. Da PersPECTivação.

A própria vivência ativa do ator é a persPECTiva, persPECTivação, drama. Na pontualidade da vivência da instantaneidade momentânea da duração do episódio da dramática da ação. Dialógica, diapoiese, a própria vivência do ator é drama, dramática.

É o próprio drama da poiese, diapoiese, da dialógica da ação. Da ação do devir, do devir da ação.

Não expectador -- na episoidia de sua momentaneidade instantânea --, o ator é um insPECTador. A ação é insPECTação.

Ele, a sua condição, é a própria persPECTiva, persPECTivação.

Compreensão e musculação, a persPECTivação é ação.

É insPECTação.

Num modo de sermos, trivial, em que não vigoram objetos, nem objetos sujeitos.

No vir a ser de sua dialógica, e diapoiese, a vivência do ator é assim, própria e especificamente **pré-reflexiva. E pré-conceitual**, na multiplicidade de sua implicação.

**Moção**, intensional, do desdobramento de possibilidades, do devir dialógico e diapoietico da ação.

A vivência enquanto eu do ator, enquanto eu-tu, é moção. A vivência do tu do eu-tu, é ação. A vivência da dialógica diapoietica da interação, eu-tu, é ação.

É vivência da movimentação existencial rítmica da errância pela multiplicidade de plexos de possibilidades, gestalts, da implicação muscullativa, e compreensiva. Da dialógica da poiese, diapoiese, dialógica, da dramática da ação.

Temos assim dois aspectos fundamentais da momentaneidade instantânea da vivência da dialógica da diapoiese da ação. Ela não é objetiva. Nem é subjetiva -- o que daria no mesmo. Ela é pré-reflexiva.

E, em sua multiplicidade implicativa, a dialógica diapoietica da ação é **pré-conceitual**.

Atualização de possibilidades, ela é movimento, movimentação. Ela é **moção**. Movimentação existencial, compreensiva, e muscullativa.

E, exatamente enquanto tal, moção, a ação é, em sua momentaneidade instantânea, a vivência do pathos de nossa sensibilidade emocionada. *Comoção, comovente*, ela é a própria vivência da **emoção**. Na duração da vivência da pontualidade de seu desdobramento, como ação. Poiese, diapoiese.

O conhecer, a cognição, são ontológicos.

São, não só próprios ao fenomenológico, mas intrínseca e evidentemente próprios à dramática da ação.

O conhecer é dialógica, porque eminentemente é diapoiese.

É **compreensão** e implicação, caracteristicamente pré-reflexivas e pré-conceituais. Que, ontológica e epistemologicamente, se distinguem da teórica e da explicação. Da teórica da explicação.

Como implicação, como estética dialógica da poiese. Ontológica. Fenomenológico existencial e dialógica.

E a diapoiese dialógica, moção e emoção, e ainda regeneração, é a própria motivação.

A poiese, diapoiese, a dramática da ação, como vivência do desdobramento de possibilidades, sempre, dialógica sempre, é formativa, performativa, criativa, **criação**. Como vivência ontológica, fenomenológico existencial, da atualização de possibilidades. Não só poietica, é estética; e a estética.

Na duração de sua vivência, a vivência da ação, a vivência poietica, diapoietica, dialógica, é sempre um fazer.

A formação de uma criação. Mas o percurso de um perfazer, que, perfazido, perfaz o pefeito na dramática da ação, como atualização de possibilidades. Em específico, a ação é uma

performance, uma performática, uma formação, criação . Que a constitui formatividade da ação como uma performance.

É performativa, é performance, porque, enquanto vivência pré-reflexiva e pré-conceitual do episódio da ação, é o trânsito de um percurso. O percurso formativo, performativo, da gestaltificação. Como atualização de possibilidades.

E é *performativo* porque, *terceira margem*, é – na duração do episódio poético e estético da ação -- o percurso vivencial, poético e estético, portanto, que medeia entre o anúncio gestaltificativo do projeto da ação e sua conclusão e fechamento.

A vivência do episódio do desdobramento de possibilidades, a vivência do episódio da ação, enquanto retorno presente da força das possibilidades, em sua intrínseca performatividade criativa, é superação do acontecido, da condição da coisidade. Do passado. Na medida em que é, em si, a própria **regeneração fenomenológico existencial**, e a alegria.

Com tais características específicas, a diapoiese, dialógica, da estética fenomenológico existencial da ação, tem suas condições próprias -- pré-reflexivas e pré-conceituais, ontológicas -- no âmbito das quais pode desdobrar-se, com suas características estéticas, como formação, criação, como vivência performática do desdobramento de possibilidades.

Na sua vivência, pois, a ação, desdobra-se no modo pré-reflexivo e pré-conceitual de sermos. O que significa que sua vivência não é objetiva, nem subjetiva. E ela constitui-se no âmbito da vivência da implicação. Não sendo, pois, nem teórica, nem moral, ainda que ética. Muito menos moralista.

Além de ser performático, no modo pré-reflexivo e pré-conceitual de sermos, o episódio ontológico, fenomenológico existencial, da diapoética da dialógica da ação é não causal. Poético, nele a causalidade não vigora.

A abertura que enseja o possível, em sua implicação, faz com que o episódio diapoético e dialógico da ação se caracterize como o desdobramento implicativo de possibilidades. E não o etérel e mecânico movimento do decurso de causas e de efeitos.

Na vivência estética da diapoiese e dialógica da ação, não experimentamos a causalidade, as relações de causa e efeito. Mas a dramática da implicação intensional, no desdobramento de possibilidades, a dramática implicativa da ação.

A ação não é, assim, arbitrária. Mas dialógica diapoiética da estética de atualização de possibilidades. Ação é a vivência da performance da dramática da intensionalidade da dialógica diapoiética.

O modo pré-reflexivo e pré-conceitual de sermos, caracteristicamente, é o modo de sermos no qual não vigora a utilidade.

É o modo de sermos que não é prático, não é pragmático, o modo de sermos no qual não vigoram os úteis, os usos, a utilidade. Ainda que seja o modo de sermos da experimentação e a hermenêutica fenomenológico existencial.

Tradicionalmente, o conhecimento, segundo Aristóteles, pode ser teórico, prático, e poiético.

O conhecimento teórico é o conhecimento reflexivo, do sujeito que contempla objetos. O conhecimento prático é o conhecimento útil, pragmático. O conhecer poiético é o conhecer ontológico que se dá como sentido à compreensão, ao modo ontológico de sermos, inerente à dramática dialógica e diapoiética da ação.

O conhecer poiético, inerente ao modo ontológico de sermos, dá-se num modo de sermos que não é determinado nem mediado pela utilidade. Uma determinação pela utilidade destrói a oportunidade criativa do evento poiético, e o conhecer poiético, em sua inutilidade própria. O conhecimento poiético, e a poiese, em si, são criativos, são formativos, e superam criativamente o acontecido, em seu vir a ser de algo que apenas passa a existir na eventualidade do episódio da ação. Mas seu processo de vir a ser depende da característica da inutilidade do modo ontológico de sermos.

E o modo de sermos da ação não é o modo de sermos da realidade. É o modo de sermos da presença e da atualidade. Da presença e do episódio momentâneo da ação. É o modo de sermos da diapoiética e da dialógica, da dramática, da ação. Modo de sermos da ação, de desdobramento, de exercício, da possibilidade. A presença e a atualidade.

Modo de sermos que, ao exaurir-se o desdobramento das forças da momentaneidade instantânea de seu episódio, constitui-se na instalação do modo coisa de sermos, a realidade. Ao vivenciarmos a diapoiética e a dialógica do modo de sermos da ação, não somos realidade, somos realização; somos atualização, atualidade, e presença.

E não a condição de forças e de possibilidades exauridas, que é a realidade.

São estas condições da diapoietica e da dialógica da ação, condições do modo ontológico de sermos, no qual vivemos a poiética e a lógica ontológica, fenomenológica, dialógica, da dramática da ação.

### 3. O PRÉ DIALÓGICO

#### A disposição estética como pressuposto pré-dialógico

Afonso H Lisboa da Fonseca, psicólogo.

*A estética é o modo de sermos do dialógico, a ética do modo eu-tu de sermos. É -- a estética, a ética da estesia -- a ética, e a metodológica, do dialógico. É a ética da vivência do possível, e do seu desdobramento, no processamento do que chamamos de ação; a ética do potente, e do devir.*

Alternamos entre o modo não dialógico (eu-isso), e o modo dialógico de sermos. Igualmente o faz a *disposição estética*. No modo eu-isso de sermos, modo não dialógico de sermos, a disposição estética se configura como o elemento especificamente *pré dialógico* - que antecede e viabiliza a momentaneidade e a duração do modo eu-tu, dialógico, de sermos. Evidentemente latente, no momento não dialógico, eu-isso. Já que nesse modo de sermos não somos estéticos, mas teoréticos, reflexivos, e comportamentais. Neste modo eu-isso de sermos, possibilitando a diluição da coisidade, que lhe é característica, e a diluição do padrão do tempo coisificado do decurso de coisas, a disposição estética, ativada, leva-nos ao fluxo em direção ao modo dialógico, eu-tu, de sermos. Neste, propriamente, a disposição estética propriamente exerce a sua arte, iluminando a fonte da potência do possível que somos, e, surfando as ondas do eterno retorno de seus movimentos. Da largueza à minúcia destes, e desta a aqueles. Até que, esvaídos do modo potente de sermos, retornamos, incontornavelmente, à coisificação. À latência pré-dialógica -- a pré condição estética do dialógico. E a mais ou menos desimpedida gestação deste.

A compreensão, as concepções e esclarecimentos acerca do modo *não dialógico* - eu-isso --, e do modo *dialógico* - eu-tu --, de sermos é uma fantástica contribuição qualitativa de Martin Buber (cf. BUBER, Martin EU E TU, São Paulo, Moraes, 1983; e DO DIÁLOGO E DO DIALÓGICO, São Paulo, Perspectiva, 1985) à cultura e produção cultural humanas.

Ambos os modos de sermos são ontológicos, no sentido da Ontologia, característicos e definidores do ser humano. E têm cada um, e a alternância entre eles, qualidades ontológicas caracteristicamente definidoras.

A objetividade, e a subjetividade, a causalidade, e a utilidade, os fins e os meios, como características mais gerais do modo de sermos eu-isso, *não dialógico*.

E a não objetividade, e não subjetividade, o dar-se a quem da dicotomia sujeito-objeto; a ausência de causalidade, o modo de sermos fora da ordem do útil e da utilidade; o modo de sermos produtivo, poético, o modo de sermos do possível, da potência, da atualização de possibilidades; o modo ontológico de sermos, modo de sermos de *vivência de sentido*, estésico, estético; modo de sermos do devir, e da superação, que são característicos deste modo eu-tu de sermos; modo *dialógico* e, ontológico.

A alternância entre esses modos de sermos é, conforme Buber, característica do humano.

O modo eu-tu de sermos, dialógico, é vivência momentânea -- o *infinito enquanto dura*. E, nele, não podemos permanecer, ainda que seja o modo ontológico, produtivo e poético de sermos. No qual, a partir da vivência da potência de possibilidades do Ser -- na temporalidade da ação, interpretação, hermenêutica, devenir à ventura, que desdobra possibilidades do Ser --, nos superamos, no limite das finitudes das aporias de nossa existência; criamos-nos e nos re-criamos, a partir da vivência das potências dos possíveis nos quais nos constituímos. Humanizamos-nos e nos universalizamos.

É o modo de sermos, como devir, como vida à ventura da potência do possível, em que nos direcionamos ao que ainda não se concretizou em fato. Modo de sermos que não é da ordem do factual, que não é da ordem da *factualidade*, da *fatalidade* de sermos, modo de sermos que não é da ordem, portanto, do realizado: da realidade.

A partir das potências dos possíveis, seus momentos são pulsativos; e na duração do desfrute de sua vivência, perdem em força, e inexorável e ontologicamente decaem na coisidade do eu-isso, do factual, da *fatalidade*, e de seu decurso de fatos, acontecidos; decurso de coisas.

As aporias da existência, o desespero; ou a afirmatividade das forças das meras potências dos possíveis -- que rompem a *crosta* da fatalidade do modo eu-isso de sermos, que rompem a *crosta* da coisidade, e da inércia do movimento inerte de seu decurso de fatos, decurso de coisas --, as aporias da existência, o desespero, abrem-nos, sempre mais uma vez, e sempre, ao eterno retorno ontológico, do âmbito da geração do possível, do âmbito da geração da possibilidade, da potência e do sentido, da formação e da forma, *performance*, em sua *performance*. Abrem-nos, ao dialógico, à *ventura*, e à alegria de superação, promovidas pela potência formativa do possível, do poético, do eu-tu, do dialógico.

Potência que é já afirmativa, que é difusamente pré-compreensiva, no seu turbilhão inequívoco, e difuso, de potência; que é, e devém, incerta, em seu momento de gênese, arriscada, e que de nós exige a *nossa afirmação*, *afirmação da afirmação* que ela é. Que nos exige a identificação com ela com que ela se configura performativamente.

Que, no esgotamento de sua pulsatividade, no seu decaimento, mais uma vez conduzirá ao factual e fatal domínio do eu-isso, da realidade, e de seu tempo de coisa.

Nada de errado com a distensão dos tempos decorridos do eu-isso -- o próprio Buber esclarece. O modo de sermos eu-isso faz parte da ontológica do que somos, junto à alternância com o modo de sermos eu-tu.

A fragilização desta alternância é que nos reduz à fatalidade, ao acontecido, ao mero decurso das coisas, em detrimento de nosso retorno à temporalidade potente, criativa e poética do eu-tu, que nos permite a ação e a superação.

O modo eu-tu de sermos, dialógico, tem assim características muito peculiares.

É *ontológico*, nos dois sentidos, um não fenomenológico, e o outro fenomenológico, que a palavra comporta: ou seja,

(1) Ao nível da classificação da Ontologia, como modo de sermos que caracteriza a distinção e a particularidade dos seres que somos enquanto humanos; e;

(2) Como modo de sermos que se caracteriza como vivência -- compreensão, implicação, e não explicação --, poética, potente; como vivência do sentido, *logos, onto-logos*. Que se desdobra como ação, interpretação, como hermenêutica compreensiva, e fenomenológico existencial.

Como observamos, o modo eu-tu, dialógico, é um modo de sermos no qual não vigora a objetividade, nem a subjetividade. Caracteristicamente -- pura intencionalidade -- é um modo de sermos em que sujeito e objeto se imbricam e implicam tão necessariamente, e anteriormente a qualquer possibilidade de dissociação. Um modo de sermos em que não faz sentido o sujeito em si, ou/e o objeto em si.

Na momentaneidade do modo dialógico de sermos, eu-tu, estamos para alguém do modo eu-isso de sermos, no qual vigora caracteristicamente a dicotomia sujeito-objeto. O modo de sermos eu-tu é a momentaneidade de um modo de sermos caracteristicamente impregnado de nossa implicação com uma alteridade, o tu. Mas tudo que o tu *não* é objeto...

Assim, no modo dialógico de sermos, somos relação eu-tu, mas não estamos, e não somos, no modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto; dicotomização esta, característica do modo eu-isso de sermos.

O dado de que todo o modo de sermos do eu-tu é, propriamente, *ação* (Buber), interpretação fenomenológico existencial, compreensiva, oriunda na vivência e desdobramento de possibilidades que são características deste modo ontológico de sermos, confere a ele algumas características próprias.

Ele, este modo ontológico de sermos -- apesar de, nele, não sermos da ordem do útil e da utilidade --, é o modo de sermos poético; ou seja, o modo de sermos produtivos, criativos, a partir da atualização, da ação, ou seja, do desdobramento, da potência das possibilidades que lhe são inerentes. Os desdobramentos dessas possibilidades detonam-se no limite, na aporia, na finitude, e têm, assim, o alto valor existencial de se performarem como formas de superação. Mas, formas de superação que se configuram despropositadamente, esteticamente, na vivência de sua performance.

(Não há devir no modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, eu-isso. O sujeito não é o agente, o agente não é o sujeito; o agente é o próprio pró-jeito, pro-jeito. Nunca sujeito, ele é o próprio 'jeto', o próprio jato, projeto, 'projato'. O 'jato, do pró-jato, projeto, é a projeção em ação, interpretação fenomenológico existencial, das possibilidades que inerem e impregnam o modo eu-tu, dialógico, de sermos, que é anterior ao modo de

sermos, eu-isso, em que vigoram a objetividade, e a subjetividade. E, igualmente, as relação propositais de causa e efeito, a utilidade, e, especificamente, a própria realidade).

O *despropósito* é, assim, uma característica inerente, condição de possibilidade da ontologia do modo dialógico, eu-tu, de sermos. Todos os úteis e todas as utilidades são criados desta forma em sua originalidade e qualidades úteis. Mas o despropósito permanece como característica fundamental do modo de sermos de sua criação. Ou seja, a direcionalidade do movimento é a partir da força da ignota e pré-compreendida, compreensível, da possibilidade em seu de dobramento. Que é, necessariamente, superativa, mas que não pode ser simplesmente usada, ao modo de ser de um objeto, até porque estamos fora do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto...

Assim, as possibilidades que, na sua vivência e desdobramento, se atualizam em úteis e utilidades, na duração do modo de sermos eu-tu, têm o irremediável valor da originalidade, e da força, da criação, e da superação; mas se constituem despropositadamente, na duração modo dialógico, eu-tu, de sermos. E a vivência de seu processamento não é da ordem da utilidade, nem matéria prima de utilização -- mas de *desfrute*.

E temos aí a questão fundamental, entre o desfrute e o uso, como caracteristicamente respectivos ao modo de sermos eu-tu, e eu-isso.

Isto faz com que o modo de sermos eu-tu, o modo de sermos da dialógica, não seja o modo de sermos de uma *prática*, não seja pragmático, mas poiético. Já que a prática se define pela utilidade, e pela funcionalidade, pela ação funcional. O modo de sermos da dialógica, modo eu-tu de sermos, é todo ele da ordem da ação, da ordem da produtividade, da ordem da poiese, da ordem criação; mas ação, produtividade, poiese e criação eminente e caracteristicamente despropositais e disfuncionativas em sua vivência.

E os momentos do modo de sermos eu-tu são... dialógicos. São *dia*-ação, *inter*-ação, *inter*-pret-ação, *inter*, *dia*. Ou seja, constituem, e constiuem-se em sua particularidade como um *âmbito* – de sentido -- *de ser*, *de devir*, uma esfera vivencial e de brotamento de sentido, como brotamento de possibilidade.

Um *âmbito* que se caracteriza por nos envolver, e simultaneamente nos implicar -- numa relação produtiva e de superação -- com um desconhecido, com uma diferença, com uma alteridade radical – com um outro, um *tu* (tu este que pode se constituir na esfera da relação com a natureza não humana, na esfera da relação inter humana, e na esfera da relação com o sagrado. Seja na relação com “outros”, seja na relação “conosco mesmo”, como se isso fosse possível... Buber notifica, assim, que o dialógico ocorre na esfera de nosso ser com a natureza não humana, de nosso ser ao nível da relação com outros seres humanos, e de nosso ser na relação com o sagrado.). Na pontualidade vivencial que a ele, o alteritário, o tu, nos remete e implica; e que o remete para nós e conosco o implica. De um modo reciprocamente provocativo, e que nos configura numa performance compartilhada de produção de sentido, e de ação.

No âmbito que se constitui como dialógica somos com o outro um acesso ao poço do possível, e performamos, atualizamos, enquanto tais, as possibilidades que o âmbito de nossa interação faculta.

São essas algumas das características próprias do modo de sermos eu-tu, sem a intenção, naturalmente, de sermos exaustivos.

Temos, assim, o modo de sermos eu-isso, o modo de sermos eu-tu, a cíclica alternância entre ambos.

É interessante entendermos que esta alternância não se dá de um modo mecânico, automático. Na alternância saudável entre os modos de sermos do eu-isso e do eu-tu – modos não dialógico e dialógico de sermos –, anuímos, aquiescemos em uma ética, em um modo de sermos. Uma ética e modo de sermos, que, basicamente, nos tornam permeáveis a, e que nos faculta e facilita a estesia – ou seja, uma estética – uma ética da estesia, uma ética da vivência.

Isto porque o dialógico, o modo eu-tu de sermos, é eminentemente estésico, e só esteticamente se dá, e é possível.

O modo eu-tu: o modo dialógico de sermos, não é reflexivo, não é teorético, nem é comportamental. Ele é o modo fenomenológico e existencial de sermos. Que é pré-reflexivo, que é pré-comportamental, e que envolve a vivência do corpo, do vivido, e dos sentidos, numa estesia, no modo estésico de sermos -- que se dá eminente e propriamente como, e que, eminente e propriamente demanda, uma estética: uma ética da estesia, como ética da dialógica, como ética da ação, e como ética do devir.

A dimensão do modo de sermos eu-isso não é estética, não é vivência, nem arte, não é estésica. Mas a disposição estética, latente no modo de sermos eu-isso, pode sempre se atualizar, permitindo, possibilitando e potencializando a alterância entre o modo eu-isso e o modo eu-tu de sermos.

Neste modo eu-isso de sermos podemos ser permeáveis, ou não, à estética, a ética da estesia. Podemos ser mais ou menos permeáveis à regularidade cíclica dos apelos para os mergulhos e às imersões estéticos. Mergulhos e imersões na estesia, na vivência pré-reflexiva, pré conceitual, fenomenológica, existencial, potentes, possíveis, e possibilitativos, nos quais se constitui a momentaneidade do dialógico, do modo de sermos eu-tu.

A regularidade da experimentação constitui a perícia, a ética, que envolve a familiaridade com arte pré-reflexiva, fenomenológica e existencial da dialógica; ao mesmo tempo em generaliza-se e se homogeneiza, permitindo ao eu-isso uma permeabilidade, e uma transitoriedade, uma alternatividade com modo estético de sermos, com o modo dialógico de sermos, modo eu-tu de sermos.

De forma que o que permite a alternância e a superação da impermeabilização entre o eu-isso e o eu-tu; entre o não dialógico e o dialógico, é, basicamente, uma ética. Ou seja, a est-ética, estética, a ética da estesia. Que é especificamente, nesse caso, uma pré-dialógica.

Que, das cristalizações do eu-isso, do não dialógico, permite a anuência e o mergulho, e a imersão, na relação com a alteridade; a anuência e a imersão no vivencial da alteridade, no fenomenológico da alteridade, no existencial da alteridade, no pré-conceitual, pré-teórico da alteridade; na alteridade dialógica da alteridade como tu; no pré-comportamental da alteridade, na dialógica da alteridade. Nos quais podemos, como Buber diz, endereçar a nossa palavra à alteridade, e ouvir à alteridade enquanto palavra.

Porque, ainda que não sejamos um, mas a irrecorrível dualidade de um eu-tu, estamos necessariamente implicados neste instante na dialógica de atualização e

encarnação de potências, possibilidades, alegres em sua potência, e que querem vir a ser, e superar.

A disposição estética, como ética e como metodológica, percorre ambos os momentos dos modos não dialógico e dialógico, eu-isso e eu-tu, de sermos.

A disposição estética repousa na momentaneidade do não dialógico, do eu-isso, como uma onda repousa no fundo do mar. Admite e convive com a normalidade do modo eu-isso de sermos, e com a sua funcionalidade, como o momento próprio da quietude de um repouso.

Mas é também a fenda no monolitismo e na dureza do eu-isso, do não dialógico. A fenda que permite o seu esvaimento e fluxo de seu monolitismo e dureza na direção do modo de sermos *encantado* do eu-tu, do dialógico.

No âmbito encantado deste, a estética, a disposição alegre da estética, está em seu meio próprio. Ela ilumina a fonte pululante do possível, que somos nós. E se exerce como arte, surfando diligente e minuciosamente nas possibilidades, iluminando-as, trazendo-as à luz, de um modo meramente compreensivo, ou compreensivo-e-muscular, atualizando-as. E aí, magicamente, encantada e encantadoramente, exercemos a nossa banal, porque ontológica, capacidade de *fazermos brotar efeitos visíveis do invisível (I Ching)*.

A disposição estética é assim o pré-dialógico. Ela transita entre o não dialógico, eu-isso; e o dialógico, eu-tu. De modos mais ou menos latentes, como pré-dialógico, no modo de sermos eu-isso, a disposição estética é a ética que nos faz transitar do não dialógico ao dialógico. No âmbito do dialógico, a estética é a ética, a metodológica, que permite a iluminação da fonte do possível que somos em nossa ontológica. E que permite a abertura à potência do possível, em sua atualização, que igualmente somos. Esgotada em coisa a potência do possível, teremos voltado à condição, ao tempo, e ao movimento da coisidade. E à latência sonsa da disposição estética.

## **4. INTERDIÁLOGOS DA SINCRONIA DO DIÁLOGO DA ESTÉTICA DO *CLIC*. À DIACRONIA DA ESTÉTICA DIALÓGICA COM O REGISTRO.**

### ***ESTÉTICA DA FOTOGRAFIA***

P'rá Sebastião Salgado.

Afonso H L da Fonseca, psicólogo (ahl.fonseca@gmail.com).

A experiência da contemplação de uma foto de Sebastião Salgado é a experiência de um sequestro...

Um sequestro no tempo.

Como na estética de toda obra de arte, somos sequestrados, do tempo comum, para o tempo fenomenológico, e dialógico, da vivência. Do tempo acontecido, para o tempo como acontecer. Do tempo como feito, como fato. Para o tempo do fazer.

E, aparentemente, só aparentemente, sofremos uma paralisia.

Na verdade, saímos da paralisia. Saímos da paralisia do tempo paralítico, do tempo paralítico da inércia; do inerte decurso, apenas, das coisas; para o tempo da ação. Para o tempo eminentemente form-ativo da ação. O tempo da moção, comoção; o tempo formativo da emoção, da motivação; o tempo emocionado da formação, da criação...

Dentre muitas impressionantes, há uma fotografia nesta inominável série *Genesis*, da obra de Salgado, em que um grupo de pinguins, sobre uma geleira, na borda do mar, incrivelmente se organiza em fila indiana, paciente e ordeiramente, para que cada um dos indivíduos pule, sequencial e ordeiramente, no mar. A plataforma é descendente, e eles precisam equilibrar o peso dos corpinhos rechonchudos para compensar a gravidade, e não rolar, derrubando os companheiros da frente. Uns oito a dez pinguins, em fila indiana, compensando a gravidade, e esperando *que a fila ande*. Enquanto os primeiros se lancem ao mar.

A foto registra o exato e momentâneo instante em que um primeiro da fila se lançou... E já não está mais na plataforma gelada. Mas ainda não atingiu o mar. Bracinhos abertos, inexoravelmente desaba no vazio. Mas está, ainda, como se estivesse a meio caminho

entre a plataforma, onde esperam seus companheiros, e a superfície do mar...

Surpreendo-me aparentemente parado, quando vejo esta foto...

Aparentemente aguardando que o pequeno pinguim complete o seu trajeto, e, finalmente, mergulhe... O pinguim está parado. E eu espero que ele caia. O pinguim está parado, e realizo, complementarmente, o movimento de sua queda. E mergulho.

Mas é só uma foto... Não é um filme...

O pinguim não vai cair de seu pulo a meio caminho instalado na foto...

Paralisado na ação do instante, instantaneamente ativa-nos em sua paralisia...

Tal é a grandeza dialógica da estética da arte fotográfica, tal é a grandeza da arte de Sebastião Salgado...

O artista fotógrafo faz uma escalonação de instantes, uma *interdialógica*.

A *interdialógica* entre o dialógico instante performático do *clic*, e a performance do instante da dialógica da inter ação do suposto espectador -- na verdade *inspector*, ator -- com o tu incubado, e inacabado, na foto.

Atores ambos. O artista fotógrafo, e o momentâneo artista contemplativo da foto; na momentaneidade da performance, formativa, da dialógica com o tu incubado na foto.

O ato fotográfico é *um médium* da escalonação de instantes improváveis. Interdialógica de instantes.

Do fatal e dialógico instante da improvisação da ação do *clic*, com o instante no qual nós -- dialógica e improvisativamente, performaticamente -- interagimos, na foto, com a fatalidade performaticamente instalada pela improvisativa ação do *clic*.

Os instantes especificamente são, enquanto ação, interação, especificamente *dia logos*. Dialógicos.

A momentaneidade instantânea do sequestro -- sequestrados que somos -- do tempo do fato, do tempo do acontecido, da instalação na coisidade --, para a temporalidade, efetivamente, temporalização, do fazer, performance, performativo. Sequestrados que somos para a temporalidade do acontecer. A temporalidade da dramática da ação, da interação. Que é diálogo -- *dia logos*.

Que, na própria hermenêutica de seu acontecer, é inerentemente o dual encontro com a diferença.

Que, como dizia Buber sobre a possibilidade, *não somos nós que criamos. Mas que não acontece sem nós*. Que não acontece sem a performática da improvisação dramática da vivência do desdobramento de possibilidades, do desdobramento da ação...

Até a momentaneidade instantânea do *clic*.

Que, especificamente, é o desportamento da ação.

Nunca comportamento. (Como observava Hannah Arendt. acerca da diferença entre *comportamento* e *ação*).

Desde o início – anteriormente mesmo ao início, *pret ação, inter pret ação* --, a dramática da momentaneidade instantânea do *clic* é diálogo. É *dia logos*. É *logos*, é sentido.

Sentido que se constitui como esfera hermenêutica intermediária de produção de ação, e de sentido -- de *inter ação, na vinculação eu tu*. Eu e tu que, na sua intrínseca vinculação, interagem como forças formativas. Um tu e um eu, possíveis, um eu-tu possível, em suas atualizações. Dramáticos, imprevisíveis, incontroláveis, improvisativos.

Nem *objetivos*, nem *subjetivos*, mas própria e especificamente *jetivos*. Porque pressão, ex-pressão, ex-pulsão, de forças, potentes, possíveis, possibilidades, ação.

Um tu e um eu, a sua ação, a sua *fenomenática*, a sua formativa performática, criativa, a sua criação. Não causais, não causados, nem causativos, não práticos, nem pragmáticos, inúteis, e despropositais.

Irreais. Porque possíveis. Possíveis em ação... Atualização. Acontecer.

Em tudo diversos da realidade do acontecido, que é a realidade. A acontecida e inerte realidade da coisa.

Tal é o diálogo, como esfera do modo eu tu de sermos da interação.

No caso, na momentaneidade instantânea do *clic*.

O diálogo eminentemente *genético*: de onde provém, de onde se gera e regenera, a fatalidade da foto. A foto como fato. O fato, o feito, como foto.

Mas, na arte da foto – nem sempre na experiência do fato, *fatalidade* --, mas na arte da foto, bem instalado no fato, o diálogo está; o diálogo está instalado na foto; o possível dorme no real. Sorrateira, a possibilidade está instalada na realidade do fato feito pelo *clic*, a foto, o fato *per-feito*, performado, pelo fotógrafo. Que, na

instataneidade momentânea da performance de sua ação, é todo ele e ele todo olho e *clic, ação, drama*.

Porque o drama do *clic*, a performática do clic, na dialógica, cria, constitui uma forma. Forma na qual se constitui e se instala uma diferença possível. Um tu instalado na coisidade.

Um tu de tal modo instalado, que em sua potência, em sua possibilidade, se constitui como provocação...

A foto é um fato, é uma coisa. Que como tal contém em si instalada uma provocação. Um incúbo dialogante.

Como ensinava Caieiro, no [seu Menino Jesus](#)...

*A mim ensinou-me tudo.*

*Ensinou-me a olhar para as coisas.*

*Aponta-me todas as coisas que há nas flores.*

*Mostra-me como as pedras são engraçadas*

*Quando a gente as tem na mão*

*E olha devagar para elas.*

(...)

*Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas*

*No degrau da porta de casa,*

*Graves como convém a um deus e a um poeta,*

*E como se cada pedra*

*Fosse todo o universo*

*E fosse por isso um grande perigo para ela*

*Deixá-la cair no chão.*

É curioso, porque o ser humano do ser no mundo é também assim. Um ente especificamente empenhado de *pres-ente*, de possível, de possibilidade... Um ente, inatual, impregnado de presença, e de atualidade. Um ente fatal que possui um incúbo dialogante. Um acontecido que perene e permanentemente gesta o acontecer.

Para dar conta desta condição, Heidegger diria que *o homem é ôntico e ontológico. O ser hermenêutico por excelência*.

*Ser no mundo, mundo do ser, a foto é isso.*

Um ente, uma coisa, um acontecido, dialogante. Incubada de um acontecer dialogante nela instalado pela arte da performática do *clic*...

Ou seja, a foto é um fato que instalado contém um tu potente, e pontualmente provocativo. Um tu que se oferta à estética pré-dialógica, e dialógica -- de quem sabe ver, e, em específico, de quem pode ver. Visualizar, visar, *improvisar, improvisualizar*. E criar.

Tal como improvisou o artista, tal como **improvisualizou, e criou**, quando de sua improvisativa dramática na performance do *clic*.

E, quem pode ver é, estética e inesperadamente, improvisativamente, atingido, pela provocatividade de um tu dialogativo. Que a dramática do artista fotógrafo instalou na coisa foto, no fato foto. E que se oferece como *logos dialogativo*, na instantaneidade momentânea.

Oferece-se o tu, assim, potente presença dialógica, porque o artista fotógrafo efetiva e caprichosamente percorreu a duração da vivência do movimento -- moção, emoção -- da temporalidade do acontecer de um encontro dialógico.

E guardou-o, na culminação de seu *clic*. Instalou-o, na foto. No fato, na coisa. Com a virulência mansa, ou revolta, de sua provocatividade.

É esta provocatividade dialógica, do tu instalado na coisa, que nos sequestra da experiência ôntica do tempo acontecido; para a temporalidade ontológica do acontecer. Esta provocatividade de que a foto está impregnada, de que a foto é prenhe. A provocatividade do tu. Que nela instalou a arte da fotografia.

Provocatividade que nos sequestra, da experiência do tempo coisa, para a temporalidade do eterno retorno do diálogo e do dialógico, como diria Buber.

Mediário, intermediário, *médium* -- o artista mediou, intermediou, através de sua arte -- da instalação em sua foto de um tu provocativo --, a transcrição escalonativa da momentaneidade instantânea.

De seu originário encontro e diálogo inicial, para a possibilidade, e na possibilidade, da dialógica de um novo evento.

Um novo momento, nova momentaneidade instantânea.

Na qual um eu -- que não estava no momento originário -- dialoga -- não com um fato feito foto, acontecido. Mas com o provocativo tu que nela está incubado. Tu incubado em coisa que, de coisa, em atualidade e presença se torna, no âmbito de uma nova interação. Que, numa instantaneidade momentânea, massivamente, nos reduz e homogeniza, nos exclui, numa interação dialógica, que se dá como linguagem e fala provocativas... Como logos.

Mais uma vez, o encontro e o dia-logos. O *compartilhamento de sentido*. *Compartilhamento de sentido, dia logos*, que é interação eu-tu entre eu e tu. Interação entre um novo *espectador ator* (como diria Nietzsche) e a foto.

A foto assim mediatiza inter diálogos.

O artista fotógrafo e sua foto são médium, *media*, intermediários, mediadores.

Da instantaneidade momentânea de distintos momentos dialógicos. O seu, quando da performática do clic; e o do *inspector* posterior.

É assim que Sebastião Salgado entendeu que, para registrar os intocados mundos e povos da terra, a natureza da terra intocada pela modernidade – quarenta e cinco por cento da terra --, ele precisava não apenas de seu olho, e de seu clic. Ele precisava conviver com estes mundos perdidos, Efetivamente dialogar com estes mundos divinamente perdidos... Até o momento de sua foto como interação...

E, na foto, de fato -- registro não do fato, mas do ato, da momentaneidade instantânea da dramática de seu encontro com eles --, oferecê-los a nós outros. Oferecê-los como humanidade, tantas vezes negada e desconhecida, ao resto da humanidade.

Com esses mundos divinamente perdidos ele conviveu, por quatro anos...

Até que o clic, e o fato resultante -- a foto --, resultasse de uma interação no encontro dialógico. E resultasse numa possibilidade de interação.

Interação, dia logos, em que a diferença, a alteridade, pudesse, *sui generis* potente, possível, se instalar, incubar-se como um tu, como uma diferença, que retém integral a sua provocatividade... Como um provocativo tu. Instalado na luminosa coisidade da foto. *inter diálogos*.

E, *inter diálogos*, pudesse efetivamente provocar em novos momentos, e a novos atores. Sequestrados da temporalidade de suas condições de coisa, e lançados inesperadamente nas condições das temporalidades jmprevisíveis e improvisativas da ação. Inter ação.

Devemos a Salgado não só as fotos... Mas o representar-nos a nós outros na experimentação intensional da convivência e registro de sua convivência com os povos, pessoas e lugares desses mundos...

E a ele devemos a oferta qualitativa, além de generosa e abundante, das possibilidades de diálogo com mundos, povos e pessoas desconhecidos, e tão nossos. Dos quais, por incrível que pareça, fazemos parte; e que de nós fazem parte...

Além de devermos sempre as possibilidades de compreensão da estética da foto. Da Antropologia e da Ontologia da foto, e do Humano, e do Mundo.

## 5. Dialógica

Afonso H Lisboa da Fonseca, psicólogo.

**Ontológico, fenomenológico, lógico, o modo pré-reflexivo, fenomenológico e existencial de sermos, compreensivo e implicativo, gestaltificativo**, é, própria, e especificamente, **dialógico**. **Modo eu-tu de sermos**, segundo a designação de Buber. O **modo dialógico de sermos** é, assim, **ontológico, fenomenológico, e existencial; compreensivo e implicativo, gestaltificativo. Presente, presença; ação, atualidade.**

**Lógico** quer particularmente dizer que o **modo dialógico** de sermos, ontológico, fenomenológico, **é cognição**. É o modo de sermos da **consciência pré-reflexiva, fenomenológica**, na vivência do qual experienciamos **logos, sentido**. O **logos**, o **sentido** que nos distingue como humanos. O sentido que é assim **ontológico**. Uma vez que **caracteriza este ser que vivencia logos, que vivencia sentido** -- e que, por isto, **é um ser lógico: ontológico...**

Logo, **o ser que vivencia o sentido é ontológico.**

E é ontológico **o sentido** que vivencia o ser que vivencia o sentido.

O termo ontológico conceitua e define, assim, tanto **o ser** que é ontológico; como **o sentido**, que é ontológico. Definindo, também, **o modo ontológico de sermos de vivência do sentido**, que é o modo ontológico de sermos, o modo de sermos em que vivenciamos o logos, o sentido. **O modo de sermos da implicação.**

Alternativamente, podemos, também, ser **o modo de sermos da explicação** (teorética, e comportamental). Que não é lógico. Não é fenomenológico, não é ontológico, não é dialógico. Sobretudo porque -- o modo explicativo, modo eu-isso, de sermos --, não é o modo de sermos da vivência do sentido. Ontológico, fenomenológico, dialógico...

Fenomenológico em momento algum quer dizer o estudo do fenômeno.

Fenomenológico quer dizer **o sentido** do fenômeno. O **logos do fenômeno**, fenômeno logos, fenomenológico.

Os fenômenos se constituem como **forças que vivenciamos no modo pré-reflexivo de sermos**. As **possibilidades**.

Vivenciamos as **possibilidades** porque, nos seus desdobramentos, como forças que são as **possibilidades**, intrinsecamente, se constituem como logos, como sentido, como **cognição**, como **consciência**. Mas, como cognição, como consciência, especificamente pré-reflexivas, compreensivas, implicativas. Ontológicas, fenomenológico existenciais.

O desdobramento das possibilidades é, assim, fenomenológico.

O logos é fenômeno logos, é fenomenológico, pela constituição da possibilidade em consciência pré-reflexiva no seu desdobrar-se atualizativo.

O fenômeno é lógico. Como a vivência do desdobramento cognitivo de possibilidades.

Sendo o fenomenológico, assim -- o desdobramento cognitivo de possibilidades --, o sentido do fenômeno.

O mesmo fenômeno que é ontológico, e é fenomenológico, é, igualmente, **dialógico**.

Uma das maravilhas deste modo de sermos...

O **modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, compreensivo e implicativo, gestaltificativo**, é, própria e especificamente, **dialógico**.

O modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, compreensivo e implicativo, gestaltificativo, é um modo de sermos que, ainda que comum e corriqueiro para qualquer ser humano, tem características muito peculiares. Principalmente quando tomamos a realidade do modo não implicativo, explicativo, acontecido, de sermos como referência. Características corriqueiras que têm substanciais e radicais qualidades, qualidades fenomenológicas, existenciais, dialógicas, compreensivas, implicativas, gestaltificativas.

**No modo ontológico de sermos não vigora a dicotomia sujeito-objeto.**

Modo vivencial, implicativo, de sermos, modo de sermos do acontecer, **o modo ontológico de sermos não é o modo de sermos, portanto, da teórica**. Na qual um sujeito, acontecido, atualizado, desatualizado (Buber, toda a atualização implica uma desatualização), contempla um objeto, igualmente acontecido, atualizado, desatualizado...

**No modo ontológico de sermos não vigora a causalidade, não vigoram as relações de causa e efeito.** São forças, possibilidades, que se desdobram.

Magistralmente, Buber diria: não sou eu que crio as possibilidades, mas elas não acontecem sem mim...

Além do mais, **o modo ontológico de sermos, não é o modo de sermos da utilidade**. Já que não há sujeito, sujeitado, para o uso de objetos, objetados; não há objetos como úteis, e sujeito para utilizar os úteis objetos...

**O modo ontológico de sermos não é o modo de sermos da realidade.**

Porque é ação, atualização, realização, **acontecer** do desdobramento de possibilidades; e não o modo **acontecido** de sermos da realidade.

Alternativamente, o modo ontológico de sermos é o modo de sermos da possibilidade, e do desdobramento de possibilidades, como ação. E não o **acontecido modo de sermos da realidade**.

Não obstante, vivenciamos a momentaneidade da vivência do modo ontológico de sermos, em cada um de seus momentos, como uma dualidade. Que não é a dicotomia sujeito – Objeto, de sujeitos e obje(i)tos acontecidos;

mas o projeto, o projeto, a projeção, o acontecer, da dialógica da relação eu-tu. Que, em sendo o próprio projeto, projeção do desdobramento de possibilidades, não é sub-jeto, nem ob-jeto. Mas o próprio jato, o próprio jeto, projeto, em sua pressão jetativa, ex-pressão. A momentaneidade da vivência do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo, gestaltificativo, atualidade e presença, é a projeção de um eu e de um tu, de uma inter ação eu-tu, que, alteridades e alterizações vinculadas, própria e especificamente se dão como possibilidades, possibilitações em desdobramento... A dualidade da presença, e da atualização, de um eu que se remete a um tu como possibilidade; e de um tu que se remete a um eu como possibilidade. Criando, neste remetimento mutual e recíproco, a esfera intermediária de uma inter ação. A esfera do entre, do inter, da inter ação.

Esfera inter mediaria eminentemente cognitiva, que se constitui como o âmbito ativo, inter ativo, da dialógica eu-tu.

No modo ontológico de sermos, relacionamo-nos (a) com a natureza não humana, (b) com os outros seres humanos -- individualmente e em grupos --, o inter humano; e (c) com o sagrado. Neste modo ontológico de sermos, cada um dos alteritários parceiros de relação -- natureza não humana, os outros seres humanos, e o sagrado, e o próprio eu do eu-tu --, não são acontecidos. Mas acontecer, possibilidades em desdobramento. Projetos, projeção do desdobramento de possibilidades. Que se dão na dialógica de uma interação eu-tu.

E não objetos.

Da mesma forma que o eu não é o eu de um sub-jeto.

Mas, igualmente, projeto, já que projeção da movimentação do desdobramento de possibilidades.

Como vivência da interação de um eu e um tu possíveis, presentes e atuais, atualizativos; a relação eu-tu se dá como ação, atualização, como inter ação do desdobramento de possibilidades, ao nível cognitivo se constitui como consciência pré-reflexiva, como onto logos, como fenômeno logos, como dia logos.

O **dia logos** se caracteriza como o âmbito de uma vivência compartilhada de sentido, âmbito cognitivo compartilhado (dia) de produção de sentido, desdobramento de possibilidades, ação, atualização, presença e atualidade. Em que um eu e um tu se projetam recíproca e mutualmente vinculados como possibilidades, e constituem a projeção do eu-tu, o dia logos, como o âmbito de uma esfera intermediária de vivência de sentido, de ação, de atualização.

As eventualidades da vivência dialógica do modo eu-tu de sermos são a duração de momentaneidades instantâneas da temporalidade própria dos desdobramentos de possibilidades.

Presenças, atualidades, ações.

São eminentemente gestaltificativas, no sentido de que são formativas – atividades, ação, atualização, de criação de formas --, criação originária e original, como vivência dos desdobramentos das multiplicidades de forças das possibilidades. Formação, formas, onto-lógicas, fenômeno-lógicas, dia-lógicas. Formas, formações, da cognição da consciência na pontualidade da momentaneidade instantânea de seu acontecer, como a ação, a atualização dos processos de formação de figura e fundo.

E são eminentemente formativas, gestaltificativas, no sentido de que as vivências dos processos de formação de figura e fundo, escoam, instalando-se na constituição de **coisas, coisas instalativas**. Formando, desta forma, além de processos cognitivos intensionais de formação de figura e fundo, as coisas do mundo, originais, e originárias. As **coisas**, as **instalações** do mundo.

Cada coisa, feita, fato, não é morta. Vivíssimas são as coisas. Os Xamãs que o digam... Porque, enquanto coisas, as coisas são instalações do possível, instalações de possibilidades, de forças.

Instalação quer dizer, ação lentificada. Ação devagar quase parando.

Mas não quer, de modo algum, dizer falta de ação, falta de possível, falta de possibilidade, falta de força.

Sobretudo, não quer dizer fatalidade. (Buber diria, magistralmente, a única coisa que pode vir a ser fatal ao homem, é crer na fatalidade... Dos fatos, feitos, coisificados). A eventualidade da ocorrência da vivência dialógica do modo eu-tu de sermos dissolve o caráter estabelecido dos fatos coisificados, instalados como coisas. Dissolve o caráter estabelecido da fatalidade.

O núcleo das coisas é, também, o Ser. O núcleo das coisas é também a contínua emergência e desdobramento do possível, da possibilidade, a ação. Que lá dormita, como a brasa coberta de cinzas. Até que possamos para a coisa abrimo-nos, num modo própria e especificamente estético de sermos, o modo eu-tu, dialógico, ontológico, fenomenológico existencial, compreensivo e implicativo, gestaltificativo...

Neste modo de sermos, a coisa se dilui como objeto, o eu se dilui como sujeito, e emerge o eu e o tu possíveis, potentes, do eu-tu, o eu-tu, na relação com o que antes era o eu-isso da fatalidade factual da coisa acontecida, em sua mera instalação. O objeto precisa se consumir, para tornar-se presença... (Buber).

De modo que a vivência do momento ontológico, fenomenológico e existencial, dialógico – eu-tu, compreensivo e implicativo, gestaltificativo, atualidade e presença, ação, sempre escoam, sempre se converte no modo eu-isso de sermos. No fato, na coisa, feita, no isso. Mas, na instalação de cada coisa reside a possibilidade, a força plástica, estética, da eventualidade dialógica, eu-tu, do acontecer.

BUBER, Martin **Eu e Tu**.

FONSECA, Afonso Fatal mesmo é crer na fatalidade.

BUBER, Martin **Eu e Tu.**

FONSECA, Afonso Fatal mesmo é crer na fatalidade.

## **6. DIALÓGICA DA ESPERANÇA**

### ***Dialogicidade, Superação e a Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial***

*Afonso H Lisboa da Fonseca*, psicólogo.

CENTRO DE ESTUDOS DE PSICOLOGIA E PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL  
Rua Alfredo Oiticica, 106 Farol 57032-010 Maceió AL Brasil Fone/Fax:082-2218175  
Internet: *e-mail*: affons@uol.com.br *Site*: <http://www.terravista.pt/FerNoronha/1411>  
19982

*“Quando o homem não põe à prova, no mundo, o a priori da relação, efetivando e atualizando o Tu inato no Tu que ele encontra, então ele se introverte. Ele se manifesta ao contato como o Eu não natural, impossível objeto, isto é, ele se desvela ali onde não há lugar para a revelação. Assim instaura-se um confronto consigo mesmo que não pode ser relação, presença, reciprocidade fecunda mas somente auto contradição.”*

**(Martin Buber – EU E TU, p. 82)**

*O nascimento e a abolição do mundo não estão em mim; mas também não estão fora de mim; eles simplesmente não são mas acontecem sempre e seu acontecimento não só se solidariza com minha vida, com minha obra, com meu serviço, mas também dependem de mim, de minha vida, de minha decisão, de minha obra, de meu serviço. Não depende, porém, do fato de eu “afirmar” ou “negar” o mundo em minha alma, mas do fato de eu transformar em vida minha atitude de alma diante do mundo, uma vida que atua no mundo, uma vida atual (...). Porém, aquele que se contenta em vivenciar sua atitude, e somente realizá-la em sua alma, pode ser bem rico em pensamento, mas é sem mundo, e todos os jogos, as artes, a embriaguês, os entusiasmos e mistérios que nele se passam não atingem nem mesmo a pele do mundo. Enquanto alguém se liberta somente em seu si-mesmo, não pode fazer nem bem nem mal ao mundo, não importa ao mundo. Somente aquele que crê no mundo pode ter algo a ver com o mundo. Se ele se arrisca nele, não permanece privado de Deus. Se amamos o mundo atual, que não quer deixar-se abolir, realmente, em todos os seus horrores, se ousarmos enlaçá-lo com os braços de nosso espírito, então nossas mãos encontrarão as mãos que suportam o mundo.*

**(Martin Buber – EU E TU, p. 109-10.)**

*Aí onde cresce o perigo cresce também a possibilidade de libertação.*

**(Martin Buber – EU E TU, p. ) 3**

## **DIALÓGICA DA ESPERANÇA**

**Afonso H Lisboa da Fonseca**, psicólogo.

Corro o risco aqui de que este título pareça demasiadamente romântico. Demasiadamente romântico até como às vezes se censura os escritos de Buber, e até a Psicologia dita Humanista, em geral. Na verdade não se trata disso, e se corro o risco é porque o título é bom, e retrata *substancialmente* uma temática interessante, e em termos existenciais fundamentais, presente frequentemente, ainda que às vezes de modo implícito, na temática das Psicologias e Psicoterapias Fenomenológico Existenciais.

Refiro-me aqui à temática da relação íntima e recíproca, intrínseca, entre a possibilidade efetiva da *esperança* e o processo de sua atualização e a *preservação da possibilidade da abertura para o dialógico*: a possibilidade, preservação e desenvolvimento da potência e criatividade no sentido da superação e transformação de condições dadas, em sua dureza e consistência de fato, pela atualização da experiência do dialógico através da abertura e afirmação da concretude da existência como ser-no-mundo.

Ou seja, mais especificamente, a confiança na e a abertura para a possibilidade do *dialógico*: a entrega e afirmação da concretude da existência, com tudo mesmo que ela possa conter inevitavelmente de *problemático*, de *sofrido*, *pavoroso mesmo*, como condição de possibilidade, como condição de mobilização de potenciais de superação e humana, potente e criativa transformação das condições dadas. Mesmo, e em particular, nos quadros existenciais mais difíceis e desesperançados.

*“Aí onde cresce o perigo, cresce também a possibilidade de libertação... (Buber, 1979. p. )*  
*Se amamos o mundo atual, que não quer deixar-se abolir, realmente, em todos os seus horrores, se ousarmos enlaçá-lo com os braços de nosso espírito, então nossas mãos encontrarão as mãos que suportam o mundo. (Buber, op. cit. p. )*

Por outro lado, a inviabilização desta possibilidade, da possibilidade da transformação das condições dadas, eventualmente difíceis, ou terríveis, quando cessa a *esperança*. Ou seja, em particular e especificamente, quando se enfraquece na pessoa a possibilidade da afirmação e da abertura para o dialógico, quando cessa a disposição ativa para uma entrega e afirmação de si enquanto ser-no-mundo, na facticidade e afetividade de sua existência, *na concretude de sua existência*. É esta entrega e afirmação que é uma entrega à possibilidade do retorno potente da vida enquanto retorno da vontade de viver, que potencializa o devir e a possibilidade da transformação das condições dadas.

Sabemos que os seres humanos têm potenciais que não raro revelam-se como impressionantes. Sejam como potenciais de auto-constituição e criação de si, sejam como potenciais de auto-superação, sejam como potenciais de regeneração, de auto-reconstituição e re-construção e 4

criação de si. Potenciais que revelam-se igualmente como potenciais de auto-superação. Vemos, para ficarmos nuns poucos exemplos, como nos esportes, nas Olimpíadas, por exemplo, os seres humanos se superam regularmente a si mesmos de formas maravilhosas, ao nível da força e habilidade e estrutura de seus corpos; vemos como cada pessoa se supera no processo de constituição de si e de sua vida, como paulatina e meticulosamente conquista o impossível; vemos como as pessoas podem, certamente depois de um período de impotência e perplexidade, paulatinamente recobrem-se das diversas catástrofes possíveis da vida, auto-superarem-se e criarem vidas novas, habilidades novas, capacidades novas, recursos novos, inesperados e insuspeitados.

Vemos igualmente, por outro lado, e com lamentável frequência, a possibilidade do embotamento desses potenciais da existência humana. A vida embotada e soterrada pelas consequências das catástrofes existenciais, os riscos dos naufrágios existenciais, e os próprios naufrágios... e náufragos.

Vários fatores, certamente, marcam a diferença entre a efetivação de cada uma das duas possibilidades: a possibilidade da superação das condições dadas, superação em particular de si próprio, com a criação de novas condições de si e de novas condições situacionais; ou o sucumbir ao peso de uma situação infortunada inevitável, ou ao peso de uma indesejável condição de si, que impõe-se com o peso de uma realidade dada e irrecorrível.

Um desses fatores que marcam a diferença e que não é de se negligenciar, é a disposição para a experiência da esperança. Eu diria mais: a intimidade com a vivência da experiência da esperança. Veja que eu não falo aqui da esperança no sentido moral de um valor, ou da esperança como um princípio, mas da *experiência* da esperança, ou seja, da experiência vivida da esperança. Porquê a experiência vivida da esperança não é teórica, é certamente utópica, mas não é idealista. Ancora-se firmemente numa atitude prática, numa atitude existencial aberta, implicada e ativa diante do mundo. Numa atitude de abertura e afirmação da existência, mesmo que, como sabemos, isto signifique em certos momentos a abertura para e a própria afirmação do sofrimento e das finitudes inevitáveis, inerentes à existência. A abertura e afirmação, a assunção, do desconhecido e do misterioso, igualmente inevitáveis na vida humana.

De modo que a preservação de uma atitude dialógica, a disposição preservada de abertura para a possibilidade do dialógico, é um componente fundamental da esperança, e, de fato, com ela mesmo se confunde. Porque a abertura para o dialógico é precisamente esta abertura e afirmação da concretude da existência em sua facticidade e intrínseco devir. Em sua efetividade, a esperança, como atualização do dialógico, não é um querer, uma vontade, ociosos e meramente ideais. A *dialógica da esperança* torna-nos parceiros receptivos, mas igualmente ativos, do acontecer de um mundo cujo *nascimento e abolição*, como diz Buber (1979. p. ),

*“não estão em mim; mas também não estão fora de mim.”*

Mundo e existência não têm realidades ou desdobramentos autônomos, interdependem, e a grande mágica é a ação dialógica que interpreta o vivido na correlação da pessoa com o mundo que lhe diz respeito.

O *dialógico* configura-se como os efêmeros momentos, intrínsecos à vida humana, em que, pela entrega plena e intensa à concretude da existência em seu *ser-no-mundo* e com o mundo, podemos transcender e transformar as condições *dadas*, do mundo e de nós próprios, -- condições 5

estabelecidas, cristalizadas, com o peso de realidade, e que permitem a *profecia baseada na objetividade* (Buber) -- e efetivamente plasmar a nós próprios e ao mundo.

Os momentos do dialógico são eventuais e efêmeros. Vivemos normalmente no e com o mundo do *Isso*. Não podemos produzir os momentos dialógicos de relação *Eu-Tu* em nossa vida. Buber(1979. p.) nos diz que eles *nos são dados por graça*, ainda que sejam inerentes, e mesmo inevitáveis na vida de qualquer um. Nem sempre, todavia, podemos manter a abertura, a tolerância, o trato para com estes momentos dialógicos, para com a experiência do dialógico. O mundo do *Isso* tende a crescer em nossa vida, da mesma forma que tende a crescer na vida social e na vida da humanidade. Há, assim, a necessidade de um certo cultivo para que possamos manter a nossa capacidade para transcender a esfera do mudo do *Isso* em nossa vida, e nos disponibilizarmos para uma entrega à concretude de nossa existência enquanto ser-no-mundo, de modo que possamos abrimo-nos para uma vivência natural dos dialógicos momentos de relação *Eu-Tu* em nossa existência como ser-no-mundo. Na vivência ativa desses momentos é que reside a possibilidade de decisão, a esperança e a possibilidade plástica de nós mesmos e do mundo, a possibilidade existencialmente artística de plasmarmos a nós mesmos e ao mundo que nos diz respeito. Mas exige isto. Esta vontade e disposição de entrega à concretude da existência, em particular, quando ela encarna, o difícil, o amedrontador, o sofrimento e finitude inevitáveis. Exige uma confiança empedernida, às vezes cega e até ingênua, em algum lugar, de que o apocalipse, como disse Laymert Garcia (1985, pp. ), pode não ser o *final dos tempos*, mas *uma passagem* para novos tempos, como sugere o apocalipse de Nietzsche, em contraposição ao Apocalipse de São João. Exige a vontade da utopia, mesmo cega e ingênua em alguns momentos, mas firmemente ancorada na modéstia de seus possíveis. Exige, enfim, uma capacidade habitual para a abertura para o dialógico, na incerteza e imprevisibilidade deste, em particular quando o sofrimento e as dificuldades parecem mais opacos.

*“Aí onde cresce o perigo cresce também a possibilidade da libertação”* (Buber, M. 1979, p.).

E estes são assim componentes fundamentais da esperança, e como tais são componentes fundamentais dos processos de auto-constituição e reconstituição humanos, de auto-criação e recriação, de regeneração.

Algo do potencial e da *saúde* humanos está profundamente embotado e comprometido quando desaparece esta *vontade*, esta *força da esperança*, em particular nos momentos difíceis e desesperadores. Momentos difíceis e desesperadores são momentos intensos de um certo arregaçar de mangas, são momentos de alerta, são momentos de perseverança e luta, ainda que apenas interior frequentemente, são momentos de entrega sincera à concretude da existência, à possibilidade do dialógico. Por isto que nossa vida carece de ser uma constante *pedagogia do dialógico*. Uma entrega constante à concretude da existência que nos potencializa para a possibilidade do dialógico, para a possibilidade da afirmação e da transformação de nós mesmos e do mundo que nos diz respeito.

O que poderíamos chamar de *des-esperança* desconhece a tudo isto. Desconhece o dialógico e a possibilidade transformadora do vínculo da relação. É, desde o princípio, descrença e entrega ao decurso das coisas e da fatalidade (Buber, 1979. pp. ), abdicação do poder criativo da decisão e da abertura para o dialógico.

Assim é que não é muito dizermos que a psicoterapia fenomenológico-existencial, em particular tal como ela se caracteriza na Gestalterapia e na Abordagem Centrada na Pessoa, é, 6

fundamentalmente, uma certa *pedagogia do dialógico*, uma certa *pedagogia de resgate e de atualização da esperança*, em níveis existenciais diversos. Sua filosofia da vida, sua epistemologia, sua teoria e método voltam-se fundamentalmente para a potencialização de uma entrega fenomenológico-existencial do cliente à concretude, e afirmação, de sua existência, para uma potencialização da capacidade do cliente para *interpretar-se a si mesmo* (Fonseca, AHL, 1998a) como ser no mundo, interpretar\* efetivamente a sua existência, a partir da interpretação do desdobramento da compreensão do processo de seu vivido (Heidegger, 1951, p.166). De modo a que ele possa potencializar-se como criador e original, como homem criativo e ativo, na plasmação de si mesmo e do mundo que lhe diz respeito, mantendo e cultivando, desta forma, suas melhores capacidades para a criação de sua vida e de seu mundo, e para o enfrentamento de suas dificuldades.

\* *Interpretação* entendida aqui no seu sentido fenomenológico existencial, aparentado do sentido segundo o qual um ator interpreta um papel, distinto do sentido psicanalítico ou meramente explicativo do termo. Uma das características mais fundamentais, e problemáticas, dos clientes de psicoterapia, em particular dos mais comprometidos, é a perda da esperança. Perda da esperança que precipita-se ou consolida-se eventualmente, de modo lamentável, no contato com profissional de saúde, quando recebem um diagnóstico psicopatológico, por exemplo. É sentirem-se presas e vítimas de situações indesejáveis, e não sentirem-se potentes ou hábeis para modificá-las, é sentirem-se vítimas destas situações coisificadas em que o movimento mecânico da coisidade cristalizada assumiu o controle, caracterizando-se como inevitável, como *inevitável decurso das coisas* (Buber, M, 1979. p. ). É a crença nesse decurso e a crença dogmática em sua inevitabilidade, a *crença na fatalidade*. E portanto a descrença em seu próprio potencial criativo, a descrença e o desconhecimento do potencial de transformação da realidade dada propiciada pela abertura e afirmação da existência e pela experiência do dialógico.

De modo cristalino claro, Buber (1979, p. ) dirá com propriedade:

*(...) fatal mesmo é crer na fatalidade...*

*(...) a única coisa que pode vir a ser fatal ao homem é crer na fatalidade...*

E dirá (Buber 1979 p. ), ainda, como mencionamos acima:

*Se amamos o mundo atual, que não quer deixar-se abolir, realmente, em todos os seus horrores, se ousarmos enlaçá-lo com os braços de nosso espírito, então nossas mãos encontrarão as mãos que suportam o mundo.*

*“Aí onde cresce o perigo, cresce também a possibilidade de libertação...(p. )*

O cliente frequentemente desconhece ou subvaloriza assim a esperança; mais que isto, desconhece o poder do dialógico na transformação da existência e do mundo dados. E tem de alguma forma impedido a eles o seu acesso. Ou seja de alguma forma está impedido, pela dor e pelo sofrimento, pelo medo, pelo pavor, pelo hábito, pelo receio da “perda” do que já perdeu, de assumir e de afirmar, de aceitar e afirmar a integridade fundamental de sua atualidade existencial, a 7

integridade, a concretude de sua existência: assunção e aceitação que são modos fundamentais da abertura para o dialógico e para o poder regenerativo de suas possibilidades e de suas possibilitações.

Mais basicamente, o cliente carece de assumir e aceitar paulatinamente, no *espaço e no tempo fenomenológico-existenciais experimentais da relação psicoterapêutica*, o seu sofrimento, a sua dor, o seu medo, o seu hábito, o seu receio de “perder” o que já perdeu, que o impedem de assumir, aceitar e afirmar a concretude de sua existência. Fundamentais momentos para a abertura aos momentos do dialógico.

De modo que grande parte do trabalho terapêutico desenvolve-se em torno dessas dores, sofrimentos, receios, pavores, pânicos de aceitação de certas áreas da existência, que levam a uma fobia a uma aceitação e afirmação mais plenas da concretude da atualidade existencial do cliente. Superados estes momentos, a psicoterapia constitui-se na própria prática, no espaço e no tempo fenomenológico-existencial da relação psicoterapêutica, da assunção e afirmação da concretude da existência em seus devires, alegrias, sofrimentos, finitudes e retornos da vontade de viver, natural potencialização da abertura e afirmação da experiência do dialógico, natural pedagogia existencial da esperança e da criatividade de viver.

#### **BIBLIOGRAFIA**

**BUBER**, Martin (1979) - **EU E TU**, São Paulo, Cortez & Moraes.

**FONSECA**, Afonso H. Lisboa da (1998) - **TRABALHANDO O LEGADO DE ROGERS. Sobre os Fundamentos Fenomenológico-Existenciais**, Maceió, Pedang.

**FONSECA**, Afonso H. Lisboa da (1998a) - *Interpretação Fenomenológico Existencial. Sobre o Sentido do Interpretativo em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial*, Maceió, artigo inédito. Disponível na Internet em (<http://www.Terravista.pt/FerNoronha/1411>).

**GARCIA DOS SANTOS**, Laymert (1985) - **TEMPO DE ENSAIO**, São Paulo, Companhia das Letras.

**HEIDEGGER**, Martin (1951) - **EL SER Y EL TIEMPO**, Madrid, Fondo de Cultura Económica.

## **7. DIALÓGICA E ARTE DRAMÁTICA DA IMPROVISAÇÃO VISLUMBRE-E-ATO DO POSSÍVEL PROPULSIVO *Sobre o sentido e importância do improvisativo na concepção e método da Gestalt Terapia e da Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial***

Afonso H Lisboa da Fonseca, psicólogo<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Laboratório de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial. Maceió, AL. Brasil.  
affons@uol.com.br <http://www.geocities.com/eksistencia/>

*Os segredos da arte da espada consistem na criação de uma certa disposição mental que se faz sempre pronta para responder instantaneamente, quer dizer, i-mediatamente ...Na medida em que o treino técnico é de grande importância, ele é, no final de contas, algo de acrescentado e adquirido artificialmente, conscientemente, calculativamente. A menos que a mente que se vale da habilidade técnica sintonize-se com um estado de máxima fluidez e mobilidade, qualquer coisa adquirida ou superimposta perde a espontaneidade do desenvolvimento natural. Este estado prevalece quando a mente está desperta para o satori. O que quis o espadachim foi fazer com que a disciplina ativesse-se a esta concepção. Esta concepção não pode ser ensinada por nenhum sistema especialmente desenvolvido para este fim, ela deve crescer de dentro simplesmente. Na verdade, o sistema do mestre não era de fato um sistema no sentido próprio do termo. Mas existia um método "natural" em sua aparente loucura (...). D.T Suzuki in ZEN AND JAPANESE CULTURE.*

Centradas no privilegiamento do vivido, da *consciência* pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e nos seus desdobramentos, a Gestalt Terapia -- e qualquer abordagem fenomenológico existencial -- tem a *improvisação*, a soberania da valorização do *momentum* improvisacional, como uma de suas características fundamentais.

Fundamental porque, em particular, é a *im-pro-vis-ação*, este modo de ser ativo, que provê um vislumbre (Heidegger diria *pré-compreensão*) do

possível e da possibilidade de seu desdobramento. Uma condição básica da perspectiva existencialista, da ontologia, da fenomenologia existencial, da concepção e método da Gestalt Terapia, e de uma abordagem de psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. Grosso modo, o empirismo do vivido fenomenal é, e permite, a improvisação. Como *âmbito dialógico no qual o possível, o ato, a ato ação, se vislumbra, são possíveis e, efetivamente, se desdobram*. De fato, apenas no âmbito da improvisação, o vivido e o seu empirismo, e o desdobramento vivido de possibilidades, a interpretação e hermenêutica fenomenológico existenciais, são possíveis.

Daí ser interessante qualificar o que significa, e a importância, desta característica da *improvisação* na fundamentação filosófica, concepção e método da Gestalt Terapia e das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e psicoterapia..

Nos círculos *sérios e respeitáveis*, moralistas em geral, a idéia em geral de *improvisação* é vista com um respeitável e sério balançar de cabeças, olhares reprovadores, bocas tronchas, e risos sarcásticos...

E, diga-se de passagem, não há como não concordar, diante de uma concepção de *“improvisação” num sentido vulgar e pobre*. Ou seja, não estar preparado, não estar pronto diante de uma tarefa assumida. E *“improvisar”*, como lançar mão de capacidades ou recursos impróprios, inadequados, limitados, insuficientes para a responsabilidade que se tem diante, e para a qual não se teve o cuidado de se preparar, ou de saber, ou não, se podia estar preparado...

É certamente por isto que num certo momento o *I Ching* comenta, *“...tudo o que importa é estar preparado...”*

De passagem, também se diga, que é uma soberba forma de incompetência o recurso habitual, mecânico, ao premeditado, ao meramente repetitivo comportamental, aí incluído o *técnico*; ou ao reflexivo, evitativo, quando a ação é requerida, a atualização, atu ação que interpreta o possível, e que só se possibilita no âmbito do improvisacional

Não é à *improvisação* num sentido vulgar *que nos referimos*.

A improvisação, tal como ela se configura existencialmente, e na prática de uma abordagem fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia, exige preparo...

O sentido vulgar de *improvisação*, e o moralismo, não podem obscurecer o sentido germinal da idéia de *improvisação*, e a fundamental

importância não apenas deste sentido maior, mas, em particular, desta *modalidade de ser* na condição humana, em particular no desdobramento de suas questões existenciais. E, portanto, na fundamentação filosófica, concepção e método de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia fenomenológico existencial.

Não é certamente exagero, nem impróprio, dizer-se que só existe ação na vivência da improvisação. E ação especificamente entendida como o vir-a-ser, *ato ação*, do possível vivido fenomenalmente como *pré ser*, na vivência de ser no mundo...

Nietzsche chama a atenção para isso. Ele observa<sup>2</sup> que, em geral, pensamos que premeditamos uma ação, e agimos *de acordo com o premeditado*. A premeditação, não obstante, é uma coisa -- que pode inclusive não ser da ordem da ação, pode ser da ordem do comportamento, ou da reflexão, por exemplo -- que efetivamente não são ação. A ação é outra coisa. Ou seja: a ação é um outro modo de ser.

<sup>2</sup>NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência* Lisboa: Guimarães, 1984.

*A ação é um mistério...*, diria Nietzsche.

Como modo de ser, a *reflexão*, já é um *re-torno* à memória de um vivido, que em seu momento próprio foi ativo, mas que já se foi como vida vivida, ativa, encarnada; digo, não abstrata... É re-presentação, e não apresentação...

O *comportamento*, aí incluída a técnica, é atividade estruturada passadamente. É repetição de formas padronizadas, condicionadas de atividade, para a qual já se pode ter uma expectativa.

O que deles, da *ação* e da *reflexão*, distingue a *ação* é o vir a ser de possibilidades, o re-torno, re-volta do possível. A ação, atu ação, é este re-torno, esta re-volta, do possível, a ação atu aliza o possível propulsivo. Assim, o que caracteriza o especificamente *ato*, a *ação*, é que neles (uma) possibilidade(s) se atualiza (m), desdobra(m)-se, vem (vêm) a ser. Possibilidade que está extinta já ao nível dos modos de ser do *comportamento* ou da *reflexão*.

E aí é que está a questão. Carecemos vitalmente da *reflexão* e do *comportamento*. E eles são como “estar com os calcanhares no chão”. Nossa vida cotidiana carece do *reflexivo* afastamento. Afastamento da vivência do *modo de ser do vivido*. Para instrumentar-se, e contingenciar novas formas e possibilidades de ação. Necessitamos em nossa vida cotidiana da atividade padronizada e repetitiva do *comportamento*, e da *reflexão*, no desdobramento de funções igualmente padronizadas e repetitivas.

Num dado momento a ação seria, metaforicamente, como levantar-se na ponta dos pés. *Não podemos permanecer na ponta dos pés.* Daí que precisamos da reflexão e do comportamento.

No momento, todavia, da *ação*, da *atuação*, atualização de possibilidade, a reflexão e o comportamento não dão conta.

Por mais que estejamos adestrados neles, por mais que tentemos o seu modo específico de ser, inclusive (no que chamamos de)

neuroticamente. Na reflexão e no comportamento ocorre como na metáfora de Buber<sup>3</sup>: por mais que embaralhemos um baralho: as cartas permanecerão sempre as mesmas. Apenas a repetição.

<sup>3</sup>BUBER, Martin op. cit. p.

O momento da ação é o momento da necessidade do possível, o momento da criação e da atualização do novo. Da *experimentação* que lhes permite. A ação não apenas embaralha as cartas, ela as refunde e recria, refunde e recria o baralho, vira a mesa...

Daí que Fritz Perls observa: *as questões existenciais humanas só se resolvem experimentalmente.* O âmbito da improvisação é o âmbito próprio da experimentação fenomenológico existencial.

Ou seja, pelo modo de ser do vivido e do desdobramento do vivido, no qual o possível, como incontornável dimensão ontológica, é possível e se desdobra. Em especial porque o comportamento e a reflexão, exteriores ao nosso modo de ser vivencial, não acessam a nossa dimensão ontológica do *pré-ser*, do possível “em nós”, e do seu desdobramento. O comportamento e a reflexão não acessam, por impróprios, esta dimensão ontológica vivencial de nosso ser em que o possível é possível e se desdobra; a dimensão de nosso ser onde vigoram as possibilidades e a possibilidade de sua atualização e desdobramento. Possibilidade esta cuja vivência chamamos de *experimentação*.

O *modo de ser da ação* está fora, assim, do *modo de ser* da reflexão e do comportamento. De forma que o modo de ser próprio da *ação*, da *atuação*, *atualização* de possibilidades, é pré-reflexivo, vivido, e não comportamental.

Por definição, a *ação*, que atualiza possibilidades, e ao atualizar possibilidades, não é reflexiva, e não é comportada. O novo, a *ação*, não são da esfera do comportamento. A *ação* não é reflexiva, não é da esfera da reflexão. A *ação*, como *atuação* de possibilidade, como *lhe* é próprio, é própria deste modo de ser que é pré-reflexivo, o vivido, ser no mundo, o fenomenal, fenomenativo.

Neste modo de ser que é o vivido constitui-se, como *pré ser, pré compreensão*, a dimensão do possível humano, a possibilidade.

A cada uma de suas emergências, a possibilidade surge, aparece, brilha, como *pré-compreensão*.

A possibilidade é um modo particular de existência, na medida em que é *existência que não é realidade*, mas que efetivamente existe como *possum*, como *brilho* da vivência de um possível. Esta vivência da emergência, do brilho (*lumbre*), da possibilidade, é dada como *pré compreensão*, como *pré ser se* (Heidegger): Vivência na qual brilha o possível em sua emergência e força de desdobramento, vivência na qual o possível se **vislumbra**, ou seja, é *pré compreensão* e exercício de *pré ser se*. Vivência na qual o possível, em seu caráter propulsivo, em sua emergência, é **vislumbre**, é brilho (*lumbre*) que se **vislumbra** como *pré ser* e *pré compreensão*. O desdobramento deste possível é a hermenêutica fenomenológico existencial, como arte da interpretação fenomenológico existencial, o desdobramento deste possível é *interpretação*, é a *ação*.

A emergência, portanto, e desdobramento, do possível que impregna a ação dá-se, desta forma, em seu modo de existência particular, como **vislumbre**, *pré compreensão*, *pré ser*, *pré ser se*.

Assim, o que é próprio deste modo de ser -- que não é reflexão, nem é comportamento, e que é *o vivido, fenomenal, pré-reflexivo, e pré-conceitual* --, é que ele, caracteristicamente, além de ser vivido, pré-reflexivo e pré-conceitual, não comportamental, e *ativo*, é sempre (**vis**) **lumbre**, **lumbre** (brilho, aparecimento, acontecimento), da emergência e/ou urgência vivida do possível, da possibilidade. Que se apresenta como emergência e/ou urgência de uma alteridade, de uma outridade, com relação ao *nós mesmos*, na qual estamos indissociavelmente, *intencionalmente*, vinculados...: *Pré-ser*, como diria Heidegger, possibilidade vislumbrada, e que, em sua força de *possum*, se desdobra como possível propulsivo em nosso ser no mundo...

É essa *vislumbrada*, *vislumbre*, *vislumbração*, da outridade, possível (possibilidade, potente, em sua emergência e/ou urgência, como **vivência** da possibilidade propulsiva que se desdobra como o “nós” mesmos/mundo, enquanto somos/vimos a ser) que se configura especificamente o como o **vis** – **vislumbre** -- da impro**vis**ação. (É interessante observar como *vislumbre* é uma palavra *intencional*, fenomenal. Como ela integra o *ver* com o *brilho do visto*, o *vis* e o *lumbre*).

Ou seja: esta vislumbração do possível, que favorecemos (*prol*) na improvisação, é própria deste *modo de ser*, que é **vis**ação, **ação vis-a-vis**

**com a outridade do possível**, *pré-compreensão*, que se dá como e na ***im pró vis ação***, e que é ação, ato de possibilidade, no âmbito deste nosso modo de ser vivencial, fenomenal, fenomenativo.

Na verdade, a *improvisação* é mais propriamente *improvislumbração* do possível vivido, e, como tal, desdobrado em sua urgência/emergência.

Mais especificamente, como *vivência* que é -- não reflexão, não teorização, não comportamento --, a impro**vis**ação, impró**vis**lumbração, é o modo de ser que propriamente favorece e *provê* o modo de vivência, o âmbito, o *momentum*, no qual *o possível é possível, e se desdobra*. No qual é possível a experimentação fenomenológico existencial, a interpretação fenomenológico existencial, a hermenêutica fenomenológico existencial, o *contato*. E, diga-se de passagem, de um modo mais sumário, a criação, a criatividade.

Uma das características qualitativas mais fundamentais do vislumbre do possível é a propriedade da sua temporalidade peculiar, de seu ritmo *sui generis, deslumbrante* (decaente?) e singular. Um ritmo que, se nos dispomos a atualizá-lo, é soberano e insubmisso, autônomo, em seu ciclo de vislumbre e deslumbre. Não é à toa que Heidegger falará de *Ser e Tempo*... E que Octavio Paz comentará: *Diante de nós algo passa com o ritmo, e somos nós próprios que passamos...*

Este *alumbre, vislumbre, deslumbre* da outridade, da alteridade do possível, só se nos é dado na propriedade deste *modo de ser* que é o vivido do ser no mundo (não na reflexão e/ou no comportamento). De modo que é especificamente na vivência de ser no mundo que se constituem este vislumbre e desdobramento da possibilidade do que somos em ser no mundo.

Privilegiar, favorecer, este modo de ser do vivido de ser no mundo, esta vivência de ser no mundo, *pré-conceitual, pré-reflexiva*, é um modo de ser ***em prol da vislumbração, emprovisação***, é impro**vis**ação, *improvislumbração*. (Num certo sentido, *vivência* e *improvisação* são termos intercambiáveis em seus sentidos).

Daí que a existência, a resolução de questões existenciais, como *ato ação* do possível, a interpretação e a experimentação fenomenológico existenciais, a *empathia*, só se dêem no âmbito deste modo de ser que tão propriamente, e tão inconscientemente já, designamos como ***improvisação***.

A condição de possibilidade da ação, de ser *ator* (que é *ser outro*, possibilitado/possibilitando-se), a condição de possibilidade de atuar, agir, vivenciar e atualizar possibilidades -- *criar/criar-se, resolver/resolver-se*, e ao mundo que nos diz respeito -- é *situar-se (im)* neste *modo de ser*, e privilegiar (***pró***) este *modo de ser*, no qual podemos prefigurar e prover,

**vislumbrar** e provisionar -- na *improvisação* -- e possibilitar o desdobramento desta alteridade possível, desta outridade emergente e/ou urgente como o *nós mesmos/mundo*. E que é possível apenas na *vivência* de ser no mundo. No vivido, que é *improvisacional*. Agir, ser ator, ser outro, a ação, o contato, só se dão no âmbito deste *modo de ser* que é **vislumbre** do possível, no *quando agora em mim*; como diria Caetano. Que é **ex-peri-ment-ação**, e desdobra, possibilita, é hermenêutica da, interpreta a, alteridade do possível no **nós mesmos/mundo** ; no *quando agora em mim*. Ou seja, agir, ser ator, ser *outro*, a ação, dão-se própria e especificamente no âmbito deste *modo de ser do vivido*, pré-reflexivo, ser no mundo, em **pático, pático, patético, peripatético, pathológico** (nada a ver com doença, naturalmente, apenas o **logos** do **pathos**), **experimental, espiritual**, que se configura no âmbito e momentum próprio do vivido improvisacional, da *improvisação*.

É este o modo de sermos, a improvisação, no qual o possível é possível e possibilita-se, desdobra-se. Mas não como objeto.

Este modo de sermos do *vivido de ser no mundo*, este *modo de ser da improvisação*, não vigora, como vimos, no modo de ser do comportamento e da reflexão. Nos quais vigoram a não intenção de sujeitos e objetos, de causas, efeitos e realidades realizadas.

Este modo de sermos é dialogicidade, é encontro vivenciado, relação imediata, e improvisação, com a alteridade de mim mesmo, com o outro inter humano ou natural, com o sagrado, enquanto alteridades vivas e presentes, que pontualmente se desdobram em suas diferenças e diferenciações, no âmbito apenas do dialógico momentâneo, no âmbito dialógico da improvisação. Não como sujeitos ou objetos, causas ou efeitos, realidades realizadas.

Ainda que este modo de ser seja, como *ação*, na definição de Perls, não menos que *o núcleo do real*.

O dialógico improvisacional, a alteridade do possível, enquanto alteridade do mim mesmo, enquanto outro inter humano, enquanto outro natural não humano, ou sagrado, que são possibilidades que posso atualizar, ou não, me demandam e me provêm, pessoal e intransferivelmente, pontualmente, no *quando agora em mim*, como outro possível e emergente e/ou urgente, como ator, em minha perdida diferenciação deles, e de mim mesmo. (...*meu desafio maior seria ser 'o outro dos outros', e o 'outro dos outros' era eu...* Clarice Lispector) (*caminho por onde há espaço, meu tempo é 'quando'...* Vinícius).

Não como um **sub**-jectum, mas como um **jectum** que **pro-jecta-se** na imediaticidade, **im-pro-vis-ação** de seus possíveis emergentes e/ou urgentes, propulsivos, projetativos. Na imediaticidade da dialogicidade da relação eu-tu, diria Buber.

Importa valorizar, afirmar, ser em *prol* (*impro*) deste modo de ser que permite o **vislumbre** e a sua ação, o possível e o seu desdobramento, que nos convocam, e que se **projeta** como nossa vivência de ser no mundo.

Meramente porque é este o modo de ser em que o possível é possível e se desdobra, o modo de ser em que o possível se atualiza, o modo de ser em que, enquanto tal, agimos e somos atores. E, em particular, o modo de ser em que, em sendo atores, somos outros e criativos.

A identificação com o vivido e com o seu desdobramento, a identificação com o possível que lhe é inerente, e com o seu desdobramento, configuram, na momentaneidade da *improvisação*, uma *arte dramática*.

*Drama* significa *ação*; e *ação, atu, atu ação*, definem-se pela especificidade de serem vir a ser de possibilidade. De modo que o *momentum* vivido, dialógico, do vir a ser do possível, é *momentum* dramático. É arte, arte dramática.

Na concepção e método da Gestalt Terapia, de uma abordagem fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia, os momentos peculiares de sua prática são assim momentos de uma arte dramática, e que se dão, portanto, no âmbito da improvisação. De modo que elas se configuram como o privilégio de uma dialógica e arte dramática da improvisação.

Valorizar, afirmar, favorecer, **provisionar** este modo de ser que é o vivido do ser no mundo é que é o sentido de **improvisação**, é o que nos é dado pela *improvisação*.

Favorecemos, assim, este modo de ser da improvisação na concepção e método da Gestalt Terapia, e da Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial, simplesmente, como dissemos, porque é nesse modo de ser que o possível é possível e se desdobra, que vislumbramos o possível em nosso pré-ser, e podemos ser, e afirmar, em ação, a sua potência, e o seu desdobramento, em que podemos ser atores e outros.

Não é outro o sentido de *Contato* em Gestalt.

Contato, e o método da Gestalt Terapia -- como uma metodologia que visa uma otimização do processo do contato --, só se dão no âmbito da **improvisação**, neste sentido. Daí ser Gestalt uma abordagem eminentemente improvisacional, de provisão, e provisão, no âmbito de sua concepção e método, de uma *dialógica e arte dramática da improvisação*. Tanto para o profissional como para o cliente, como atitude e método de provisão do possível emergente e/ou urgente, e de seu desdobramento. Como atitude e método de otimização do processo do contato.

## 8. GESTALTERAPIA: DIALÓGICA DA PROVOCAÇÃO\*

\*Texto publicado na Revista de Gestalterapia, São Paulo, 1997 e na Revista *Somos* de Gestalterapia, Montevideo, 1998.

*Afonso H Lisboa da Fonseca*

É evidente o caráter *provocativo* das atitudes, do método, do fundamento da *Gestalterapia*.

Isto é muito claro em particular no estilo de Fritz Perls.

É uma compreensão superficial deste caráter provocativo, todavia, uma incompreensão de seus fundamentos, um fator responsável por distorções de cunho empirista, muito comuns na concepção e na prática da *Gestalterapia*.

Indubitavelmente, entretanto, a *Gestalterapia* tem este caráter eminentemente provocativo. É essencial portanto compreender o que significa a natureza deste seu caráter. Compreender, em especial, o intrínseco e indissociável aspecto *dialógico* deste do caráter provocativo da *Gestalterapia*.

Da mesma forma que o seu caráter provocativo, a dimensão dialógica deste caráter é uma intrínseca e indissociável *conditio sine qua non* da concepção e da prática da *Gestalterapia*.

Devidamente considerada esta articulação intrínseca e necessária, parece certamente uma boa compreensão da *Gestalterapia* a que deriva da expressão *Dialógica da Provação*.

Numa certa perspectiva fundamental, pelo menos, a prática da *Gestalterapia* é isto: uma *dialógica da provação*. Mas é necessário que se evite uma perspectiva vulgar de concepção dos termos desta expressão e de concepção da própria *Gestalterapia*. Perspectiva vulgar que tem sido muito comum na sua disseminação, resultando em grosseria empirista, ou pura grosseria e falta de educação, no contexto de delicadas relações entre cliente e um suposto terapeuta, ou entre facilitadores e os participantes de grupos. 3

## PROVOCAÇÃO

De um modo geral, o termo “provocador” ou “provocação” não têm uma boa reputação, a não ser em certos sentidos bem específicos. Não é algo com que alguém queira identificar-se normalmente. Esta aversão simples e automática a estes termos decorre naturalmente dos mecanismos de domesticação da *agressividade saudável* que desenvolveram-se na cultura da Civilização Ocidental. Mecanismos que nos fazem perder simbolicamente dentes e garras, e nos transformam em dóceis animais de rebanho, como já observava Nietzsche.

Estes mecanismos, reconhecidos como “patogênicos” (digamos), foram agressivamente confrontados e afrontados por Perls e por seu estilo, no desenvolvimento de sua concepção e prática da *Gestalterapia*. De modo que um traço marcante da concepção e da prática da *Gestalterapia* é exatamente uma aversão à docilidade compulsiva e doentia, paralisante – fonte e implicação necessária do niilismo e do ressentimento, e de uma paralisia e imobilização da potência criativa da vida: um resgate e uma busca da potencialização da agressividade saudável, da qual todos carecemos para afirmarmo-nos, para viver, ser e efetivamente *acontecer* no mundo. Agressividade que nada tem a ver com destrutividade ou violência, e que é, sempre, momento de um investimento criativo.

*Provocativa* é, assim, o mínimo que se pode dizer da autoimagem da *Gestalterapia*.

Mas há que se entender que **provocação**, neste sentido, jamais tem haver com hostilidade, ofensa ou hostilização... Quando estas ocorrem na prática de um suposto terapeuta, são indubitavelmente características pessoais nocivas deste, e jamais elementos da concepção da *Gestalterapia*.

O termo *provocação* vem de *provocare*\*. *Pro-vocare*: favorecer a *vocalização*, favorecer a fala.

\* Sentido enfatizado por minha lúcida amiga Mirian Vilarinho em uma mesa redonda de que juntos participamos na USP, em 1988.

*Vocalização e fala*, não têm evidentemente, neste sentido, em particular em *Gestalterapia*, o seu sentido estrito. Não se trata apenas de favorecer meramente o verbal, o vocal, a verborrêia. Mas de favorecer a própria **ação**, seja ela vocalização ou não, seja ela **vocalização**, ou a **atualização** de formas das múltiplas possibilidades da **ação – fenomenação** --, no instante vivido, vividamente vivido de preferência: **fenomenação**.

*Ação* é diferente de *comportamento* (*cum portare*, portar consigo).

A ação guarda fundamentalmente algo de fenomenal, algo de autoria original e singular, momentânea, pontual e pontualmente vivida, algo de unicidade, de irrepetibilidade, de dialógico. O *comportamento* diz respeito ao assimilado, ao que é comum à particularidade da pessoa e é compartilhado por outros.

Hannah Arendt observa: 4

<sup>1</sup> ARENDT, Hannah - **A CONDIÇÃO HUMANA**, São Paulo, Forense - Salamandra - Edusp, 1981. P. 15.  
<sup>2</sup> *Op. Cit.* p. 31.

**“A ação seria um luxo desnecessário, uma caprichosa interferência com as leis gerais do comportamento, se os homens não pasassem de repetições interminavelmente reproduzíveis do mesmo modelo, todas dotadas da mesma natureza e essência, tão previsíveis quanto a natureza e a essência de qualquer outra coisa. A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido ou venha a existir.”**

No limite, é a possibilidade da ação que caracteriza o homem e a comunidade dos homens. A ação tem este caráter eminentemente inter humano

Hannah Arendt ainda dirá:

**“Só a ação é exclusiva do homem; nem um animal nem um deus é capaz de ação. E só a ação depende inteiramente da constante presença de outros.”**

É na potencialização da possibilidade humana especificamente ontológica da ação que a *Gestalterapia* vai constituir o seu fundamento. Trata-se de potencializar a ação, a *criação* no contexto, e a partir, da atualidade existencial, do *momentum* vivido da pessoa. Trata-se especificamente de favorecer esta específica potencialidade da pessoa. Potencialidade que se configura própria e especificamente na esfera do inter humano.

Trata-se de potencializar a ruptura da clausura do mero comportamento e da agressividade domesticada, através da potencialização da eclosão da possibilidade sempre latente da ação. Mesmo que seja mínima e efêmera esta eclosão, mas que possa encaminhar-se para uma habitualidade orgânica e saudável, compatível com as possibilidades, necessidades e carecimentos da pessoa e do mundo que lhe diz respeito.

De modo que a *provocação gestáltica* favorece fundamentalmente à expressividade, à existencialização do vivido único e irrepetível, a fenomenação, na potência de sua atualidade. Favorece assim a uma ruptura pontual com os padrões do mero comportamento. A *situação gestáltica* pretende-se eminentemente assim uma situação *provocativa*. O getalterapeuta pretende-se, assim, um *provocador*. O que interessa é exercer-se como provocador, neste sentido, no contexto, no âmbito e duração da relação pontual com o cliente. Subentendido, naturalmente, que isto nada guarda de hostilidade ou hostilização, de grosseria.

Ainda que possam ser intensivas, a provocação ou a ação provocada não carecem de ser compulsivas ou obsessivas. De modo rigorosamente distraído – “*distraídos venceremos*” (Leminsky) –, a provocação gestáltica busca constituir-se nos fluxos e contra-fluxos ativos e afirmativos do vivido, nos fluxos e contrafluxos da espontaneidade da auto-regulação orgânica.

Nunca seria demais observar a sensatez orgânica que se expressa no **I Ching**: 5

<sup>3</sup> **I CHING – O Livro das Mutações**, São Paulo, Pensamento, 1983. Tradução de Richard Wilhelm. P.99.

**“As palavras são um movimento do interior para o exterior. Comer e beber são movimentos do exterior para o interior. Essas duas formas de movimento podem ser moderadas através da tranquilidade. A tranquilidade faz com que as palavras e os alimentos não excedam a justa medida. Deste modo cultiva-se o caráter (27. I/AS BORDAS DA BOCA -- PROVER ALIMENTO). 6**

## **9. DIALOGICIDADE E PROVOCAÇÃO**

A situação gestáltica e o getalterapeuta são provocativos em sua efetividade especificamente porque são **dialógicos**. E o são especificamente porque entendem o quanto da possibilidade da ontogênese do humano, da criação e da recriação do humano, repousam na possibilidade do dialógico.

Quanto de fundador da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial não está contido no sentido da simples frase de Buber<sup>4</sup>,

<sup>4</sup> BUBER, Martin **EU E TU**, São Paulo, Cortez e Moraes, 1979. p.32.

<sup>5</sup> LISPECTOR, Clarice - **A Experiência Maior in PARA NÃO ESQUECER**, São Paulo, Círculo do Livro, 1980.

**“O homem se torna EU na relação com o TU...”**

Funda-se aí, na consideração pelo sentido ontogênico fundamental do dialógico inter humano desta formulação, a possibilidade e a efetividade de uma psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial dialógica. Pauta-se esta por uma certa reciprocidade pontual, por uma atenção interessada e ativa, confirmativa, pela atualidade e presença pontual, diferença, do outro.

Reciprocidade e atenção estas que se dão na medida em que se pode, na afirmação do devir, do *ser do devir*, atualizar-se efetivamente como *outro*. Outro do *outro*, e outro de si mesmo.

Digo *efetivamente* porque ser outro é efetivamente *ser ator*: ser sensível e fidedignamente **ativo e expressivo, atuação**, do sentido da diferença pontual emergente na fugacidade do encontro.

O sentido do *ser outro do outro* ganha uma formulação sublime nas palavras cristalinas e um tanto quanto perplexas de Clarice Lispector<sup>5</sup>

**Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu, entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior seria ser o outro dos outros, e o outro dos outros era eu.**

Qualquer terapeuta ou psicólogo fenomenológico existencial efetivo vê-se uma hora envolvido pelo insight e perplexidade de Clarice. Porque é esta a matéria prima e o substrato fundamental de seu trabalho.

Confrontar-se e abrir-se para a outridade do outro. Para com ele *ser outro*.

Por interesse e entusiasmo ontológico, oferecer-se para a relação, abrir-se e confrontar-se com o outro, ser ativa e afirmativamente o outro do outro. Potencializar, desta forma, da mesma forma que ele pode potencializar em mim, a possibilidade de que ele possa ativa e afirmativamente *ser outro*, de si próprio e de mim. *Autor*, ativa e afirmativamente, <sup>7</sup>

expressivamente, *ator* da emergência (em ambos os sentidos) da diferença de si... Possibilitando assim a ruptura da repetitividade, da mesmidade, da fatalidade pretensa, do comportamento mero e medíocre.

Ser ativa e afirmativamente o outro do outro é enormemente *provocativo*...

Envolve a abertura para e o privilegiamento da presença pontual, e em devir, do outro, do diferente em sua diferença, em devir.

Buber<sup>6</sup> observará que só existe presente na presença, e o que caracteriza a presença é a atualidade e a atualização da diferença, da alteridade, do TU. Com relação ao caráter eminentemente ativo da presença e da atualidade (atualização/atuação/fenomenação) Buber<sup>7</sup> observa:

<sup>6</sup> BUBER, Martin, *op. Cit.*

<sup>7</sup> Op. Cit.

**Na atualidade vivida não há unidade do ser. A atualidade é somente ação. Sua força e profundidade são as desta ação. E mais, só há “interior” na medida em que houver ação mútua. A atualidade mais forte e profunda é aquela onde tudo dirige-se à ação...**

De modo que *Gestalterapia* é, assim, uma *dialógica da provocação*. A compreensão e a efetivação da *Gestalterapia* neste seu caráter dialógico de provocação demandam sutileza e paciência, paciência que na verdade é momento rítmico da afirmação, mais precisamente, da afirmação da afirmação, dos fluxos do vivido na pontualidade do instante.

DIALPROV.doc

## **10. DIALÓGICA, HERMENÊUTICA E ESTÉTICA DO CONFLITO**

### **Conflito, Mediação, e Facilitação Psicológica da resolução de conflitos em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial.**

Gestalt.  
Abordagem Rogeriana.

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo*.

#### **Introdução;**

#### **1.**

##### **Aporia, Instalação, Fatalidade e Fatalismo do Conflito;**

- 1.1. Realidade do conflito e de sua instalação ôntica;
- 1.2. O conflito e sua aporia;
- 1.3. Facticidade e fatalismo do conflito;

#### **2.**

##### **A mediação e a facilitação da superação, e da resolução, como experiência estética do conflito -- à *ventura* dos devires de suas possibilidades. O Grupo Vivenciativo.**

- 2.1. A Experiência estética, experiência ontológica, fenomenológico existencial, dialógica, do conflito;
- 2.2. Dialógica do conflito;
- 2.3. *Compreensão*. O modo de sermos da experiência estética, da dialógica, da aporética, e da da interpretação, hermenêutica fenomenológico existencial;
- 2.4. Sobre o caráter *implicativo* da experiência estética, da dialógica, da aporética, da compreensão e da hermenêutica do conflito.
- 2.5. Aporética. Aporia e aporética do conflito;
- 2.6. Hermenêutica do conflito;

- 2.7. O Grupo Vivencial como recurso experimental ontológico, fenomenológico existencial dialógico e hermenêutico para a mediação e facilitação da resolução de conflitos;
- 2.8. O Grupo e o tempo;

### **3.**

#### **O conflito, suas formas improdutivas, e as formas improdutivas da mediação;**

- 3.1. Moralismo e conflito. Teorética e cientificidade;
  - 3.1.1. O olhar de espectador do teórico e a ação do ator do conflito;
  - 3.1.2. Conflito e explicação;
  - 3.1.3. Cientificidade e conflito;
- 3.2. O caráter comportamentativo do conflito;
- 3.3. E o caráter desportativo da superação do conflito;
- 3.4. Pragmática, resolução e superação do conflito. O processo de vivência da superação do conflito não é prática, não é pragmática;
- 3.5. Realismo, ontológica, conflito, e superação;
- 3.6. Das formas improdutivas da mediação.

#### **Conclusão**

## **Introdução;**

A metodologia da mediação e da facilitação da resolução de conflitos da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial -- Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana -- se fundamenta, em seus princípios de concepção e método, na própria mediação e facilitação da dinâmica existencial do conflito, privilegiando o modo ontológico de sua vivência fenomenológico existencial, dialógica, e estética.

Esta metodologia busca, em particular, propiciar condições relacionais, condições de *inter ação*, de *inter atividade*, condições de espaço, e de tempo; condições empáticas, condições de experimentação, e de interpretação, fenomenológico existenciais -- condições, enfim, dialógicas.

Condições para uma relativização da facticidade, e do *fatalismo*, do conflito; para uma relativização da realidade *ôntica*, da realidade *coisificada*, de instalação das *aporias* do conflito. De instalação do conflito no *não dialógico*, no anti dialógico; no não ontológico, no não hermenêutico de sua movimentação criativa e produtiva, enquanto interação de forças, enquanto interação de possibilidades, que continuamente engendra novas e novas possibilidades.

A metodologia propõe como mediação, às partes conflitantes, em sua relação conflituosa, o tempo e o espaço, a oportunidade, para a experiência da vivência, inclusive do conflito, no modo fenomenológico existencial dialógico de sermos, modo de sermos da *presença*, e da *atualidade* (*atualização*, inerente à *presença*), fenomenológico existenciais dialógicas.

De modo que a experiência, e a experimentação, a interpretação fenomenológica, da vivência desta *presença* e *atualidade*, em sua inerente potência criativa -- a partir da vivência do modo de sermos de sua potência atual, da potência de suas possibilidades --, possa mediar a natural facilitação da atualização, da superação, e resolução, do conflito. Diluindo a instalação de sua realidade *ôntica*, no fluxo do movimento da multiplicidade de suas potências, da multiplicidade de suas possibilidades. Possibilidades estas que intrinsecamente impregnam continuamente o modo vivencial de sermos, ontológico, fenomenológico existencial, e dialógico.

O grupo vivencial, constituído pelos facilitadores e pelas partes conflitantes -- e que pode ser apoiado pela forma da entrevista diádica --, é, assim, o instrumento, por excelência, para a mediação, e para a facilitação da resolução de conflitos da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial -- Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana.

# 1.

## **Aporia, Instalação, Factidade e Fatalismo do Conflito;**

### **1.1. O conflito e suas aporias;**

A afligência do conflito decorre, naturalmente, de sua estase, da paralisia que resulta de sua instalação na *realidade* de sua formação *ôntica*. A afligência do conflito decorre da parada e irresolução que ele configura na movimentação dos fluxos existenciais pessoais, interpessoais, grupais ou inter grupais.

O dinamismo destes fluxos existenciais, como tais, caracteriza a existência. São potencializados pela vivência de possibilidades, e pelo desdobramento destas, no modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos.

A existência pessoal, a existência grupal, e inter grupal, fluem, assim, constantemente, a partir da vivência das potências de possibilidades; transitando pelo desdobramento e atualização dessas possibilidades. Em direção, sempre, à *realização* e à *coisificação*.

O momento, não obstante, de sua vivência, e da vivência de seu desdobramento – atualização, ação –, não é da ordem da *realidade* (mas da *realização*), não é da ordem da coisidade.

Própria e especificamente, a momentaneidade instantânea da vivência fenomenológico existencial dialógica configura o **presente**, a **presentidade**, a **presentificação**, em sua atividade, em sua **atualidade**. O modo de sermos de pré-coisa, o modo de sermos da *presença*, e da atualidade, da **ação**, modo de sermos estético, fenomenológico existencial e dialógico.

Quer seja ao nível da pessoa, ao nível dos grupos, ou entre grupos, o conflito não foge a esta dinâmica fenomenológico existencial. E flui, enquanto as possibilidades potencializam e alimentam os dinamismos de seu devir. Paralisando-se, progressivamente, à medida que vão se exaurindo as suas possibilidades, e ele vai se instituindo, e se instaurando, instalando-se, no âmbito do modo *ôntico* de sermos.

A progressiva experiência da realização do conflito, a suaprogressiva instalação *ôntica*, a sua progressiva coisificação, e realização, tem sempre um caráter cada vez mais conflitual, progressivamente conflitual, não produtivo, improdutivo, não criativo, e estéril.

A progressiva estase da coisificação, como Heidegger e Buber indicaram, é progressivamente angustiante.

No limite, é esta angústia da estase e da paralisação que, mais uma vez, remete-nos ao devir do modo fenomenológico existencial, e dialógico, de sermos; que nos remete ao modo de sermos do possível, da possibilidade, e de sua atualização.

Nas suas formas produtivas, o conflito é sempre, também, o conflito de diferentes possibilidades, na concorrência que as leva a afirmarem-se em suas forças. Em sua vivência, o conflito também move as relações, e tem, assim, o caráter produtivo de promover a novidade, de promover o possível, e a atualização de sua potência.

Um nível de conflito, e da sua angústia de sua aflição, na coisificação, é sempre inevitável, assim. E diretamente proporcional a sua vivência ativa e presente, nos fluxos e contra fluxos de suas inércias e da atualização de suas possibilidades.

Não obstante, o conflito pode, também, se tornar progressivamente improdutivo. Angustiante, e improdutivo. Na medida em que estaciona, e se instala, nos limites de sua instalação ôntica, e paralisa a dinâmica de possibilitação, e de atualização de possibilidades da pessoa, da relação -- interpessoal, grupal, ou intergrupal.

Esta estagnação, esta paralisia, que constitui o conflito em sua improdutividade -- *intrapessoal*, interpessoal, grupal, intergrupal -- potencializa-se naturalmente na medida em que a realização, e coisificação progressivas -- consolidando a sua inércia, a sua coisificação, a sua estase, a sua paralisia -- constituem o direcionamento natural e inevitável do desdobramento das possibilidades. Com a concomitante aflição, aflagência, da angústia que as acompanha.

Nesta forma, o conflito chega a suas **aporias**. E nelas se instala.

Em termos existenciais, a **aporia** é o **sem passagem**, é a estagnação, o *sem devir*, **sem potência**, **sem possibilidade**, dos fluxos, ou ausência de fluxos, existenciais.

O termo *aporia*—usado originalmente em Filosofia, e em Literatura -- vem de **poro**. Que tem o sentido de *passagem*, de *passagem de fluxo*. *Poro*, *poria*.

A **a-poria** é o **sem passagem**. O limite, a finitude.

O *sem passagem*, a *aporia*, da realização da possibilidade. E da paralisia nesta realização, da paralisia na coisificação, e na coisidade. Com a exclusão momentânea da concorrência de novos possíveis.

A aporia, não obstante, é, também, o ponto onde as potências, os possíveis se detonam, mais uma vez. É o ponto a partir do qual nos remetemos ao modo de ser da vivência das possibilidades, o modo de sermos do possível, modo de sermos no qual vivenciamos intrinsecamente possibilidades, modo de sermos do presente, da atualidade, fenomenológico existencial, e dialógico. Modo de sermos na vivência do qual as possibilidades argumentam e dialogam, na contínua geração plural de novas possibilidades.

**O método aporético, a-por-ético, a a-por-ética,** se pauta, assim, pela vivência intuitiva, fenomenológico existencial, afirmativa, da aporia. Pela vivência afirmativa da sua estagnação; e pela vivência afirmativa da emergência da potência de novos possíveis, de novas possibilidades. Poderíamos dizer, baseado na mesma formulação de Buber, da **entrega à concrecência da existência**<sup>1</sup>.

A potência desta emergência, e da metodologia aporética, é diretamente proporcional ao modo como podemos vivenciar, ao modo como podemos atualizar, afirmativamente, a impotência multiplamente conflituosa, aflitiva, afligente, e angustiante, da aporia

Assim, retrospectivamente, podemos em suma dizer que a afligência da aporia se configura, no plano existencial – pessoal, interpessoal, intergrupar –, e se cronifica, como conflito. O conflito se *instala*, se estabelece e se fortalece, enquanto tal, à medida em que se paralisam os fluxos de atualização de suas possibilidades, no modo ôntico da existência pessoal, grupal, ou intergrupar. O conflito se fortalece e se instala na medida em que se paralisa, ao nível do modo ôntico de estagnação, e instalação, de suas aporias.

É, assim, na angústia da paralisia, na angústia de suas afligências, que se dá o reforçamento deste modo ôntico da experiência coisificada do conflito.

Na prevalência de seus sub produtos.

Na prevalência da experientiação de sua téorética explicativa, na prevalência de sua comportamentalidade, na prevalência de suas pragmáticas, na prevalência de seus moralismos, em suas aflições, nas estases de suas aporias.

Todas carentes da *implicação* característica da entrega à concrecência fenomenológico existencial e dialógica de suas presenças e atualidades. Estética vivência, vivência no modo dialógico, ontológico, hermenêutico, ativo, atualizativo, de possibilidades, e de possibilitações.

---

<sup>1</sup> BUBER, Martin **Eu e Tu**. São Paulo, Moraes, 1982.

Assim, a progressiva realização, a progressiva coisificação, do conflito -- e do relacionamento intrapessoal, interpessoal, ou inter grupal -- só conduz, naturalmente, à acentuação do conflito. Na medida em que estas se dão na ausência da vivência do possível, na ausência da vivência de possibilidade; na ausência da ação, e da atualização, pessoal e coletiva, que é a vivência da possibilidade e do seu desdobramento, própria ao modo ontológico, fenomenológico existencial, de sermos.

Desta forma, o conflito é um momento adensado da multiplicidade de fluxos e perspectivas existenciais.

Momento que naturalmente se resolve na vivência implicativa fenomenológico existencial e dialógica das aporias, e de sua superação pontual, na abertura do concurso e da concorrência das possibilidades, que são próprias ao modo ontológico, fenomenológico existencial de sermos.

De modo que, para além da vivência angustiante da estagnação e das aporias, da inércia parálitica, da instalação do conflito, a metodologia fenomenológico existencial da mediação da facilitação da resolução dos conflitos propõe o modo de sermos fenomenológico existencial a *poiese*, a *vivência poética*. Da ética da vivência do modo de sermos das possibilidade. O modo estético de sermos, fenomenológico existencial e dialógico.

A vivência da infusão da instalação do conflito pelo concurso e concorrência de novas potências, de novas possibilidades. Cujos desdobramentos reencetam o fluxo existencial, a atualização, a ação, a criação.

A desinstalação, e a superação do conflito. Desde que possamos atualizá-lo, vivenciá-lo como ação, como atualização. Que intrinsecamente se dão como constituintes do modo de sermos da temporalidade fenomenológico existencial e dialógica, da vivência inter ativa das aporias que se instituíram na instalação ôntica e real do conflito.

## **1.2. Realização e realidade do conflito e de sua instalação ôntica;**

Podemos dizer que o conflito aparece fenomenologicamente em sua potência, ou seja, vivencialmente, na vivência de suas possibilidades. A vivência do conflito neste seu momento é a vivência da interação de forças, da limitação de forças; e a vivência das aporias são momentos dos fluxo de atualização de possibilidades.

Esta vivência da potência do conflito faz com que o seu fluxo seja o próprio fluxo da atualização. E, no que pese a momentaneidade de suas aporias, o conflito assim vivenciado é a vivência dos fluxos de suas interações, de suas possibilidades, e atualizações. Que, naturalmente, podem levar à

superação de suas aporias, à superação do conflito, à sua resolução, na criação da atualização de novas possibilidades.

Alternativamente, o vivencial, o fenomenológico existencial dialógico pode se direcionar no sentido da sua coisificação, da sua realização, da sua instalação ôntica.

Nesta alternativa -- quando o conflito não se resolve no âmbito da experiência do modo ontológico, fenomenológico existencial dialógico, de sua emergência -- ele perde, progressivamente, a sua dinâmica experiencial e experimental, a suas forças de possibilidade, a sua fluidez. E avança no sentido da coisificação, da realização, e da *instalação* de sua experiência ôntica.

Desenvolve-se, então, a instalação do conflito, a realização do conflito, no âmbito de sua experiência ôntica. O que significa a realização, a coisificação, a instalação de suas aporias. A realização, a coisificação, a instalação do conflito. Desprovido, então, do influxo de possibilidades e de possibilitação, próprias à vivência do modo ontológico de sermos, o conflito tende a se instalar, a se coisificar, a se realizar, numa paralisia progressiva.

Tanto ao nível pessoal, quanto ao nível grupal, e inter grupal, quanto mais perdura a interdição à vivência dialógica ontológica, fenomenológico existencial, mais tende a se radicalizar, a se sectarizar, o conflito entre as partes. O conflito, privado da incisão da emergência, e da prevalência, da vivência do possível, da vivência da possibilidade e do seu desdobramento, da vivência da ação, da atualização, da criação, realiza-se. O que quer dizer: coisifica-se, instala-se, e se cronifica.

Até que novos acontecimentos, ou a angústia de sua aflição gerem e regenerem um retorno ao modo ontológico de vivência de suas possibilidades.

De modo que é só a incidência da momentaneidade do modo de sermos da vivência dialógica, ontológica, fenomenológico existencial, estética, que permite o deslocamento, a cisão, a infusão da potência de possibilidades, a infusão de devir, na instalação conflituosa. Criando novas condições, e novas condições de possibilidade, permeabilizando as suas aporias, e permitindo a passagem de seus fluxos existenciais e o fluxo de suas atualizações -- quer seja ao nível do pessoal, do inter pessoal, do grupal, ou do intergrupal.

### **1.3. Facticidade, e fatalismo, do conflito;**

Na exacerbação da experiência de instalação real de seu modo ôntico, o conflito se *instala* em sua condição de **fato**; e não mais como **acontecer**; o conflito se instala em sua condição de **acontecido**, em sua **facticidade**.

O efetivamente *existencial*, o efetivamente ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, estético, é, inteiramente, *acontecer*.

Porque é inteiramente *ação*, *atualização*, como desdobramento das possibilidades, de que é propriamente impregnado.

Ou seja, é o antípoda do *fato*, do *factual*, do *acontecido*.

O não existencial, o modo ôntico de sermos é -- enquanto *fato*, enquanto *realidade*, enquanto *coisidade* -- possibilidade atualizada, exaurida, realizada, coisificada, *acontecida*, feita, *fato*.

De forma que, o modo existencial, ontológico, de sermos é *acontecer*; enquanto que o modo ôntico de sermos é *acontecido*, é *fato*.

A *realidade* do conflito, a sua *instalação* -- em sua *aporia* -- o seu enrijecimento, é *instalação* e *realidade* ônticas. À medida que se desenvolve, e se fataliza, o conflito é cada vez mais da ordem da *realidade*, da ordem do *fato*, do *factual*. De modo que este seu fortalecimento é cada vez mais *factual*, cada vez mais *fatal*.

E, cada vez mais, a exclusão da oportunidade da experiência e experimentação, pelas partes, do conflito em sua modalidade alternativa -- ou seja, a experiência e experimentação do conflito no seu modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, no seu modo estético -- a exclusão desta oportunidade, potencializa a paralisia do conflito em sua *realidade*, *instalação* e *aporia*.

De um modo tal que permite a constituição, e potencializa a constituição, de uma *dogmática* -- segundo Buber, a *dogmática do decurso das coisas* --, segundo a qual só esta modalidade da *realidade*, da *instalação*, da *fatalidade* e do *fatalismo* do conflito é factível.

O conflito, que é *factual*, neste seu momento, é constituído, e passa a sê-lo cada vez mais, como *fatalidade*, como *fatalismo*.

Buber<sup>2</sup> esclarece a ontologia da *fatalidade*, e do *dogma da fatalidade*, o *dogma do decurso das coisas*, como *predomínio da realidade*, como *predomínio excludente do modo eu-isso de sermos*, não dialógico, como *predomínio do decurso das coisas*.

Muito propriamente, Buber adverte, que, ***a única coisa que pode vir a ser fatal ao homem é crer na fatalidade...***

Porque -- esclarece ele --, basta a momentaneidade da vivência da imersão, sempre disponível, no modo alternativo de sermos, em nosso modo ontológico de sermos -- dialógico, fenomenológico existencial, estético, *eu-tu* --, para que a rigidez do *factual*, a rigidez do *fatal*; para que a rigidez da *fatalidade*, para que o *dogma do decurso* -- que a *fatalidade* potencializa, e

---

<sup>2</sup> BUBER, M. EU E TU

que à fatalidade potencializa -- possam dissolver-se no movimento da ação, no movimento atualizativo da potência de suas possibilidades.

A elaboração da vivência do modo ontológico de sermos, como modo de sermos da vivência do desdobramento de possibilidades, dissolve, assim, a realidade, a instalação ôntica, o caráter factual, a fatalidade, o fatalismo do conflito.

Diante do conflito instalado, em sua realidade ôntica, factual, resta-nos, assim, a alternativa: sucumbir progressivamente à aflição da factualidade, da fatalidade do conflito; ou permitir e promover a experiência e a experimentação de sua vivência dialógica; a experiência e experimentação de sua ontológica, a experiência e a experimentação da interpretação de sua hermenêutica, a vivência da conflituação no modo fenomenológico existencial, estético e dialógico de sua vivência.

É no privilegiamento desta experiência e experimentação que se centra a concepção e a metodológica do Grupo Vivencial. A concepção e a metodológica da Abordagem Fenomenológico Existencial de psicologia e psicoterapia; da Gestal'terapia, e da Abordagem Rogeriana.

## **2.**

### **A mediação e a facilitação da superação, e da resolução, como experiência estética do conflito -- à ventura dos devires de suas possibilidades. O Grupo Vivencial.**

O Grupo Vivencial constituído com a equipe de facilitação, ou com o facilitador, e as partes conflitantes é a oportunidade psicossocial de tempo e espaço, vivenciais, que a concepção e a metodologia das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais – Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana – oferecem como metodológica para a mediação e para a facilitação da resolução de conflitos.

Trata-se de promover, de propor e de propiciar às partes em conflito o tempo e o espaço, a disposição e a disponibilidade, para o natural processamento imediato da experiência e da experimentação na vivência conflitiva. Ou seja, a experiência do conflito em sua forma vivencial, estética, fenomenológico existencial dialógica.

O Grupo Vivencial naturalmente demanda as suas condições, ou seja, tempo e espaço, disposição e disponibilidade para a sua experiência e experimentação.

## 2.1 A Experiência estética, experiência ontológica, fenomenológico existencial, dialógica, do conflito;

Como vimos, a experiência do conflito, como todo o existencial, oscila entre as as formas ônticas e ontológicas de sua experiência. Ou seja, a experiência do conflito oscila entre o modo de ser *eu-isso*, e o modo *eu-tu* de sua experiência; entre o modo de sermos em que ele, o conflito, é *acontecido*, e o modo de sermos, *estésico*, *estético*, em que ele é *ação*, *atualização*, *acontecer*: o modo fenomenológico existencial de sermos: experiência e experimentação imediatas da estesia, da sensibilidade, da vivência, do corpo e dos sentidos.

Em sua forma ôntica, *eu isso* -- a dimensão do *acontecido* --, a experiência do conflito, privada do influxo de possibilidades e de possibilidades, privada de *ação*, de *atualização* -- o que quer dizer, privada de *superação* e de *resolução* --, *se instala*; interrompendo os seus fluxos, realizando-se; coisificando-se, cada vez mais, e constituindo-se, como tal, enquanto *acontecido*; enquanto *factualidade*.

Nessa dimensão, meramente, cada vez mais cristalizada, cada vez mais *aflitiva*, *conflitiva*, as potências do conflito se investem meramente na sua *aflição*.

É interessante e importante observar que, para os *sectários* das partes em conflito, para os que *própria* e especificamente ganham com o próprio conflito, esta é a alternativa de *predileção*. Ou seja, manter a experiência do conflito *paralisada* na forma ôntica de sua experiência, na experiência da forma de sua *instalação*, de sua realidade realizada, de sua *factualidade*, de sua *fatalidade*.

Os que se dispõem a elaborar a *superação* e a *resolução* do conflito carecem sempre de lidar com os *sectários*, que investem na *cronificação* e na *perpetuação* do conflito.

A qualquer momento, não obstante, pode-se criar a oportunidade para que o conflito seja vivenciado *alternativamente* pelas partes *conflitantes* ao modo *ontológico* de sermos, no modo *eu-tu* de sua experiência e *experimentação*, ao modo *dialógico* de sermos.

E -- a partir da *interpretação* (fenomenológico existencial, *compreensiva*, *dialógica*), a partir da *dramática* ampla e livre, da *realidade*, da *factualidade*, e da *instalação*, do conflito, pelas *próprias* partes *conflitantes* em *interação*, a partir da *interpretação* de sua experiência do conflito como *acontecido* -- o conflito pode, então, ser vivenciado e interpretado -- fenomenológico existencialmente, *esteticamente*, *hermeneuticamente*, *experimentalmente*, *dialogicamente*, *dramaticamente*--, na *imediatividade* de sua forma *própria* e *específica* de *acontecer*.

Como *vivência*, *pessoal/coletiva*, que disponibiliza, enquanto *experiência*, e *experimentação*, *fenomenológico* existenciais, o campo

vivencial das possibilidades, e das possibilitações. Campo estético, portanto, dramático, fenomenológico existencial, e dialógico -- vivência, e vivência do desdobramento de suas possibilidades. Vivência que, própria e eminentemente, se dá como ação, como atualização. De Possibilidades que, simultaneamente, são possibilidades próprias e específicas do grupo, no processamento conjunto de sua experiência coletiva, da experiência coletiva de seus subgrupos, e de seus participantes individuais.

Numa experiência e experimentação, assim, que são, em importantes de suas dimensões -- na integridade e integração do grupo, na integridade participativa do processamento vivencial --, experiência e experimentação, não simplesmente das partes segregadas, mas experiência e experimentação, interpretação: *dramática*, do grupo e da vivência de seu processamento experimental, em seu conjunto.

Esta experiência e experimentação fenomenológico existenciais e dialógicas do conflito são, assim, a experiência e a experimentação do conflito no privilegiamento do modo de sermos de sua vivência estética.

Ou seja, no modo de sermos da vivência de sua **estesia**. Como abertura à experiência pré-reflexiva, pré-comportamental, pré-pragmática, fenomenológico existencial dialógica, na qual prevalece a experiência vivencial, a experiência de corpo, de sentidos; a experiência *estésica*, estética.

Própria e especificamente, a *Estética* é uma *Ética* (O termo, aliás, já o diz).

A ética que subjaz à concepção e à metodológica da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial; a ética que subjaz à concepção e metodológica da Gestal'terapia e da Abordagem Rogeriana enquanto tais.

De modo que, quando propomos o grupo vivencial como metodológica de mediação e de facilitação da resolução de conflitos, propomos, às partes conflitantes, um deslocamento do modo da experiência do conflito meramente na forma ôntica de sua realidade e instalação, um deslocamento da experiência do conflito meramente na forma ôntica de sua facticidade. Propomos a afirmação do conflito, e a vivência do conflito em sua forma estética, vivencial, e dialógica, que permite a diluição de sua realidade em suas possibilidades, a sua superação, assim, e a movimentação de suas resoluções.

O que caracteriza a experiência estética, fenomenológico existencial, compreensiva, dramática, dialógica, é que, como diz Buber, toda ela é **ação**, é **atualização**; ou seja, toda ela é impregnada de possibilidades, e do desdobramento de possibilidades.

De modo que a vivência estética do conflito permite relativizar e sair da paralisia afligente da instalação ôntica do conflito, do conflito como realidade, como isso, como acontecido. Propiciando e potencializando o

modo de sermos no qual vivenciamos a infusão de possibilidades e de possibilitação, e dos seus desdobramentos, em ação, atualização, interpretação. Infundindo, assim, a vivência do conflito de potência, de possibilidades, de atualização, de movimento.

## 2.2 Dialógica, e a dialógica do conflito;

Na alternância da experiência e experimentação do conflito nos momentos da vivência de seu modo ontológico -- fenomenológico existencial, estético --, a vivência do conflito pontualmente se desdobra no âmbito do modo **dialógico** de sermos, no âmbito da vivência, da experiência e da experimentação, *dialógicas*.

Porque, própria e especificamente, o *vivencial* -- o fenomenológico existencial, o estético, o hermenêutico, o ontológico --, é o *dialógico*.

O *vivencial* é dialógico, o dialógico é *vivencial*.

Individual, e coletivamente, o **dialógico** é o modo eu-tu de sermos, o modo de sermos compreensivo, no qual vivenciamos a ação, o desdobramento compreensivo de possibilidades.

O que caracteriza a *dialogicidade*, o que caracteriza a qualidade *dialógica* deste modo de sermos, é que, de várias formas, e em níveis variados, este é um modo de sermos de vivência imediata e intuitiva. Vivência imediata e intuitiva da movimentação de **implicação inter-ativa** entre um **eu** e a alteridade radical de um **tu**. Vivência esta que, como tal, é pré-reflexiva, pré-comportamental, pré-pragmática.

É o modo de sermos no qual o processo **compreensivo** de produção de sentido -- **logos** --, que já se dá como ação, atualização, é -- como diz o prefixo **dia** -- um processo **compartilhado**. Processo compartilhado, como vivenciação, como **movimentação inter-ativa** -- de produção de sentido, e de atualização de possibilidades, de ação -- **entre eu e tu**.

É, portanto, **dia-logos**, enquanto vivência de **movimentação inter-ativa entre eu- tu**. Eu-e-tu que eminentemente se dão como alteridades radicais; e, enquanto alteridades radicais, de modo intrínsecamente **implicativo**; como possibilidades em desdobramento.

Processamento momentâneo, então, no qual o compartilhar interativo da produção de sentido, de ação, se constitui como **campo compreensivo e compartilhado de desdobramento de possibilidades**, e de **ação**.

Assim, no **modo dialógico de sermos** -- fenomenológico existencial, *vivencial*, ontológico, e estético --, o movimento eu-tu/tu-eu, é, própria e especificamente, um movimento de imediata **implicação inter-ativa**, e **poiética**.

Movimentação na qual há um compartilhamento do processo, *intencional*, eminentemente **compreensivo**, de produção de sentido, e de ação. Um processo **inter-ativo**, eminentemente **implicativo**, que se dá como vivência de **um campo compreensivo compartilhado do desdobramento de possíveis, do desdobramento de potências, do desdobramento de possibilidades, de vontades de possibilidades; no que entendemos como ação** -- um **campo fenomenológico e existencial, dialógico, estético, e de vivência ontológica**.

O objetivo da concepção e da metodologia da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial – Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana – o seu objetivo na vivência da mediação e da facilitação da resolução de conflitos, seja na experiência grupal, ou na experiência da relação diádica, é o de criar a oportunidade, o tempo e o espaço, que se abrem e privilegiam a temporalidade própria da vivência dialógica.

Quando propomos o grupo vivencial como recurso para a mediação e para a facilitação da resolução de conflitos, propomos exatamente porque no grupo vivencial nos abrimos e privilegiamos a vivência do modo dialógico de sermos, a vivência da experiência e da experimentação dialógicas.

No âmbito da experiência dialógica, os participantes, e os seus subgrupos, podem efetivamente **inter-agir**.

Não, simplesmente, na experiência sectária, e impotente, da teórica do conflito: com a mera definição e experiência conceitual, abstrata e estática de suas instâncias, por cada uma das partes. Na impotência aflitiva e angustiante da ausência da vivência de possibilidades e de possibilidades.

Nem, simplesmente, no mecanicismo, igualmente impotente, de nosso modo comportamental. Nem na mera esterilidade das pragmáticas.

Os participantes e os seus subgrupos podem **inter-agir**, efetivamente, no processo *poiético* de produção de possibilidades e de sentidos, a partir da dialógica, (eu-tu) da **inter-ação** de suas alteridades. E podem interagir como sistema integrado, o processo grupal, de produção de possibilidades e de atualização.

De modo que o conflito, vivenciado pelas partes conflitantes na momentaneidade da experiência do modo dialógico de sermos, tende a ter a sua *realidade*, a *estagnação* de sua *instalação*, a sua *factualidade*, a sua fatalidade e fatalismo, transformados, diluídos -- na vivência da emergência compartilhada, dialógica, de suas possibilidades e possibilidades.

O **campo dialógico** constitui-se como, propicia e promove, o compartilhamento entre as partes deste campo da emergência do desdobramento de possibilidades.

A vivência do conflito pode ser, então, atualizada.

O *staus quo* do conflito pode ser diluído em possibilidades, pode ser superado, e o conflito deslocado, movimentado, eventualmente resolvido –

como elaboração da dialógica da integração tensional das partes conflitantes, no âmbito integrativo do processamento da experiência e da experimentação da vivência grupal. A vivência do processo poético de emergência de suas possibilidades e possibilidades, a vivência, pelas partes conflitantes, da experiência da diluição da realidade da instalação factual do conflito -- em suas possibilidades -- a vivência de suas superações, e resoluções, pode ser atualizadas.

Na mediação, e na facilitação da resolução de conflitos, a vivência dialógica pelas partes conflitantes -- no âmbito da experiência de processamento do grupo vivencial --, permite que as partes conflitantes momentaneamente constituam -- alternativamente à normalidade de sua experiência conflitiva -- uma dimensão de vivência compartilhada de experiência e de experimentação. Uma experiência e experimentação de vivência do processo grupal como uma totalidade integrativa, compartilhada e solidária, ainda que tensional. Uma totalidade e totalização dialógicas, interativas, atualizativas.

Neste sentido, o que caracteriza a concepção e a metodológica das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais dialógicas -- Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana -- é, exatamente, o propiciamento metodológico desta experiência do **campo dialógico**, como vivência grupal. Pelo privilegiamento em sua prática da experiência ontológica, da experiência estética -- fenomenológico existencial dialógica. Seja no âmbito do grupo vivencial, seja no âmbito da forma de relação diádica em que este pode se configurar.

### **2.3. Compreensão.**

**O modo de sermos da experiência estética, da dialógica, da aporética, da interpretação, hermenêutica, fenomenológico existencial;**

A **compreensão** é característica, e, própria e eminentemente, intrínseca, ao modo ontológico de sermos.

A compreensão é experiência estética, a experiência estética é compreensiva. A experiência estética é vivência imediata de corpo e de sentidos, e esta vivência é, própria e eminentemente, compreensiva.

A **compreensão** é intrínseca, portanto, ao modo fenomenológico existencial e dialógico -- eu-tu -- de sermos; é intrínseca à experiência e à experimentação fenomenológico existenciais, é intrínseca ao empirismo fenomenológico existencial, é intrínseca à interpretação fenomenológico existencial; e, portanto, é intrínseca à hermenêutica fenomenológico

existencial: hermenêutica própria e especificamente *compreensiva*. A compreensão é intrínseca ao modo *ontológico* de sermos, à vivência ontológica.

O que caracteriza o aspecto **compreensivo** do modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico de sermos é que ele é, especificamente, *vivência empírica*. Vivência, que -- como todo vivencial, fenomenológico existencial, e dialógico -- é vivência imediata, pré-reflexiva, pré-conceitual, pré-teórica, pré-comportamental, pré-pragmática, pré-realista, pré-realidade.

Vivência que é anterior à *representação*; uma vez que, na verdade, a *representação* é *re(a)representação*. E, intrinsecamente, a **compreensão** é, própria e especificamente, **a-present-ação**. Dá-se no modo pres-ente de sermos – o modo pré-coisa de sermos.

E o que é que se dá, o que é que, na vivência compreensiva, acontece como **apresentação** ?

Pela abertura para o Ser, que é própria ao modo ontológico de sermos, inexoravelmente abrimos o campo do possível, o campo da potência, o campo das possibilidades, o campo da ação, da atualização – que são, segundo Heidegger, o campo do desdobramento compreensivo das possibilidades, da *poiese*. São, assim, as possibilidades em seu desdobramento que se apresentam, que se presntificam, como compreensão.

O desdobramento das possibilidades as constitui como *conhecer* – as possibilidades se *apresentam* com conhecer, como sentido.

De modo que, segundo a sua potência, é a vivência das possibilidade e do seu desdobramento -- na ação, na atualização, na interpretação compreensiva fenomenológico existencial – que se constitui como conhecer.

O conhecer dá-se, assim, como **apreensão** – *apreensão* que é a constituição do *sentido* do ato de conhecer. Conhecer **compreensivo**, uma vez que o sentido das possibilidades em seus desdobramentos se constitui como apreensão, se constitui **com(a)preensão** – se constitui como **cum-preensão... compreensão**.

A vivência de possibilidade e do seu desdobramento, a ação, é, assim, intrínseca ao, e constituinte do modo **compreensivo** de sermos; como, de resto, é intrínseca, e constituinte de toda a experiência e experimentação do modo fenomenológico existencial, dialógico; modo ontológico, e estético, de sermos.

A vivência, o conhecer, *compreensivos*, é eminentemente conhecimento **implicativo**, é **implicação**.

Ou seja, ele se dá como *logos*, *dia-logos*, como *dialógica*. Como **vivência eu-tu**. Como vivência, portanto, que **não é da ordem do relacionamento sujeito-objeto**.

Afirmar isso é uma redundância, uma vez que tudo que a relação eu-tu não é é relação sujeito-objeto.

De forma que o **conhecer** que a possibilidade constitui em sua vivência, e na vivência de seu desdobramento, é conhecimento, é cognição; mas, em particular, é o conhecimento e a cognição como apreensão – conhecimento **cum(a)preensão** – o conhecimento compreensivo momentâneo próprio à vivência da dialógica da da relação eu-tu.

Na qual se dá, de modo inextricável, a movimentação da **implicação** com a alteridade radical de um *tu* -- que se dá, na vivência dialógica, como possibilidade, e possibilidade em desdobramento, na ação, no acontecer, da inter ação.

Não é conhecimento teórico, ex-plicativo, mas conhecimento vivencial, conhecimento artístico, conhecimento dionisíaco, **implicativo, compreensivo**. O conhecer de uma consciência embriagada, dissoluta em sua *embriaguês*, e que evolui em sua potência criativa, não para a abstração, e para a clareza abstrativa do conceitual, mas para perder-se na embriaguês do confusional de sua auto superação.

Este **e-vento, esta e-ventualidade inter ativa, à-ventura** -- que é, assim, da ordem do presente e da presença, da atuação e da atualidade -- escoar-se para a coisificação, para a entificação, para a ontificação, e para a inação. Perdendo, inevitavelmente, neste seu escoamento -- decaimento, para Heidegger --, o caráter de sua dialógica, o seu caráter imediato de implicação inter ativa com a alteridade radical de um tu. Deixa, progressivamente, de ser da ordem da **implicação** para, progressivamente, se constituir na ordem da *ex-plicação*.

Nesta forma ex-plicativa, a experiência pode se constituir com *teorética*, como *comportamento*, no âmbito da causalidade e da dicotomia sujeito-objeto; no âmbito da subjetividade, no âmbito da objetividade, no âmbito de inter subjetividade; no âmbito da utilidade, no âmbito da prática, da pragmática, do fato – feito --, e da realidade.

Todo este modo ôntico de sermos -- eu-isso, factual, real -- não é caracterizado pela **compreensão**, não é da ordem da **compreensão**, nem é da ordem da **implicação** -- **implicação** que intrinsecamente se constitui no âmbito da **compreensão**.

O modo ôntico de sermos é, própria e especificamente, da ordem da *ex-plicação*... O modo de sermos no qual estamos 'fora' do desdobramento inter ativo da **implicação** com a alteridade radical de um tu. O modo de sermos no qual estamos fora da implicação com o possível e com a possibilidade, em seus desdobramentos e constituição **compreensivos**.

#### 2.4. Sobre o caráter *implicativo* da experiência estética, da dialógica, da aporética, da compreensão, e da interpretação fenomenológico existencial, da hermenêutica compreensiva.

No modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, não vigora assim a dicotomia sujeito-objeto. Não vigora a objetividade, nem a subjetividade; muito menos, evidentemente, a *intersubjetividade*.

No modo ontológico de sermos, todas elas se resolvem na vivência da dialogicidade, eu-tu, da experiência da ação, da experiência do ator. Que é intencional, e intensional.

O modo ontológico de sermos não comporta nem a objetividade, nem a subjetividade. Mas é, própria e eminentemente, da ordem da relação eu-tu, da ordem da relação dialógica. É o modo de sermos da vivência fenomenológico existencial, dialógica. Que se constitui como movimentação da **implicação** necessária, dos sentidos da relação de um eu com a alteridade radical de um tu.

Assim, na vivência ontológica, fenomenológico existencial dialógica – ao invés da relação sujeito-objeto –, temos que, momentânea e pontualmente, o eu está implicado na vinculação com um tu, que se dá como possibilidade em afirmação e desdobramento.

Toda a vinculação se desdobra, assim, como **inter ação**. Como *inter ação* entre alteridades que se dão como possibilidades, como potências, como possíveis, que se desdobram, como ação, na **inter ação**, eminentemente **implicativa**.

A *inter ação*, dialógica, eu-tu, é, eminentemente, assim, da ordem da **implicação**,

A experiência estética, a dialógica, a hermenêutica compreensiva – a interpretação, compreensiva – são aspectos da experiência ontológica, fenomenológico existencial, dialógica. De modo que são, todas elas, da ordem da **inter ação**, da ordem da **compreensão**, e da ordem da **implicação**.

A **implicação** que é característica, portanto, da *vivência*, significa a implicação, o movimento da vinculação necessária, pontual e momentânea, *inter ação*, entre a alteridade de um eu, e a alteridade de um tu. Que se dão como possibilidades em processo de atualização, processo este que se desdobra como **inter ação**.

De modo que a vivência do conflito na forma ôntica de sua instalação, na forma ôntica de sua realização, na forma ôntica da coisificação de suas aporias, no seu caráter de *ex-plicação*, é caracteristicamente improdutiva. Porque nesta forma de sermos da *explicação*, não vivenciamos o campo de possibilidades que é característico do modo ontológico, e compreensivo, de

sermos. Não vivenciamos a implicação de momentos de vivência eu-tu possíveis e potentes. Não vivenciamos a interação, a ação, a atualização, que são característicos do modo estético de sermos, modo ontológico, **compreensivo**, fenomenológico existencial e dialógico.

## 2.5 Aporética. Aporia e Aporética do Conflito;

Um dos elementos característicos mais marcados da existência – e, por implicação, da concepção e da metodológica das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais – Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana – é a sua qualidade **aporética**.

Na verdade, esta ética, enquanto metodológica, vem já de Aristóteles, e é mediada pela leitura e resgate que dele faz na Modernidade a psicologia do ato, de Brentano.

Pode-se evitar a aflição da estagnação do momento da **aporía**, evitando-se a sua vivência, a vivência da aporia. O que significa a perda do caráter produtivo da aporia, e a cronificação da aporia, do conflito, e de sua aflição. Além da fragilização da vida.

Para além, no limite, da aporia está a *poiese*, a potência, o concurso e a concorrência do possível, das possibilidades; a ação, a atualização.

Tudo depende da **insistência, e da persistência, na vivência da aporia**, de seu inconveniente e aflição, nas suas intensidades próprias, e nas formas próprias de seu modo fenomenológico existencial dialógico.

A vivência afirmativa da aporia permite a abertura da experiência e experimentação da vivência do possível, das possibilidades, e de sua atualização.

De modo que a *apor-ética*, o método *aporético*, é a disposição para privilegiar primária e afirmativamente a vivência fenomenológico existencial dialógica da aporia, na intensidade e na intensificação próprias de seu momento, *momentum*.

A vivência da concentração da intensidade da aporia tipicamente conduz à superação de sua estagnação, ao restabelecimento do fluxo do possível, à abertura do campo de novas possibilidades.

A *aporética* se dispõe à afirmação da ação, à afirmação da potência do possível, e de seus desdobramentos, na ação. Até que esta ação encontre a sua limitação, a sua finitude, a sua aporia. Seja pelas finitudes de suas potências. Seja pelo concurso e concorrência de novas possibilidades. A insistência e a persistência na vivência da finitude da aporia, com suas implicações próprias, permite a abertura e emergência de novos campos de

possibilidades, dando origem a novos possíveis, e a novas aporias, a serem experienciadas e experimentadas.

A instalação do conflito é a instalação, e a estagnação, de sua aporia: a instalação ôntica, factual, da aporia. Ou seja, a instalação da aporia no modo em que ela não pode efetivamente ser vivenciada, e resolvida, superada.

De modo que, quanto mais as partes conflitantes se recusem à experiência da vivência ontológica, fenomenológico existencial dialógica, da aporia de seu conflito, e dos fluxos de sua superação, mais o conflito, em sua coisificação, tende a se acentuar enquanto tal, a se cronificar, e a se instalar.

A *apor-ética* e o método aporético da concepção e da metodológica das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais – Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana -- se propõem, então, a reunir as partes conflitantes em um experiência vivencial – grupal, ou inter individual -- que permite a vivência afirmativa compartilhada da aporia conflitual, em suas intensidades fenomenológico existenciais e dialógicas próprias. Possibilitando, assim a restauração do fluxo da vivência em direção aos limites da aporia, aos limites de sua superação, na produção criativa, pelo sistema e pelo processo grupal, das possibilidades alternativas de sua superação, pelo conjunto do grupo como um todo, conjunto que engloba as partes conflitantes, na encarnação estética de sua elaboração fenomenológico existencial dialógica.

## **2.6 Hermenêutica do conflito.**

Para além de suas aporias, o conflito é preñado de possibilidades.

Antes da abertura dos campos de possibilidades e de interpretação de suas possibilidades, as próprias aporias são potências, são possibilidades, a serem fenomenológico existencialmente interpretadas. E só nesta forma fenomenológico existencial de sua interpretação elas podem ser afirmadas, e esvaídas, superadas. O que envolve o deslocamento da mera experiência de sua instalação ôntica, para a sua vivência estética, fenomenológico existencial dialógica. Vivenciadas as aporias, novas possibilidades podem emergir, e se oferecer ao processamento da interpretação, da hermenêutica fenomenológico existencial.

Estas possibilidades são, assim, detonadas nos limites de suas aporias. São possibilidades a serem *fenomenológico existencialmente, esteticamente, interpretadas*, na medida de sua urgência e emergência, na medida de sua potência, *presença e atualidade*.

Dada a adequada ambiência, essas possibilidades podem ser *interpretadas* pelos próprios *agentes do conflito*. Na medida em que estes efetivamente puderem se constituir como tais – ou seja, como agentes. Ou

seja, na medida em que puderem dispor do espaço e do tempo da experiência hermenêutica experimental em que se constitui a vivência.

É esta *interpretação*, fenomenológico existencial dialógica, das aporias do conflito, e das dinâmicas e fluxos de suas possibilidades, por parte de seus próprios agentes, que pode se constituir como um fluxo de atualização criativa do conflito, e que pode romper ou diluir, em suas possibilidades, as barreiras da instalação de suas aporias, da instalação de sua realidade; e conduzir o conflito para além de seu *status-quo*, na sua superação pela vivência da emergência e atualização.

*A Hermenêutica é a arte da interpretação*<sup>3</sup>.

No caso, *interpretação compreensiva*, fenomenológico existencial, dialógica. Que é como se constitui o tempo característico da vivência. A experiência da vivência fenomenológico existencial dialógica é a experiência da vivência de possibilidades e do desdobramento destas.

Esta vivência de possibilidades e do seu desdobramento – processamento que é própria e eminentemente estético, *compreensivo, pré-reflexivo, fenomenológico existencial dialógico* – é o que entendemos como *interpretação*, e como *hermenêutica, compreensivas*.

Assim, quando propomos a experiência do grupo vivencial para as partes conflitantes, estamos oferecendo a oportunidade de uma experiência de saída da *realidade* e da *instalação*, da *factualidade* e da *fatalidade*, da *aporia*, do conflito, para uma experiência de diluição na hermenêutica de suas possibilidades ativadas, e em desdobramento.

De modo que, em termos essenciais, a experiência grupal fenomenológico existencial e dialógica é, própria e eminentemente, a experiência da vivência, individual e coletiva, do desdobramento de possibilidades -- no que entendemos como *ação*, como *interpretação fenomenológico existencial*.

O que define e caracteriza o espaço e o tempo, o processo, do grupo vivencial fenomenológico existencial dialógico como espaço, tempo e processo eminente e especificamente *hermenêuticos*. O espaço e o tempo, própria e especificamente, de uma *hermenêutica fenomenológico existencial dialógica. Compreensiva. Não explicativa. Implicativa*.

Aplicado assim à mediação e à facilitação da resolução de conflitos, o grupo vivencial fenomenológico existencial dialógico permite que as partes em conflito *interpretem* fenomenológico existencial e dialogicamente o conflito. O que efetivamente os constitui como **agentes** do conflito.

Que podem, numa vivência compreensiva eminentemente hermenêutica, interpretar as suas aporias; ao tempo em que podem *interpretar, compreensivamente*, as suas possibilidades emergentes.

---

<sup>3</sup> Palmer,

## 2.7. O Grupo Vivencial como recurso experimental ontológico, estético, fenomenológico existencial dialógico, e hermenêutico, para a facilitação da resolução de conflitos.

A insistência e a persistência na vivência, no modo vivencial de sermos - que é intrínseca vivência compreensivativa de possibilidades, e do desdobramento dessas possibilidades-- é a vivência *estésica*. É *estética*, fenomenológico existencial dialógica. É sensibilidade -- de corpo, de vivido e de sentidos -- e afetividade imediatas.

O termo *estésico* deriva do nome de um vento que sopra em determinada fase do ano, na Grécia. E que impulsiona as velas dos navios, que deixam assim os portos.

Os Gregos identificaram a força propulsiva do *estésico* à força propulsiva inerente e intrínseca ao modo fenomenológico existencial de sermos, modo, ontológico, modo vivencial de sermos, dialógico. **Que é todo ele impulsão:** a impulsão que é a da **ação** --, pela força propulsiva da vivência do possível, da vivência da possibilidade, da potência; que se desdobra, e se desdobra como **ação, atualização**.

De forma que este modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos -- que é *estésico*, que constitui **a vivência estética**, que é **estético** -- é todo ele ação, atualização, na temporalização e espacialização de sua duração.

*Estésico*, e *estético* é, pois, o modo sensível e afetivo de sermos, o modo fenomenológico existencial dialógico, modo vivencial de sermos: e, integralmente, é intrinsecamente o modo de sermos da ação, da atualização.

Em sua potência propulsiva, de vivência momentânea e de desdobramento de possibilidades, este modo ontológico de sermos potencializa-se como devir, como vir a ser, como ação, atualização -- individual e coletivamente. E como superação da aporia, a *porização*, o acesso, mais uma vez, à potência, à possibilidade, *vontade* de possibilidade.

O Grupo Vivencial, assim como a sessão inter individual, vivencial, fenomenológico existenciais dialógicos, primam, conceitual, e metodologicamente, pela constituição, e priorização, da experiência e experimentalidade da vivência *estética* -- fenomenológico existencial dialógica como vivência grupal. Pela aporética estética, pela vivência estética de suas aporias, e do vir a ser das potências de suas superações.

Conceitual, e metodologicamente, o Grupo Vivencial, e a sessão diádica -- uma modalidade de grupo vivencial --, abrem mão de posturas *científicas*, de posturas *teóricas*, de posturas *explicativas*, de posturas *moralistas*, de posturas *técnicas*, de posturas *pragmáticas*, de posturas

*comportamentais*, de posturas *realistas*... Em privilégio de uma estética. Em privilégio da experiência e experimentação vivenciais, fenomenológico existenciais, dialógicas como experiência grupal.

Simplesmente porque os modos de sermos daquelas posturas não são da ordem do modo de sermos próprio e específico da **compreensão** e da **ação** (Modo de sermos *cum(a)preensão*: modo de sermos *com apreensão* da possibilidade e do seu desdobramento). Modo de sermos da vivência da experiência da possibilidade, da potência, do possível, da vontade de possibilidade, e do seu desdobramento, na experimentação e experiência da *ação, atualização*. Modo de sermos da superação, da criação, da alegria.

Conceitual e metodologicamente, assim, o Grupo Vivencial, alternativamente, privilegia, abre-se, e cria condições, para a vivência estética fenomenológico existencial, dialógica -- o modo próprio de sermos no qual vivenciamos possibilidade, potência, devir, e o seu natural desdobramento em ação.

De modo que são um espaço e tempo privilegiados para a vivência do *destravamento* do conflito, enclausurado em sua comportamentalidade e em sua teórica explicativa; para o destravamento de sua aporia, de sua instalação real.

Pela imersão em conjunto das partes conflitantes numa experiência coletiva grupal. Que, pelo seu caráter fenomenológico existencial estético, aporético, se constitui, própria e especificamente, como uma vivência compartilhada de secretação compartilhada de possibilidades compartilhadas; e de secretação da ação, da atualização, que se constitui como devir da propulsão do possível, e da atualização, da ação; para além da instalação das aporias do conflito; para além de sua estagnação, e estanquização, dissolvendo a instalação realizada destas aporias nas possibilidades que podem emergir da vivência compartilhada da estética do conflito.

Assim, a vivência grupal fenomenológico existencial dialógica, gestáltica, rogeriana, é uma ambiência original e privilegiada para a mediação e para a facilitação da resolução de conflitos.

Os grupos assim constituídos podem variar. Desde pequenos grupos diádicos – um facilitador, e um cliente --, passando por grupos com três ou mais participantes, com um facilitador; e grupos maiores, chegando mesmo aos grandes grupos. Para cada um deles se providenciam as condições adequadas para a instauração pontual e momentânea da temporalidade e da espacialização de sua vivência estética, fenomenológico existencial, dialógica.

Desta forma, a concepção e a metodológica da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial dialógica – Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana – privilegiam o modo de sermos que potencializa

naturalmente o modo ontológico de sermos de superação da aporia do conflito, e de sua instalação realizada. Privilegiam a elaboração, a prevalência, e o desdobramento, da vivência fenomenológico existencial, dialógica –, seja pessoalmente, inter individualmente, grupal, ou inter grupalmente.

Recusando-se, assim, ao privilegiamento -- na abordagem da pessoa, ou na abordagem do grupo, ou das relações inter grupais -- de uma abordagem teórica, ou científica, explicativa e moralista; recusando-se a uma abordagem técnica, recusando-se a uma abordagem comportamental, ou a uma abordagem pragmática; recusando-se a uma abordagem realista; a concepção e método da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial – Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana – privilegiam, na vivência pessoal, na vivência inter pessoal, na vivência grupal, o modo ontológico, o modo dialógico, o modo fenomenológico existencial de sermos.

O modo ontológico, modo dialógico, de sermos, é, própria e especificamente, como vimos, o modo estético de sermos. O modo de sermos da experiência estética. Que é o modo de sermos da experiência fenomenológico existencial, poética: a experiência de vivência imediata de corpo e de sentidos, modo de sermos da sensibilidade e da afetividade, que é da ordem da experiência pré-reflexiva, e pré-conceitual, de vivência de possibilidades, e de vivência do desdobramento de possibilidades. No que entendemos como ação, atualização: poiese, poética, *estética*.

De modo que, quando propomos a abordagem fenomenológico existencial dialógica da Gestal'terapia e da Abordagem Rogeriana, para a mediação, e para a facilitação da resolução de conflitos, propomos – à pessoa, ao grupo, aos inter grupos, -- um relativização da experiência da instalação ôntica -- não estética, não poética, e não dialógica -- do conflito -- ,uma relativização da experiência explicativa, do conflito, da experiência teórica, moralista ou comportamental do conflito. Propomos uma relativização da factualidade, e da fatalidade, do fatalismo, do conflito. E a imersão das partes conflitantes na experiência e experimentação dialógicas.

Trata-se de uma permissão, enquanto oportunidade de vivência, à momentaneidade da experiência e da experimentação de uma estética do conflito.

Ou seja: propomos a permissão, como processo pessoal e grupal, à temporalidade da elaboração, pessoal, grupal, de uma situação e do processamento de uma vivência coletiva e individual, que privilegia, e se pauta, pela vivência do modo ontológico de sermos. Modo de sermos fenomenológico existencial, dialógico, poético. Que, em sua vivência, é, eminente e ontologicamente, modo de sermos de vivência de possibilidade, e de vivência do desdobramento de possibilidades.

Propomos o processo hermenêutico de inter-pret-ação fenomenológico existencial, dialógica, de inter-ação interpretativa, pessoal e/ou grupal: ação, atualização. Que -- à força da potência de sua *ventura estética*, do seu devir, da *vida à ventura*, do possível, -- é sempre **superação**.

Superação que pode, efetivamente, ser gestada, e efetivamente criada e vivenciada, pela(s) pessoas e pelo(s) grupo(s), pelas partes conflitantes. E que é superação -- movimentação pela potência da possibilitação, da atualização -- das aporias do conflito. Superação compartilhada do próprio conflito, em suas possibilidades, possibilitações, e devires. Deslocamento e diluição, em suas possibilidades e possibilitações, da realidade da instalação do conflito nas suas formas ônticas e factuais.

## **2.8. O Grupo e o tempo;**

No essencial, a vivência grupal é a momentaneidade de um tempo. Da temporalidade ontológica, compartilhada, em sua inter atividade implicativa, como experiência grupal.

À medida que, como experiência e experimentação grupais, sobre o funcionamento ôntico explicativo – teórico, ou comportamental, pragmático – diferencia-se e prevalece o modo compreensivo implicativo de vivência, fenomenológico existencial, dialógica, estética, e hermenêutica, instala-se como vivência a duração da temporalidade ontológica.

Que se configura como temporalidade das possibilidades, em seus intrínsecos desdobramentos: em suas intrínsecas atualizações. O tempo faz-se ao largo de sua condição cronométrica, e passa a ter a própria ação, a própria atualização, a própria temporalidade da vivência do desdobramento das possibilidades, como indício, como referência, e como critério.

O tempo ontológico é um tempo das intensidades, um tempo pautado pelas intensidades. Diferente do tempo cronométrico, que que é monótono e se pauta pelos limites e intervalos calculativamente definidos. O tempo ontológico fenomenológico existencial, dialógico, hermenêutico -- temporalidade estética -- violenta, diminui, sobrepassa, e dilui, os intervalos e os limites calculativos do tempo cronométrico.

A temporalidade ontológica é pulsativa, animado pela atualização das possibilidades. É o presente, a atualidade e a presença. E se esgota em sua atualização criativa, cedendo, mais um vez, lugar ao *eterno retorno* do tempo cronométrico.

Assim, o tempo ontológico inexoravelmente destina-se no tempo cronométrico. Sua duração, não obstante, é antinômica e incompatível com os padrões calculativos e ônticos deste.

De modo que, constituir e elaborar a experiência e a experimentação do Grupo Vivencial é constituir e elaborar, atualizar, a vivência da momentaneidade de sua temporalidade própria. Que tem, dentro de limites razoáveis, critérios próprios de explicitação e de conclusão.

Ou seja, é preciso ter tempo, ôntico, disponível. A temporalidade ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, estética, e hermenêutica, ainda que possa se enquadrar em limites razoáveis, e careça desses limites, tem um tempo próprio de explicitação e de conclusão. Não pode, assim, ser simplesmente constrangida, inviabilizada, ou impregnada pelas demandas do tempo ôntico.

O grupo vivencial requer, assim, tempo disponível para a constituição e experimentação de sua temporalidade própria.

### 3.

#### **O conflito, suas formas improdutivas, e as formas improdutivas da mediação;**

Como tudo que é vivência humana, o conflito tem o seu momento agudo, em que as possibilidades concorrem e competem como perspectivas originais, em atualização, na interação entre as partes conflitantes. Neste momento, o conflito é vivido ontologicamente, e pode afirmar-se enquanto tal, e vivencialmente escoar para sua natural superação e resolução.

Numa outra alternativa o conflito pode não se resolver em sua agudeza, e escoar para uma forma ôntica de sua experiência, na qual as instâncias e aporias do conflito se instalam factualmente, realizam-se, e cronificam-se.

Nesta forma, o conflito é experienciado em sua inércia, na paralisia inerte de suas instâncias e aporias, na paralisia de suas angústias, e afligências.

Fora da poiese, e da ação, da atualização, fora da vivência do concurso e da concorrência de novas possibilidades, a experiência do conflito sai da perspectiva compreensiva, e de sua intrínseca implicatividade, podendo se instalar em suas modalidades **ex-plicativas**, moralistas, teoréticas, científicas, técnicas, comportamentais, pragmáticas ou realistas.

Estas perspectivas explicativas apartam-se das perspectivas éticas fenomenológico existenciais empíricas e experimentais – poi-éticas, est-éticas – , na proporção direta em que se instalam. Buscam abranger o conflito reflexiva e conceitualmente, na ótica da busca, ou da pressuposição, de verdades não compreensivas e não implicativas. Alheadas da vivência da efetiva condição dos agentes do conflito – os quais, apenas, podem engendrar, pela sua ação,

pelo engendramento e atualização das possibilidades do conflito, as verdades a ele pertinentes.

Assim, o predomínio -- que exclui as possibilidades da vivência ontológica, estética, compreensiva, e dialógica --, o predomínio da experiência moralista -- que se esmera na pressuposição do verdadeiro, ao invés do empenho hermenêutico em sua criação --, nas suas formas teóricas, explicativa e científica, constitui uma experiência improdutiva do conflito, que, cada vez mais, se atola na experiência ôntica de sua instalação.

Da mesma forma ocorre com a limitação do conflito a sua dimensão comportamental. Dimensão esta desprovida das possibilidades da poética de sua ação, no âmbito de sua vivência ontológica.

O modo comportamental em nossas vidas comporta a atividade padronizada e repetitiva, alheando-se do modo ontológico, fenomenológico existencial, dialógico. Modo no qual podemos vivenciar e atualizar possibilidades, no qual efetivamente agimos. Tratar o conflito ao nível meramente de sua comportamentalidade é garantir a sua repetição, e reforçar os elementos de sua facticidade, de sua instalação ôntica. O que, no limite, neste modo, pode ser resolvido, apenas, pela violência. Mais ou menos explícita.

Um engano, ainda, é uma abordagem pragmática do conflito. Enganadoramente, uma pragmática do conflito só pode ser estéril, e levar a um reforçamento de sua instalação, da instalação de sua inércia e paralisia. Uma vez que o que desloca o conflito de sua instalação -- pela diluição de sua realidade em suas possibilidades -- é a sua vivência ontológica, fenomenológico existencial, dialógica e estética.

Vivência que disponibiliza a experiência e a experimentação do campo ontológico, dialógico, e estético das possibilidades.

A vivência ontológica é implicativa, eu-tu, como observamos: está fora da dicotomização sujeito-objeto. Está também fora da ordem da causalidade. E, especialmente, até por isso, fora da dimensão dos úteis e da utilidade.

A vivência ontológica, em suas efetividades de produção e atualização de possibilidades, é da ordem do modo de sermos da **inutilidade produtiva e desproposital...**

Só assim se dá a vivência do campo das possibilidades, e o seu desdobramento, em ação; só assim se dá a dialógica, a estética, a interpretação compreensiva, a hermenêutica fenomenológico existencial, a criação, a superação...

A pragmática se pauta pela *prática*, pelo valor da prática, e da *ação funcional, adaptativa*. A prática se pauta pela *utilidade*, e pelo *princípio de sobrevivência*.

E tudo que não encontramos na vivência ontológica, fenomenológico existencial, e estética, é a *utilidade*. Ainda que a vivência ontológica, estética, fenomenológico existencial e dialógica seja eminentemente produtiva, e criativa. Isso é o que significa dizer que ela é inerente e intrinsecamente *poiética* -- pela ação em que se configura a atualização, o desdobramento, de possibilidades. Poiese e criatividade estas que, produzem, inclusive, todos os úteis, e todas as utilidades. Que não se geram e regeneram na esfera da experiência ôntica de sua existência. Mas se geram e se regeneram, própria e especificamente na vivência do modo ontológico de sermos.

De modo que a insistência no pressuposto pragmático da utilidade, e da funcionalidade, na metodologia para a resolução do conflito é insistir no encerramento dele nas formas ônticas de sua instalação, pela interdição da possibilidade de sua vivência produtiva e criativa.

Quanto à *funcionalidade*, é evidente que o que almejamos não é a funcionalidade do conflito, mas, mais propriamente, o que almejamos é a sua disfunção, superação e resolução. Pela força de seus possíveis.

Esta disfunção do conflito decorre da diluição da instalação de sua realidade, da realidade de sua instalação ôntica, na elaboração e atualização de suas possibilidades, das possibilidades que se geram e regeneram na vivência de seu modo dialógico, estético, fenomenológico existencial e dialógico.

Um outro aspecto extremamente importante quando consideramos a vivência ontológica fenomenológico existencial, é que estamos tratando sempre, na momentaneidade do modo de sermos desta vivência, de vivência de possibilidade, e vivência do desdobramento de possibilidades. O possível é antinômico com a vivência do real, que a ele se contrapõe. Na verdade, o possível atualizado se constitui em realidade, realiza-se. De modo que o acesso ao campo das possibilidades, como vivência ontológica, exige que nos descolemos da vivência do real, para desfrutarmos, especificamente, da vivência da possibilidade e de sua atualização, que constitui a ação.

Ontologicamente, não somos seres do real, mas seres da possibilidade. A realidade é progressivamente inóspita para o humano, como observou Heidegger, até que ele possa experimentar e inspirar na fonte do possível.

De modo, que, ao contrário do que possa parecer, uma postura realista não condiz com a postura da vivência grupal, da mesma forma que não convém com a postura da mediação e facilitação fenomenológico existencial dialógica da resolução de conflitos.

Poder-se-ia dizer então: e é uma postura irrealista, então, que é pertinente? Não exatamente isto. À medida em que se começa a insistir, e começa a persistir, enquanto experiência grupal, a vivência fenomenológico existencial, esta começa progressivamente a caracterizar-se como a vivência ativa, produtiva; como a vivência da ação, como vivência de possibilidades e

da atualização de possibilidades. Que desloca-se do que podemos entender como experiência da realidade, para caracterizar-se, cada vez mais, como vivência poética, vivência estética, fenomenológico existencial dialógica, que se constitui muito mais como vivência de possibilidade, e de sua atualização; do que como vivência da realidade.

O conflito é sempre um momento particular da vida pessoal, da vida inter pessoal, grupal e inter grupal. Sua evidência, sua explicitação, sua superação, e resolução são evidências de saúde psicológica e social. Mas o conflito é um momento, um *momentum*, dos fluxos da existência pessoal, um momento dos fluxos das relações interpessoais, grupais, e inter grupais.

Sua progressiva realização, e instalação, trazem consigo o sofrimento, e a redução desta vitalidade. Esta instalação se dá na medida em que a experiência das partes conflitantes, em sua individualidade e em seu conjunto, se detém e se demora na experiência de seu modo ôntico, de seu modo factualizado, fatal, acontecido; eximindo-se, ou se privando, das formas, formações, performances, figurações, atualizações, criatividade, do modo de sua vivência ontológica, de sua vivência estética, fenomenológico existencial, dialógica.

A concepção e a metodologia de mediação, e da facilitação da resolução de conflitos das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais empenham-se no sentido da criação de condições pessoais, interpessoais, grupais, inter grupais, para a respectiva vivência atual da experiência do conflito em sua forma ontológica, em sua forma fenomenológico existencial, dialógica.

Esta vivência permite a vivência do conflito ao modo de sua experiência estética, vivencial – corpo, vivido, sentidos --, criativa. O que permite a vivência pelos participantes, e conjuntos destes, das elaborações e desdobramentos fenomenológico existenciais dialógicos das possibilidades da tensão e da situação conflituosa. E, com isso, a dissolução em suas possibilidades da fatalidade e da instalação do conflito. E a sua superação.

### **BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA**

BUBER, Martin EU E TU.

HEIDEGGER, Martin SER E TEMPO.

PALMER, R. HERMENÊUTICA.

## **11. DA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL DIALÓGICA DE PAULO FREIRE Crítica, Empírica, Experimental, Estética e Poiética**

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo\**.

\* Escola Experimental de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial.

### **Introdução**

As idéias e a obra de Paulo Freire têm um grande fascínio, um misterioso fascínio até, sobre os que sobre ela se debruçam, e se in-teressam por ela e pela sociedade Brasileira, que se intressam por atuar contra a miséria, a opressão e a exclusão, historicamente cons-tituídas pelo processo colonialista, e seus prolongamentos.

Paulo Freire atuou sobre a fascinante área humana, do devir, da criação, tanto individual quanto coletiva. O nosso modo dialógico de ser, fenomenológico existencial, compreensivo e implicativo, modo de sermos da *presença* e da *atualidade*. Pois é disso que trata a pro-dução cultural. Paulo Freire foi um grande produtor cultural no âmbito das culturas da sociedade Brasileira. Sobretudo ao nível da ética, da eticidade. E só a partir deste nível, ao nível, também, da Pedagogia, da Educação.

A um diagnóstico sócio histórico preciso da miséria, da opressão e da exclusão no Brasil, Freire soube aliar a experimentação e a cons-trução de uma metodologia fenomenológico existencial dialógica, compreensiva e implicativa, de Pedagogia e de Educação. Oriunda de uma radicalidade ética antagônica aos fatores anti ontológicos, antro-pológicos, sócio históricos, determinantes da miséria, da desumaniza-ção, da opressão, e da exclusão.

Ao nível desta metodologia consonante com esta radicalidade ética, Freire foi encontrar, e desdobrar, numa perspectiva *dialógica e fenomenológico existencial, compreensiva, e implicativa*, os funda-mentos metodológicos compatíveis não só com a sua ética, mas, em particular, com a radicalidade ontológica, antropológica e sócio histó-rica desta.

De modo que o que é mais importante, e fascinante, em Freire, não são exatamente as suas teorias... Mas é o seu diagnóstico da de-sumanidade e da desumanização historicamente produzidas pela for-mação colonialista da sociedade Brasileira, e pelos seus epígonos e prolongamentos. A radicalidade e a raiz de suas agressões antropoló-gica e ontológicas, o devir, igualmente antropológico e ontológico, sócio histórico, de suas superações. O que é importante em Freire é a sua ética radical, de não participação nos sofisticados mecanismos de 2

produção da miséria, os mecanismos da opressão e da exclusão. A sua disposição de lutar contra a desumanidade e as desumanizações historicamente constituídas e estruturadas na sociedade Brasileira, e no mundo. E a sua metodologia radicalmente dialógica, como dimensão da radicalidade de sua ética social.

Freire soube articular à metodologia da labuta microsocial da pedagogia e da Educação a crítica macrossocial e histórica.

Nem sempre se entende estes níveis e a suas articulações na obra de Freire. O nível da leitura sócio histórica e marxista da sociedade Brasileira; o nível da ética; e o nível da metodológica dialógica, fenomenológico existencial, compreensiva e implicativa.

Em particular porque pode eventualmente causar estranheza ao menos avisado a co-habitação, na postura Freireana, da dialética materialista e do empirismo característico da ontologia fenomenológico existencial de uma metodologia dialógica. Em específico a co-habitação de uma postura dialética na crítica macrossociohistórica com o empirismo interhumanamente interativo da dialógica.

Precisamos aprender e nos apropriarmos da perspectiva e da metodologia freireana. Para ver que não há conflito ou incoerência, inconsistência, na convivência destas perspectivas que poderiam parecer conflitantes.

Na verdade, trata-se de uma questão de consistência. A crítica macrossociohistórica não poderia obscurecer o fato de que oprimido, excluído, carente e frequentemente miserável o estudante em sua particularidade não poderia deixar de ser entendido, tratado e respeitado, em sua alteridade radical. Que só ao diálogo efetivo e possível pode se dar, livre dos investimentos sócio históricos e sistemáticos da opressão e da exclusão, da produção e da reprodução da miséria e dos miseráveis, dos *ofendidos e humilhados*.

A metodologia dialógica de Freire naturalmente deriva da radicalidade ética de sua indignação com a indignidade, e da dialética de sua crítica macrossociohistórica.

O empirismo dialógico freireano é um empirismo fenomenológico, não é um empirismo objetivista. E integra, naturalmente, a abstração da teoria e da crítica teóricas.

Diferentemente do empirismo objetivista, para o qual a abstração teórica é abominada como erro epistemológico.

Por outro lado, é importante entender que em sua operatividade cognitiva a Dialética é eminentemente, própria e especificamente, dialógica. A *praxis histórica dialética* não é ação e 'reflexão', mas *a-ção e ação*. Ou seja, ela é toda ela empírica, compreensiva, e implicativa.

Vale dizer, *dialógica*. Uma vez que a crítica, que seria a *reflexão*, na verdade não é teórica, nem prática. Mas ativa, compreensiva, im-

plicativa, fenomenológico existencial, empírica, e dialógica – neste sentido.

Há que se considerar, ainda, que uma coisa é o nível macrosocial da análise e da crítica sócio histórica; outra coisa é o nível microsocial da interação interpessoal. São níveis e esferas distintas. Não podemos utilizar imediatamente categorias, instrumentos e metodologias do nível do macrosocial ao nível do microsocial. Sob o risco de fundamentarmos nossa relação ao nível do microsocial na predisposição de uma estrutura anterior que só repete a estrutura da opressão e da exclusão.

Neste sentido, é importante entender mediações que fazem com que, ao nível do microsocial, a dialética seja uma dialógica. E a dialógica uma dialética. Afirmativa.

Em sua praxis, Paulo Freire entendeu isto muito bem.

Bom empirista, fenomenológico, ao nível do microsocial, aparentemente não elucidou teoricamente estas questões. Mas não havia inconsistência. Sobretudo, não havia sombra de inconsistência na radicalidade de sua ética. Desde o macro ao microsocial. Da dialética à dialógica; da dialógica à dialética.

Para nós talvez seja interessante esclarecermos estas questões. É sem dúvida interessante aprofundarmos sempre uma compreensão materialisticamente dialética das origens e dos desdobramentos da sociedade Brasileira. Um posicionamento ético sempre renovado, ativo e criativo, contra a desumanidade e a desumanização. E uma compreensão, e compreensão da importância, do conjunto e dos elementos da, pouco compreendida, metodologia, e ética, dialógicas, características da abordagem de Paulo Freire.

**1. Uma pedagogia dialógica, estética, poética; fenomeno-lógico existencial empírica, e experimental; para o en-frentamento da opressão e da exclusão. Uma pedagogia ontológica para o ser humano.**

## **2. Ética**

**a. À guisa de introdução à questão ética em Paulo Freire.**

**b. História e ética**

**c. Ética: Estética**

**d. Ética: Poiética**

## **3. Dia Logos**

**4. Empirismo Experimental fenomenológico existencial dialógico.**

**5. Interesse, *inter essere*, o desafio da Dialógica.**

**6. Uma Educação para a sociedade Brasileira, uma educação para seres ativos, e atuantes.**

**7. Pré-meditado e pós-escrito: Uma Educação para seres que, ainda que não epistemofílicos, são seres epistemo-gênicos, e experimentais.**

## **1. Uma pedagogia dialógica, estética, poiética; fenômeno-lógico existencial empírica, e experimental; para o enfrentamento da opressão e da exclusão. Uma pedagogia ontológica para o ser humano.**

Precipuamente, a abordagem de Paulo Freire surgiu como uma resposta e uma disposição contrárias à desumanização, contrárias à opressão e à exclusão de amplos segmentos da população Brasileira, inerentes à constituição colonial da cultura e da sociedade do Brasil; e da substituição do estamento colonialista por um estamento atótono voltado para a manutenção e para usufruto da desigualdade radical. Paulo Freire constatou a situação sócio-histórica de constituição da sociedade do Brasil. E elaborou uma instância ética radical da não opressão e da não exclusão. Mais que isto, consequentemente, elaborou uma instância ética de reconhecimento radical da humanidade das classes e das pessoas das classes oprimidas e excluídas. Reconhecimento que implica o reconhecimento de seu constante e indestrutível processo de criar o seu *ser mais*, em particular diante das históricas, culturais, e tremendas pressões para o seu *ser menos*. Reconhecer a sua humanidade radical, e o seu permanente processo de humanização, ontologicamente radical, significa igualmente, e em especial, reconhecer a sua *alteridade* radical, o seu processo radical de produção autônoma de sentido, e de ação. Certo que estes reconhecimentos implicam no reconhecimento das pessoas dos segmentos oprimidos e excluídos como inevitável e radicalmente *outros*. Mas, da mesma forma, implicam na constituição deles e a eles como parceiros para o *diálogo*, no sentido propriamente entendido; para a *interação*, para a *ação inter humana*. Da instância ética de Paulo Freire, compatível com esta, se constitui a sua instância metodológica. Em essência, só o *diálogo* é possível, só o diálogo é potente, só o diálogo e as suas implicações são respeitáveis e respeitosos da alteridade radical, da humanidade e da humanização radicais. Assim, neste contexto, Paulo Freire entendeu que a ética e a metodológica de sua abordagem só poderiam ser radicais na dialogicidade: e assim se constitui o seu método. Privilegiando fundamentalmente o respeito pela humanidade, pela autonomia, pela alteridade, radicais, de seus educandos. Da mesma forma que privilegiando radicalmente o *inter essere*, o diálogo, e o seus desdobramentos, como âmbito do encontro -- fundamentalmente *estético, fenomenológico existencial empírico, e experimental* --, e como âmbito próprio e específico de vigência do possível e da possibilidade interativas. E do seu escoamento no sentido da ação, da criação. 6

Em específico, Paulo Freire revolucionou mundialmente a Educação em função de sua ética do reconhecimento radical da humanidade e da humanização; pela sua ética do reconhecimento radical da alteridade radical; pelo reconhecimento ativo da vocação humana para a dialógica, para o inter humano, para a interação inter humana, para a ação, para a criação, para a superação.

De modo que a ética e a metodológica de sua abordagem não são próprias e boas apenas para os excluídos e oprimidos -- ainda que estas impliquem num compromisso radical com estes --, mas são boas e próprias para qualquer ser humano, nos mais diferentes contextos de vida e de aprendizagem.

Porque é ética, e uma metodologia, ontológicas de educação, voltadas para a essência do humano; que é a existência no possível, na possibilidade, e no desdobramento desta como ação, atualização, e como superação. Como potencialização do retorno da vontade de possibilidade, da ação, da criação, da superação, e da alegria, e da saúde.

## 2. Ética

### a. À guisa de introdução à questão ética em Paulo Freire.

Fundamentalmente, é disto que se trata, portanto, na abordagem de Paulo Freire. De *ética*. De uma ética particular, a partir da qual pensar o Brasil e o povo Brasileiro, a história do Brasil, a opressão e a exclusão coloniais, prolongadas pelas classes dominantes autóctones, depois da Independência e da proclamação formal da República; de uma ética particular de agir no Brasil como, e com, o povo Brasileiro. Uma ética que rompe radicalmente com a ética colonialista da opressão e da exclusão, que rompe com a moral do niilismo, na sociedade Brasileira; e passa a pensar e a agir no diálogo, no sentido da atualização de possibilidades, e no sentido da humanização.

Em específico, é necessário, assim, pensar fundamentalmente, e explicitar, e atualizar, a abordagem de Paulo Freire a partir de suas premissas éticas. E, das premissas desta ética decorrentes, pensar e explicitar o método de uma pedagogia, de uma abordagem, que, por radical respeito à radical humanidade e radical alteridade das classes e das pessoas das classes oprimidas e excluídas -- mas, na verdade, por respeito à humanidade e à alteridade de qualquer pessoa --, se constitui consequente e radicalmente como uma pedagogia dialógica.

### b. História e ética

Paulo Freire não era um historiador. Profundamente consciente das determinações históricas e culturais do Brasil, não obstante, profundamente consciente das evidências cotidianas e não cotidianas da opressão e da exclusão, tão frequentemente tão gritantes e escandalosas, vai às questões centrais. A questão humana no Brasil. A opressão das massas no Brasil pelos processos do colonialismo; a desumanização gritante dessas massas e das pessoas que as constituem. Determinadas pelos sofisticados mecanismos do colonialismo. Votadas à perpetuação, pela interiorização da opressão, e dos mecanismos da exclusão e da desumanização colonialistas, sucessivamente assumidos, em seu interesse, pelas classes internas dirigentes, depois da independência política do país e da proclamação formal da República.

Ao lado do colonialismo, das realidades factuais da opressão, da exclusão, e da desumanização, Paulo Freire constata e declara, explicita e ativamente – quase que diríamos: *jovial e alegremente* --, a humana condição do possível, do humano carecimento de *ser mais*, o carecimento e possibilidade intrinsecamente humanos para a **superação**. Mesmo quando as condições históricas determinam o abjeto, 8

e o mais abjeto *ser menos* da desumanização que não vacila até mesmo à determinação irrevogável do sofrimento e da morte individual e massiva pela inanição e pela sede, como condição naturalizada da opressão e da exclusão.

Paulo Freire é o antípoda do religioso conclave na Universidade de Salamanca que versava sobre a decisão acerca de se teriam alma ou não os indígenas da América, e, naturalmente, por extensão, os Negros, Mouros, Mamelucos, e outros mestiços Africanos e Ameríndi-ge-nas. É afirmativa, radical e incondicional, a sua opção pela generi-cidade da condição humana, e pelo imperativo indestrutível de sua humanização – em particular nas condições históricas que o colonia-lismo deixou e deixa as massas e as pessoas das massas dos oprimi-dos e excluídos – *ofendidos e humilhados*. Esta é parte fundamental de sua premissa ética mais originária, diante da condição das massas e das pessoas das massas oprimidas dos excluídos do Brasil. Toda pessoa das massas dos oprimidos e excluídos detém o poder, e o ina-lienável direito de *ser mais*; detém em si a potência do possível, mesmo quando historicamente constrangidas ao *ser menos*, e a se desumanizar. Tem a capacidade e o direito cristalinos de ser mais, de se criar como humano e de criar o mundo que lhe diz respeito, em consonância com o desenvolvimento atual da humanidade, com a sua potência e alegria criativas.

Esta postura, esta ética, e a sua essencial radicalidade, não e-ram nem são comuns no Brasil. Mesmo hoje, temos vastos segmen-tos da população, que frequentemente nem mesmo são das classes dominantes, e que naturalizam as enormes desumanidades que o processo de colonização, e a substituição dos colonialistas externos pelas classes dominantes brasileiras, reservaram para as classes des-possuídas e excluídas do usufruto dos produtos do processo de pro-dução coletiva da riqueza no Brasil.

Pois esta radicalidade ética, de não negar a humanidade nem a alteridade, e de nem negar o imperativo da humanização a nenhuma pessoa, por mais excluída e oprimida que seja, é a base ética da a-bordagem de Paulo Freire.

### **c. Ética: Dialógica e Estética, Poiética**

A *Dialógica*, o modo de sermos do *Diálogo*, são própria e emi-nentemente *estésicos*. Ou seja: são vivência pré-reflexiva, pré-comportamental, pré-pragmática, fenomenológico existencial poiéti-ca. E, em assim sendo, são *Estéticos*. O diálogo e o dialógico, como vivência e atualização de possibilidades, que é ação, a atualização, é *poiético*; e para isto é estético.

Assim, a *Estética*, a *ética da estesia* -- além de ser, própria es-pecificamente, uma *Ética*, é eminentemente *Poiética*. Isto quer dizer que, *poiética*, ela privilegia o modo fenomenológico existencial de 9

sermos, como modo de sermos da *vivência do possível*, da vivência da possibilidade, da potência, da vontade de possibilidade, e o desdobramento desta, na *ação*, na atualização, que especificamente é o que entendemos e chamamos de *poiese*.

A Dialógica, portanto, o Encontro Dialógico, são estéticos, e poiéticos. E assim, a ética e a metodológica da abordagem freireana são, própria e especificamente *dialógicas, estéticas e poiéticas*, na medida em que privilegiam o modo estético e poiético de sermos, o modo de sermos no qual vivenciamos possibilidades, e agimos, como desdobramento destas..

Naturalmente que Freire, professor formado, advogado, filho de militar, não se incluía entre as formas mais rudes da exclusão e da opressão.

Constatadas as evidências cotidianas dos oprimidos e das opressões, as evidências cotidianas dos excluídos e das exclusões, inclusive na cotidianidade de suas monstruosidades, competia a Frei-re não só pensar os oprimidos e os excluídos, e suas condições e circunstâncias, humanas, e desumanas; mas, sobretudo, pensar os oprimidos e excluídos, e com eles interagir, de forma que não reproduzisse, simplesmente, a opressão e a exclusão; mormente ao se pensar e atualizar, operacionalizar, uma educação para os excluídos e oprimidos. Não reproduzir a opressão e a exclusão significava, e significa, sobretudo, e em primeiro lugar, não participar dos, e não reproduzir os ardilosos, astutos, covardes, e históricos mecanismos ideológicos de negação da humanidade e da alteridade radicais dos oprimidos e excluídos; não negar a humanidade e a alteridade dos oprimidos e excluídos, e disso fazer um princípio radical. Não negar a humanidade e a alteridade dos oprimidos e excluídos das formas mais óbvias e evidentes; e, sobretudo, não negar das formas mais ou menos veladas e astutas das ideologias da dominação, da colonização, da opressão e da exclusão; em suas dimensões cotidianas, e não cotidianas.

Para tal, apenas o reconhecimento radical, e ativo, a afirmação da afirmação, tácita e explícita, da humanidade e da alteridade dos oprimidos e excluídos; em sua constante e indestrutível labuta de fazer-se *ser mais e melhor*, nas históricas condições e mecanismos históricos mandatórios do *ser menos* da opressão e da exclusão. A crença na e ação da utopia, e da *poiese* do inédito possível e viável da história, nas constrições históricas do *ser menos*. Pela simples atualização da potência da ação como conhecimento e muscularidade, e pela negação dos mandatos de ser inerte, e impotente.

É que no diálogo, no estético, no poiético, somos *possível*, somos potência, e atualização, somos ativos nos músculos e na consciência, no pensamento, no conhecimento e na ação motora; e incomodamos o mundo *acontecido* com o *acontecer* da criação de nós próprios e do mundo que nos diz respeito. 10

A genialidade ética de Paulo Freire -- esteticamente, certamente --, conectou a dimensão ética de sua leitura da historicidade da opressão e da exclusão no Brasil, de sua repulsa a estas; com a onto-lógica ética, estética, poética, dialógica, da vivência da potência da possibilidade, e da ação. E destas dimensões de sua ética se constituiu a metodológica de sua abordagem.

Vale lembrar a observação de Buber -- no *Elementos do Inter Humano*, em **Do Diálogo e do Dialógico**<sup>1</sup> --, de que, quando encontramos um outro ser humano, conhecemos o nosso caminho até ele; não conhecemos o caminho dele até nós. O caminho dele até nós e ele próprio, na pontualidade de suas potências e atualização, só nos pode ser dados, momentaneamente, na dialógica do *Encontro*; no *Diálogo Inter Humano*. Que é estético, e poético.

<sup>1</sup> BUBER, Martin *Elementos do Inter Humano*. In **Do Diálogo e do Dialógico**. São Paulo. Perspectiva, 1985.

Daí que, o radical reconhecimento da humanidade, e da alteridade, do oprimido e excluído, como princípio ético e metodológico, nos impede o direito de hipostasiá-lo, de pressupô-lo, teórica, comportamental, ou pragmaticamente, seja lá em que dimensão for. Não nos permite, em momento algum, decidir por ele e para ele, seja lá em que momento for, sejam quais forem os motivos, sejam quais forem as nossas idéias e condições. O respeito pela humanidade do oprimido e excluído necessariamente passa pelo reconhecimento de sua alteridade radical, desconhecida alteridade, que só nos pode ser dada pela dialógica, eventualmente conflitiva, do *Encontro*, do processo empírico e experimental do *Diálogo inter humano* com ele; quer seja individual, ou coletivamente. E que decorrem do reconhecimento incondicional de suas capacidades para a vivência do possível, para a ação, para a atualização. Tanto ao nível do conhecimento, do processo de produção de seu conhecimento, como ao nível de sua motricidade.

Daí que, junto com um princípio do reconhecimento radical e conseqüente da humanidade e da alteridade do oprimido e excluído, é uma implicação ética e metodológica básica e natural, um princípio congênito, o princípio radical e conseqüente da disposição para o *encontro inter humano*, ou seja: a disposição decidida e franca para a estética do *Diálogo*, para a *Dialógica Inter Humana*; para, junto com ele, e na *inter ação*, pensar, agir, interagir, como únicas formas possíveis e lícitas. Trata-se, assim, de reconhecer a sua alteridade e a sua humanidade, trata-se da relação e da dialógica com ele enquanto alteridade absoluta.

Este é o âmbito de partida, e o principal âmbito de toda a atividade no decorrer da vivência da abordagem freireana. 11

#### d. Ética: poi-ética

O *Dialógico é Estético, a Estética é Poiética.*

A Estética é poiética porque é condição, é o âmbito do modo de sermos no qual pode dar-se o *poiético*. Ou seja, o modo de sermos no qual vivenciamos o possível, modo de sermos da vivência da possibilidade, da vivência da vontade de possibilidade, e da superação.

A vivência de possibilidades é, igualmente, a vivência do desdobramento destas, e é este desdobramento que entendemos como *ação*. E como *superação*.

A *ação*, assim, é a vivência fenomenológico existencial dialógica, e estética, de possibilidades; e do desdobramento destas. As possibilidades em sua vivência são forças. E o próprio das forças, enquanto tais, é que elas se desdobrem. A *ação* é vivência de possibilidades e a vivência do natural desdobramento delas, no processo da superação. A *poiese* é o modo de sermos que produz as formas de nós mesmos e do mundo que nos diz respeito, pela atualização de possibilidades. A estética é o modo de sermos da poiética. O modo de sermos que privilegia a vivência de possibilidade e do desdobramento delas é assim uma ética, *poiética*, o modo *poiético* de sermos. O modo de sermos da *ação*, e da superação. Nietzsche diria: e eis o que segredou-me a existência: *eu sou aquilo que se auto supera indefinidamente...*

A *apreensão* como conhecimento vivencial -- fenomenológico e existencial, dialógico, pré-reflexivo, pré-conceitual, pré-prático, pré-real --, a apreensão como conhecimento, como *ação*, da possibilidade vivenciada no âmbito do modo estético de sermos faz com que este modo de sermos seja o modo de sermos **com-apreensão**; ou seja, o modo de sermos da **compreensão**: o modo compreensivo de sermos, o modo de sermos *com apreensão* do possível, das possibilidades, em seu desdobramento. Estamos *implicados* na vivência **compreensiva** da possibilidade, e da *ação* que ela constitui com o seu desdobramento. De modo que o modo compreensivo de sermos, o modo estético, poiético, dialógico, de sermos é modo de sermos da **implicação**.

Modo de sermos este ao qual se contrapõe o modo de sermos que não é da ordem da **implicação**. Mas é o modo de sermos da **explicação**. O modo **teorético** de sermos.

O conhecimento estético, a ciência estética, é conhecimento ativo, atualização de possibilidade, que se dá no modo estético de sermos, pré-reflexivo, pré-conceitual, pré-comportamental. E que é conhecimento compreensivo, no qual estamos implicados. Pode se dar ao nível do conhecimento meramente *compreensivo*; ou pode se dar

prolongar, também, ao nível do conhecimento – compreensivo -- ativamente muscular.

Podemos dizer que o modo estético de sermos é, enquanto conhecimento, um modo de *ver*. Uma visão, um vislumbre, do possível em seu desdobramento ativo, e que nos constitui. Um modo de ver em que, compreensivamente, implicativamente, vivenciamos o vis-lumbre do possível, e o seu desdobramento como ação, atualização. Meramente compreensiva, ou compreensiva e muscular.

É este o modo de vermos, o modo de sermos, e a visão estética, e poética, dialógica, do **ator**, do **agente**.

Igualmente, o **teorético** é um *modo de ver*.

Mas o **teorético** não é o modo de ver *estésico*, estético, dialógico, e poético, **do ator** – como vimos, o estético é especificamente o modo de ver do ator --; o teorético é o modo de ver, de abstração, e de inação, do *espectador*.

Assim, o *teorético* não é um modo de vivência de possibilidades, e de vivência do desdobramento destas, na ação, atualização. É um modo *intivo* de sermos, no qual re-incidimos sobre o que se atualizou como vivência, e vivência do desdobramento, de possibilidade.

No modo teorético de sermos *re(a)presentamos* aquilo que se atualizou, ou seja: aquilo que se *apresentou*, como produto da ação, no modo de sermos pré-reflexivo, pré-conceitual, pré-comportamental, e originário, da vivência e da vivência do desdobramento de possibilidades.

Originalmente, o *estésico* é nome de um vento que sopra na Grécia numa determinada época do ano, e que impulsiona as velas dos navios. Eis aí a origem do conceito, de *estésico*, de *estesia*, e, no limite, de *estética*: a *ética* da *estesia*. A pulsão do possível que impulsiona a ação, no modo dialógico e fenomenológico existencial de sermos, modo estético de sermos, foi entendida por analogia, como devir (de vento), como similar ao vento *estésico* -- que impulsiona as velas dos navios. Daí ser designada como *estesia* a vivência de corpo e de sentidos, que permite a vivência da pulsão das possibilidades, impulsionando a ação, a atualização. Por isso, pela vivência das possibilidades e do seu desdobramento, este é o modo de *poiético* de sermos -- em que vivenciamos a *estesia*, a ação decorrente da atualização de possibilidades.

*Poiético*, portanto, refere-se à ação, à criação, à vivência de possibilidades e do seu desdobramento, na ação, no modo vivencial, estético, fenomenológico existencial, e dialógico, de sermos. A *poiese* é a criação que se constitui no desdobramento de possibilidades, na ação, ao modo estético de sermos.

O modo *dialógico* de sermos é o modo de sermos da vivência empírica fenomenológico existencial, estética e poética. Dá-se sem-13

pre na dinâmica interativa, e implicativa, da dualidade eu-tu. Eu-tu que, enquanto vivências de possibilidades, mutua e alteritariamente se constituem, se desdobram, e desvelam, na interação, inter humana que chamamos de *diálogo*.

O *Dialógico* é *estésico*. O *Dialógico*, *estésico*, é *estético*; e é *poiético*. E estes termos podem ser intercambiados em seus conceitos e conotações implicativas. A *estética* é *dialógica*, e é *poiética*. A *poiética* é *estésica*: é *estética*; e é *dialógica*. Como vivência e desdobramento de possibilidades, o dialógico, o estésico, o estético, o poiético, são eminentemente *ativos*. São eminentemente ação, *inter ação*.

### 3. Dia Logos

Para a Filosofia do Dialógico, de Martin Buber<sup>2</sup>, temos dois mo-dos de ser. O modo **eu-isso** de sermos, e o modo de sermos **eu-tu** – este, desde já, o nosso modo ontológico de sermos, o modo *dialógico* de sermos.

<sup>2</sup> BUBER, Martin **Eu e Tu**. São Paulo, Mores, 1982.

Vivemos na cotidianidade do modo *eu-isso* de sermos. É o mo-do de sermos da repetição, e do acontecido em nossas vidas; o modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, da objetividade, modo de sermos da causalidade, dos úteis e das utilidades, do uso; e o modo de sermos do realizado e da realidade. Que se opõem ao modo de sermos, eu-tu, do possível e da possibilidade.

Não é difícil entender que o modo teorético, assim como o mo-do comportamental, e o modo pragmático de sermos se definem co-mo modos de sermos do eu-isso. Como observamos, o modo teorético é, por definição, o modo de sermos da visão do espectador, que contempla um objeto: o objeto que foi objetificado, realizado, pela ação. Reincide sobre tal objeto, agora sob a ótica do espectador. Uma ótica diferente da ótica da vivência do ator, uma ótica diferente da ótica do ator no processo de sua poiese, de sua *feição – perfeição --*, no processo da ação, da atualização de possibilidades.

O teorético *re(a)presenta* a possibilidade que se *apresentou --* que se atualizou, que se objetivou, que se realizou, no decorrer da ação do ator, como ex-pressão da *ação*; possibilidade em desdobra-mento, em atualização, em realização, em coisificação.

O *comportamento*, da esfera do eu-isso, é a nossa dimensão da atividade repetitiva, padronizada, para a qual se tem uma expectati-va; o *comportamento*, na qualidade de seu modo de ser, é diferente da *ação*; que é, própria e especificamente, a esfera do *eu-tu*.

O modo *eu-tu* de sermos é momentâneo e incontornavelmente recorrente em nossas vidas, em sua potência de vir a ser. Irrompen-do, em sua agressividade de potência, no âmbito do modo eu-isso de sermos; desconstruindo, e criando, e re criando em nossas vidas. É o modo especificamente *ontológico* de sermos.

De duas formas o modo de sermos *eu-tu* – ou seja, o *vivencial*, o *fenomenológico*, e *existencial*, o *ser no mundo*, o *dialógico --* é *Ontológico*: (1) é **Ontológico** enquanto o **modo próprio e específico de sermos da vivência do sentido**, o *sentido que é Logos*. (2) É *Ontológico* enquanto o modo de sermos que constitui **a característi-ca que nos define enquanto seres, humanos, para a disciplina filosófica da Ontologia**. Os humanos são seres que vivenciam o sentido, o *Logos*: esta é a sua característica definidora. Vivenciar o 15

Logos, que é o onto logos, é a característica ontológica dos seres humanos.

Assim, o *ontológico* -- em termos de definição da humana categoria de ser --, é que somos *ontológicos* -- ou seja, vivenciamos o *sentido*, que se atualiza a partir de nossa vivência de possibilidades.

O modo ontológico, fenomenológico existencial, estético, de sermos é o modo de sermos em que somos **presença**. A **presença**, *pres-ença*, se define como **o modo, ontológico, pré-coisa, de sermos**. O modo de sermos, em que -- eu-tu, dialógica fenomenológico existencial --, somos vivência de possibilidades, e do desdobramento destas; antes que este desdobramento nos conduzam a *entificação*, ou seja, à esfera dos *entes*, das coisas, eu-isso. O modo ontológico de sermos, eu-tu, dialógico, fenomenológico existencial, é um modo *pré-ente, presente, presença*; de sermos como o vir a ser da ação de atualização do possível.

Diferentemente do modo eu-isso de sermos, o modo *eu-tu* de sermos é **o modo de sermos do acontecer**, a partir da vivência e do desdobramento, da ação, da atualização de possibilidades, em nossas vidas. É estético, e poiético. Como modo de sermos da vivência e atualização de possibilidades, está fora do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, sendo anterior à vigência desta dicotomização. Não é da ordem da causalidade, nem é da ordem dos úteis nem das utilidades; estando igualmente fora da ordem das relações de causa e efeito; e caracterizando-se própria e especificamente, em sua vivência e vigência, como *desproposital*. Não é, portanto, um modo de sermos da ordem do teórico -- que especificamente se constitui como um afastamento do modo eu-tu de sermos; da mesma forma que não é da ordem do comportamental, da mesma forma que não é da ordem de uma prática, nem de uma pragmática.

Como é o modo de sermos marcado e impregnado pela vivência de *possibilidades*, e pela possibilidade do desdobramento destas, não é da ordem da *realidade*.

Nem teórico, nem prático, constitui-se -- pela vivência de possibilidade, e pela atualização destas --, como o modo *poiético* de sermos, que só se constitui esteticamente, como vivência estética, fenomenológico existencialmente, dialogicamente.

O modo dialógico de sermos -- modo de sermos eu-tu, estético, poiético -- se constitui na esfera da **relação com a natureza não humana**; na esfera da **relação com outros seres humanos** -- a esfera do *inter-humano*; e na **esfera da relação com o sagrado**.

O termo, e o conceito, de *Dia-lógico* referem-se à característica de que o vivencial, o fenomenológico existencial, o compreensivo, a vivência de possibilidades, e do desdobramento destas, na ação, se dão como vivência de sentido. Vivência de sentido que é a estética, e poiética, do dinamismo da **implicação interativa** numa **relação** 16

**com uma alteridade não objetiva, e radical, intencional – intencional --, que se constitui como a radicalidade alteritária de um tu; em sua potência, possibilidade, e possibilitação, ação, enquanto tal. Uma relação eu-tu. Cujas dinâmicas estética, e poética, se dá como a movimentação implicativa de um eu em direção a um tu, enquanto alteridade radical; e vice versa.**

Esta dinâmica interativa e implicativa constitui um **campo de compartilhamento e de produção (Dia) de sentido (Logos)**, a partir da vivência e da vivência do desdobramento de possibilidades, e de ação, de atualização de possibilidades: um **Campo Dialógico**.

O **logos**, no caso, referindo-se ao sentido que é compartilhado **compreensivamente**; meramente como ciência ativa, ou como ciência ativa e ação muscular. E o **Dia** como a dinâmica **reciprocamente implic-ativa**; *estética e poética*, da movimentação da possibilidade e da possibilitação do *tu*, para a possibilidade e possibilitação do *eu*, e vice versa; na constituição do *campo dialógico* da momentaneidade da relação eu-tu: *dialógica, diálogo*.

De modo que, reconhecendo e afirmando a condição de humanidade, e de alteridade radicais, e a intrínseca potência de humanização dos oprimidos e excluídos do processo da colonização do Brasil, e do mundo, e da neo exclusão e opressão perpetradas pelas classes dominantes, no período pós independência e pós República no Brasil -- sua radical alteridade, enquanto classes e enquanto pessoas constituintes destas classes --, só restava à abordagem de Paulo Freire se enraizar e se entregar a uma dialógica radical com essas alteridades radicais.

Daí ser a *dialógica*, o *diálogo*, um outro elemento central da ética, e da metodológica, da abordagem de Paulo Freire.

#### 4. Empirismo Experimental fenomenológico existencial dialógico.

O fenomenológico, o existencial -- o vivencial, o ser no mundo, o dialógico, o eu-tu, o estético, o poiético -- são eminente, própria e especificamente, **Empíricos**, e **Experimentais**. Além de **experien-  
ciais** – no sentido fenomenológico --, naturalmente.

Mas isto -- *empírico, experimental, e experiencial* --, é bom que se acentue, num sentido muito particular dos termos. Ou seja, no seu sentido especificamente fenomenológico e existencial. O que, num sentido geral, quer dizer, em particular, que não são *teoréticos*, nem *comportamentais*. Da mesma forma que é um modo de ser excluído da ordem da *prática*, e da *pragmática*, portanto -- porque, em sua *empírica* vivência, própria e especificamente, vigora o estético des-proposital da poiética, do desdobramento, da atualização, de possibilidades; o estético desproposital da ação, que se dá fora do modo de sermos das relações de uso e de utilidade.

A abordagem de Paulo Freire -- qualquer abordagem dialógica, fenomenológico existencial dialógica, e experimental; na verdade qualquer abordagem fundada na ação, e que almeja a ação -- , é, portanto, um *Empirismo*: porque o *diálogo* e o *dialógico*, que são um de seus fundamentos mais importantes, não são nem teoréticos, nem práticos, nem comportamentais; são, própria e especificamente *empíricos*; *estéticos*, e *poiéticos*.

Naturalmente que tão importante quanto entender, reconhecer e afirmar isto, não obstante, é qualificar adequadamente, reconhecer e afirmar o que se entende por *Empirismo* neste sentido; de que tipo de *Empirismo* se trata, quando assim o entendemos.

É interessante observar que esta questão -- a questão do seu caráter seu *empírico* --, é, contemporaneamente, ao mesmo tempo, um elemento central, ponto crítico, da abordagem freireana. Respon-sável, talvez, enquanto ponto conflitivo, por uma certa crise e parali-sia, e por uma certa alienação, no âmbito dos que se interessam e praticam a abordagem.

Ante tudo -- diante da constatação do caráter *empírico* da atua-lização da ética e da metodológica dialógica de Paulo Freire --, é im-portante, que se reconheça, entenda, e que se reitere o papel exercido, em suas posições, e em sua ética, pela utopia marxiana; e o caráter dialético marxiano de sua análise histórica, e da sua crítica social. Na qual, como bom *empirista*, ele não ia muito longe, em ter-mos quantitativos. Em nome da estética e da poiética da atualização da pontualidade do devir histórico. 18

Em termos qualitativos, a análise da alienação, e a perspectiva de sua superação; e a utopia marxiana, como observamos, exerceu uma função de relevo e uma importância fundamental na compreensão e explicitação da realidade da opressão e da exclusão no Brasil. Na compreensão das potências de superação das condições históricas da desumanização, da opressão e da exclusão.

Dialéticos Marxianos, e Marxistas, têm, naturalmente, uma aversão ao Empirismo. Mormente, e especificamente, ao Empirismo Positivista, Objetivista; contra o qual se insurge a epistemologia e a metodologia dialéticas.

Para reivindicar, e esclarecer, em particular, as *determinações* e os *nexos* históricos especificamente *não empíricos* da realidade empírica; o caráter de negatividade que o empírico exerce com relação ao concreto. E a necessidade do movimento de pensamento numa negação do empírico: que é negação da negação, para a elucidação das determinações históricas não empíricas que configuram a concretude histórica da totalidade social.

Enquanto ética e metodológica de sua análise social, Paulo Freire não poderia se contentar – não podemos nos contentar -- com o caráter chapado e superficial, “empírico” – no limitado sentido objetivista --, da realidade social, da realidade da sociedade Brasileira, da concretude histórica da opressão e da exclusão. Urgia, e urge buscaremos desveladamente as suas determinações históricas, os seus nexos, não empíricos, a constituição histórica de sua concretude não empírica. E, para tal, a concepção dialética da história, e os produtos da pesquisa histórica dialética são fundamentais. Conformaram estes, em particular, a compreensão da concretude da historicidade da exclusão e da opressão na sociedade Brasileira. Conformaram estes a base para a utopia freireana, para um pensar utópico que entende que as massas e as pessoas das massas excluídas e oprimidas do Brasil assim o são por determinações históricas concretas; e que, por determinações igualmente concretas, e históricas, pelo seu carecimento ontologicamente humano de ser mais, pelo seu carecimento de humanização, podem, e estão, a superar -- no âmbito da ação, da atualização do possível, da atualização do *inédito viável* --, as condições a que lhes relegou a opressão e a exclusão históricas.

Como vimos, então, reconhecendo, radical e efetivamente, em sua ética, a humanidade e a humanização das massas, e das pessoas das massas oprimidas e excluídas do Brasil, só restava a Freire reconhecer e considerar a realidade histórica de sua condição; e reconhecer e considerar efetivamente, para qualquer intervenção, a sua alteridade radical. E, a partir destas premissas, disponibilizar-se radicalmente para o *diálogo*, e para o *encontro dialógico radicais* – que, a princípio, e por princípio, reconhecem, consideram, afirmam, e inte-

ragem com a alteridade --, como premissa, e com efetiva disposição para qualquer cooperação, para qualquer interação, para qualquer atuação que com eles se pudesse desenvolver.

Aí, já não se trata mais, simplesmente, de ler criticamente a história; aí, já não se trata mais de repetir a história. Trata-se, sobre-tudo, em particular, de criar a história; trata-se da *poiética* da história na ação, na atualização, a partir das potências dos possíveis disponibilizados na dialógica inter humana da estética do encontro; a partir das potências do possível, agenciados no diálogo.

Cultivar, desdobrar, atualizar estes possíveis em suas potências -- que só se dão empiricamente, na *dialógica do encontro*; é, própria e especificamente, o *caráter Experimental*, no sentido fenomenológico existencial, da ética, da estética, e da metodológica dialógica da abordagem feireana.

O diálogo e o dialógico são estéticos, são poiéticos -- são vivenciais, fenomenológico existenciais. E isto significa dizer que, própria e especificamente, são *empíricos* e *experimentais*.

Isto significa dizer que o diálogo e o dialógico são vivência fenomenológica e inter ativa, vivência imediata de corpo e de sentidos. Não são da ordem da experiência teorética, nem da ordem da experiência comportamental -- experiências abstrativas de corpo, de vivência e de sentidos. Significa dizer, que o diálogo e o dialógico são estéticos, vivência fenomenológica imediata de corpo e de sentidos; não são teoréticos, não são técnicos, não são comportamentais, não são moralistas, não são práticos, não são pragmáticos. Na pontualidade da sua ação, como fenomenológica e existencial vivência e vivência do desdobramento de possibilidades, não são, nem mesmo, da ordem da realidade. Ainda que constantemente a criem. E isto, e que assim seja, é condição de possibilidade da poiética da ação, da poiética da história, que caracteriza a atualização, a criação; que é, simultaneamente, auto criação e criação do mundo que nos diz respeito; e que se constitui como desdobramento, e como atualização, de possibilidades -- ação. Assim sendo -- por ser *estético* --, o dialógico é, própria e eminentemente, empírico, no sentido fenomenológico existencial. Por ser *estético*, o empirismo fenomenológico existencial é dialógico. Por ser *dialógica* a estética é fenomenológico existencial empirista; por ser *dialógico* o empirismo fenomenológico é estético. Por fenomenológico existencial *empírico*, o dialógico é estético; por *empírico* o estético é dialógico.

A ação é fenomenológico existencial empírica, estética, e dialógica. Da mesma forma que o são o encontro dialógico, e a sua poiética: a vivência e a atualização de possibilidades na dialógica, no 20

encontro dialógico inter humano, são própria e eminentemente estéticas, dialógicas e empíricas.

A ação é empírica porque -- em sua intrínseca e essencial atuação de possibilidades --, a ação se dá como vivência fenomenológico-existencial. Que é vivência, *experiência*, *experimentação*, pré-reflexiva, pré-conceitual, pré-teórica, pré-comportamental, pré-pragmática. O dialógico, âmbito eminentemente da ação, é, portanto, *empírico*, e *experimental*.

Mas, é importante observar que aqui, estamos muito longe do *empirismo objetivista*, abominado pela Dialética, e pelos dialéticos. Porque se trata, aqui, de um *empirismo não objetivista*. Trata-se, especificamente, do *empirismo fenomenológico existencial dialógico*. Que se constitui como tal em virtude das condições de não ser nem teórico, nem de ser comportamental. Configurando-se positiva, e afirmativamente, como vivência imediata do risco e da tentatividade inerentes à atualização de possibilidades. Atualização, ação, que se dá, como sabemos, no modo fenomenológico existencial de sermos – modo de sermos dialógico, estético, compreensivo, e... empírico. E que se constitui, enquanto modo de sermos, aquém mesmo da dicotomização sujeito-objeto. A vivência fenomenológico-existencial, empírica e experimental, se constitui enquanto tal na correlação intrínseca e intencional – intensional --, homem - homens, homens – mundo, solidariamente correlativos, de um modo inextrincável, anteriormente a qualquer possibilidade de cisão, modificados, criados e recriados, pela poética da histórica da ação.

O empirismo fenomenológico existencial dialógico, experimental – estético e poético --, é *diacrítico*, é crítico – na medida em que é, própria e especificamente, ação; ou seja, movimento e mudança, a partir da atualização da potência do possível, desencadeada no e pelo limite da condição histórica.

Talvez até pudéssemos dizer que se trata de uma *dialética*. Na medida em que, no fenomenológico existencial dialógico -- empírico, estético, e poético --, *atravessamos* e abandonamos o *esquecimento* – o *lethos* -- que se configura como realidade acontecida, objetiva e utilizável, teórica, e comportamental, pragmatizável; para adentrarmos e nos imbuirmos em nosso modo de ser de força, de potência, de possibilidade, de atualização, de ação, de criação de nós mesmos, e do mundo que nos diz respeito.

Ao pensarmos em dialética, neste sentido, se é que é o caso, não podemos pensar, todavia, numa dialética *da negação*, e da *negação da negação*. Porque, neste caso, efetivamente se trata de *afirmação*, e de *afirmação da afirmação*... 21

Esta, afirmação, exige a disposição para **tentar**. E, em particular, a disposição para **arriscar**, para **correr o risco**, da atualização de possibilidades que conhecemos na vivência da *Gestalt* de sua potência, mas que não conhecemos na potência do detalhamento ativo de suas partes, de seus elementos constituintes – que só se dão pelo processamento vivencial da ação. O que não nos impede a disposição para *tentar* e *arriscar*. Porque esta disposição, é própria do devir, é própria da ação, é própria da superação, é própria e necessária à criação. Que ontologicamente nos caracterizam como humanos.

**Tentar e arriscar, correr o risco da atualização do possível**, é o sentido do verbo Grego **perire**. Que está na raiz do termo e do conceito de *perigo*; da mesma forma que é a raiz do termo e do conceito de **perícia**; e dos termos e conceitos de *empírico* e de *experimental*, no sentido fenomenológico existencial. Da mesma forma que está na raiz de termos e conceitos como *inspirar, expirar, respirar, pirata, pirar...* Sempre a tentatividade e o risco, perigantes que somos, ontologicamente; mas sempre, também, a alegria, da atualização do possível, da potência da ação, e do seu retorno.

A *dialógica*, fenomenológico existencial que é, se caracteriza, assim, como *fenomenológico existencial empírica, estética*, porque é a visão -- na verdade o *vislumbre* --, na *improvisação*, e a ação, **do ator**. Seja ele ator individual, diádico, ou coletivo. Mas sempre ator, na empiria improvisativa da ação. A dialógica é anterior e é radicalmente distinta em sua qualidade, da visão, do modo de ver, e da inação, do espectador, teorético...

A dialógica é ainda empírica e experimental porque é um fazer-se ao largo a partir das raízes do devir, enquanto possibilidades que movem a ação; ao invés da mera permanência no *porto* do *com-port-amento*. É um *arriscar* e um *tentar*, um arriscar e uma tentativa de fluência na potência do possível, vivenciado pré-reflexivamente, pré-conceitualmente, pré-teoricamente, pré-comportamentalmente, pré-pragmaticamente, empiricamente. Um arriscar e tentar a ação, a atualização, a criação de si mesmo, o que envolve a criação do mundo que lhe diz respeito.

Um aspecto muito importante do empirismo fenomenológico é que, ao contrário do empirismo objetivista, o empirismo fenomenológico não se move em um preconceito e aversão contra teoria, e contra a teorética. O empirismo fenomenológico não briga com a teoria e com o teorético. O momento vivencial é incontornavelmente *empírico*. Mas passada a pontualidade de seu momento, a teorização, a reflexão são inevitáveis, e necessárias. A grande questão do empirismo fenomenológico, da ação, da atualização, é que elas, a reflexão e a teorização, são determinadas pela vivência empírica da ação, e a esta se subordinam. A reflexão e a ação não substituem a especificidade, 22

a qualidade, a importância ontológica, da pontualidade da vivência empírica.

De modo que, própria e eminentemente dialógica, na relação inter-humana, estética e poética da ação, a abordagem freireana é própria e especificamente empírica e experimental em sua ética e em sua metodológica. Porque essas são as condições do conhecimento como ação, e da ação como conhecimento, da ação e do conhecimento que nos modificam, e que modificam o mundo como atualização do possível que nos é ontologicamente imanente. Porque o Diálogo é, e só pode ser, *empírico* e *experimental*; no sentido fenomenológico e-existencial, estético, e poético.

## 5. Interesse, *inter essere*, o desafio do Diálogo, e da *Dialó-gica*.

O *interesse* é o desafio maior da dialógica, é o próprio desafio do diálogo e da dialógica, e da metodologia da abordagem de Paulo Freire. Porque o *interesse*, com efeito, é a própria essência da dialó-gica, do encontro, do diálogo.

Refere-se o interesse, nesse caso, ao interesse radical de cada uma das partes envolvidas no processo do encontro dialógico inter humano; e ao interesse como envolvente de ambas, ou múltiplas, partes do diálogo.

É o desafio maior porque o *interesse* é a própria constituição do encontro dialógico, é a própria dialógica, é o próprio diálogo, é a própria **esfera do *inter***, a **esfera do *entre*** – o *ser entre, inter essere* --, que constitui o **campo dialógico\* do eu-tu**. *Inter essere* e *dia lo-gos* coincidem. O *inter essere*, interesse, se constitui na medida da qualidade, da força criativa, da atualização, das possibilidades que a qualidade do encontro, do diálogo, engendra, mobiliza e desdobra nos seus parceiros; e como vinculação deles. A emergência e atualização do possível, como qualidade do encontro dialógico constitui o caráter da vivência de seu interesse – *inter essere*.

\*Essa idéia e expressão de *Campo Dialógico* surgiu no diálogo e interessante interação em aula com a interessante turma do Programa de Formação em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial – Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana --, de Fortaleza, de 2009.

O modo de sermos vivencial -- fenomenológico existencial --, do dialógico, engendra a relação eu-tu como o que Buber chama de **esfera do *entre*** –, a **esfera do *inter***. Este *entre* não é o "entre" da relação entre dois objetos, como um intervalo entre dois objetos, já que, neste modo de sermos, estamos fora da dicotomia sujeito-objeto. Não vigora o objeto, da mesma forma que não vigora o sujei-to – de modo que não faz nenhum sentido que se fale da pomposa *intersubjetividade*. Mas o *entre* como campo dialógico que envolve os parceiros da relação eu-tu, da relação *inter* humana, da *inter* ação (o *entre*, por exemplo, de quando dizemos, *cá entre nós: ...*). Que se constitui como o dinamismo da dialógica eu-tu, mas não é relação sujeito-objeto.

É esta esfera fenomenológica e existencialmente intencional -- e intencional --, da dialógica do inter humano que permite a emergência compartilhada de possibilidades, o seu comparilhamento e-mergente, a sua vivência, e o seu desdobramento, no campo dialógico intencional, e intencional, da relação inter humana eu-tu. Esta esfera estética do *inter* -- na qual vigoram e se desdobram as possibilidades compartilhadas, no campo dialógico da relação eu-tu --, é *ser, devir, vir a ser, do entre, do inter*. O *interessere*, o *interesse*, o interessante. 24

O poder galvanizante, assim, do interesse deste, e neste campo dialógico fenomenológico existencial, é proporcional à força e poder criativo que a qualidade e a disposição para a atualização das possibilidades suscitam como campo compartilhado de vivência e de produção de sentido, de ação; de vivência e desdobramento de possibilidades. De modo que a própria constituição do interesse é assim indicativa da constituição e da qualidade do campo dialógico entre os parceiros, da constituição e da qualidade do campo dialógico da relação eu-tu, do encontro dialógico. A potência do interesse, a potência da dialógica, é diretamente proporcional às possibilidades e a afirmação das possibilidades que são engendradas entre os parceiros, no campo, e na momentaneidade do campo dialógico. Mas o interesse é o próprio campo dialógico. Ale se deve tanta consideração como ao próprio encontro, e dialógica.

Assim, tudo que impede e embaça a dialógica; tudo que, portanto, impede e embaça a potência e o desdobramento da potência da possibilidade que no seu âmbito se constitui, impede e embaça também o interesse, tal é a coincidência do *interesse* com a *dialógica*.

Tudo na relação, no *eu-tu*, no *dialógico*, *inter humano*, passa pelo *interesse* dos parceiros, e pelo *interesse* que se constitui como *campo dialógico*, de possibilidades e de sentido, de ação, compartilhados. De modo que, tudo que impede e embaça o *interesse*, impede e embaça também a *dialógica*. A *fatalidade* (a centração nos fatos, a-contecidos, na realidade realizada, a indisposição para o devir intrínseco à dialógica), a *arbitrariedade*, a indisposição estética, a indisposição fenomenológico existencial empírica e experimental, a indisposição para o diálogo e para o dialógico, a baixa consideração, a indisposição para a alteridade, para a diferença do outro são fatores tais.

O caráter intrínseco do interesse na constituição do dialógico -- como emergente e emergência da própria relação dialógica, como emergente e constituinte do próprio campo dialógico --, não exige, naturalmente, igualdade, ou similaridade das partes.

Pelo contrário, a relação alteritária entre diferentes é condição imprescindível da dialógica; a dialógica se nutre da diferença, e da alteridade. Exige a disposição e a disponibilidade estéticas, exige a disposição para os fluxos da vivência empírica, para o diálogo. Este, e o seu campo, campo dialógico, interessante, precisamente se constituem a partir do respeito e da consideração pelas alteridades, do respeito, consideração e interesse pela qualidade daquilo que é outro (alteridade), que no encontro configura a dialógica.

No caso da dialógica entre parceiros educativos, por exemplo, não se demanda que os professores não tenham a sua perspectiva e 25

os seus pontos de vista particulares -- sobre currículo e conteúdo, por exemplo. Mas esta perspectiva e pontos de vista são apenas elementos da alteridade própria destes, que são oferecidos ao e apresentados no encontro dialógico, ao e no *inter-essere*, com os outros parceiros educandos; com o radical respeito pela interação com a alteridade de suas posições. E é na dinâmica do encontro dialógico ativo das perspectivas e pontos de vista de uns e de outros que podem emergir os elementos efetivos de pontos de vista e de perspectiva da parceria dialógica – no caso, por exemplo, currículos, e conteúdos.

Da parte dos educadores, nunca se poderá esquecer a importância para tal da *abertura* que se contrapõe à *imposição*, como representativas das posturas respectivas do educador, e do *propagandista*.<sup>3</sup>

<sup>3</sup>Cf. Buber, Martin *Elementos do Inter humano*. In **Do Diálogo e do Dialógico**. São Paulo, Perspectiva, 1985.

Assim, a constituição da *esfera do inter – interessere, dia logos* – não impede a afirmação das diferenças, a afirmação das alteridades. Pelo contrário, sem elas o diálogo não sobrevive, delas o diálogo se nutre, e perdura em sua dinâmica de engendrar possibilidades, e potencializar a sua atualização.

O diálogo não subsiste e não perdura, sem a disposição para a sua intrínseca e constante diacrítica – para as diferenças e modificações potentes, possíveis, que ele próprio engendra; sem a disposição para a sua estética, e para o seu empirismo experimental fenomenológico e existencial. E sem a consideração radical pela alteridade do parceiro, sem o interesse dialógico que se pode com ela constituir.

## **6. Uma Educação para a sociedade Brasileira, uma educação para seres ativos, e atuantes.**

Paulo Freire certamente não pensava nisso, quando desenvolvia a sua abordagem, à luz de lampião, nos cafundós do Sertão da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Mas, ainda que o seu método seja fundamental para colaborar com o processo de libertação das massas e das pessoas das massas das classes oprimidas e excluídas, a sua aplicação não se limita ao contexto dessas. A abordagem freireana é muito importante para as classes e para as pessoas das classes oprimidas e excluídas porque é muito boa para seres humanos. Porque é uma educação para a potência criativa, poética; porque é uma educação para a ação – que mínguam aterradoramente na sociedade moderna.

A abordagem de Paulo Freire é o antídoto perfeito para este preocupante esvanecimento da ação, da atualização, da potência, da ética da potência, e do possível, da poética – que nos são ontológicas.

A criação, a produção cultural, são imperativos para a cultura e para a sociedade Brasileira, da mesma forma que são imperativos a libertação das classes e das pessoas das classes oprimidas e excluídas, e a saúde; saúde social e cultural, a saúde das pessoas e das comunidades, saúde física, psicológica e sócio cultural, a potencialização da poiese, e da alegria de viver – todas intrinsecamente ligadas à ontológica capacidade humana de dialógica vivência do possível, e de desdobramento dele na ação. De modo que a educação para a potência e para a ação, para a poética e para a criação, que caracteriza a abordagem freireana, é uma educação igualmente ontológica, que é a dádiva de uma fina flor do Sertão, e da urbanidade oprimida, para a sociedade Brasileira como um todo, para o ser humano em sua genericidade. Não é à toa que Paulo Freire faz tanto sucesso no exterior entre pessoas que se ocupam do desenvolvimento humano.

A abordagem educacional de Paulo Freire é, basicamente, um compromisso da solidariedade com a humanidade e com a alteridade das classes e das pessoas das classes oprimidas e excluídas, no Brasil e no Mundo. Mas não é aplicável apenas aos oprimidos e excluídos, aos *humilhados e ofendidos*. Em essência, ainda que possa adquirir várias formas, é a educação saudável para todo o povo Brasileiro, de todas as classes e origens. É a educação para a cultura Brasileira, para a participação produtiva na reinvenção da sociedade, da cultura, da mulher e do homem Brasileiros; uma educação para a potencialização do possível, e do devir, para a ação como conhecimento e criação ativos; no âmbito da educação formal e informal; como educação para a saúde; como educação ambiental e para a sustentabilidade, 27

para o desenvolvimento comunitário, para a educação política, para a educação como educação para uma cultura Brasileira da solidariedade, que possa afrontar e enfrentar comunitariamente a cultura mercantilista, corrupta e nihilista, da exclusão e da opressão.

Isto porque a educação para a criação e para a criatividade, a educação para a superação, a educação para a participação sócio-cultural e histórica crítica, a educação para a atualização da potência do possível, a estética, empírica e experimental da educação para a práxis, para a ação, para o conhecimento como ação -- que caracterizam a abordagem freireana --, configuram a ética e a metodológica de uma educação ontológica, uma educação da vocação humana para o possível, para a ação, para a crítica, para o conhecer ativo, e para a ação como ativo conhecer.

De modo que, compromisso de solidariedade com a humanidade e com a alteridade das classes sociais oprimidas e excluídas, do Brasil e do Mundo, a abordagem educacional de Paulo Freire é uma abordagem de educação para o Brasil, para a cultura e sociedade Brasileiras; é uma educação para o ser humano.

## **7. Pré-meditado, e pós-escrito: Uma Educação para seres epistemogênicos.**

*No próprio conhecimento, o que sinto não é ainda se-não a alegria de minha vontade a gerar e a crescer; e, se há inocência no meu conhecimento, é porque há ne-le a vontade de gerar.*

*Querer liberta: porque querer é criar: é isto o que eu ensino. E não deves aprender senão para criar!*

### **F. Nietzsche.**

*Vale mais a pena ver uma coisa sempre pela primeira vez que conhecê-la. Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez.*

### **Fernando Pessoa**

Um dos aspectos mais interessantes, importantes, e determinantes da Abordagem de Paulo Freire -- de sua ética: poética, estética, de sua ética dialógica; de sua concepção, e metodológica --, é que ele entendeu, e foi conseqüente com relação ao seu entendimento de que o *conhecer* é um processo própria e especificamente ativo; ou seja, o *conhecer* é um processo de ação, de criação, de atualização, no sentido própria e especificamente fenomenológico existencial e dialógico do *ato*; o *conhecer*, o *aprender* é um processo eminentemente ativo, atualizativo, criativo, produtivo. Ou não o é *conhecer* e *aprender*. Freire entendeu, assim, que, própria e especificamente, *aprender* é, eminente, e necessariamente, agir, e criar. Criar conhecimento na ação, na atualização -- que é, especificamente, o desdobramento vivencial de possibilidades, o desdobramento singularmente vivenciado de possibilidades. Entendeu que só na ação singular, na criação própria do agente cognoscente, é que a aprendizagem efetivamente pode se dar. Num processo, sempre, enquanto aprendizagem, de vivência *da produção* de conhecimento.

Processo este que -- ação, atualização -- é caracteristicamente *desproposital*. E que, ainda que eminentemente produtivo, não é da ordem do teórico, nem é da ordem do prático, não é pragmático, portanto; é *da ordem da inutilidade poeticamente produtiva*, como o é, especificamente, o modo de sermos da *ação*. 29

O modo de sermos da ação – fenomenológico existencial dialógico -- é o modo de sermos de nosso próprio processo produtivo. Na medida em que é, própria e especificamente, o nosso modo de vivência, e de atualização, de possibilidades. Modo este de sermos que é sempre, em seu caráter inútil, despropositual; compreensivo, e não explicativo; implicativo, e não explicativo; não teórico, não prático, não pragmático; e produtivo. O modo de sermos do que entendemos como ação, e como *poiesis* (Que é, desde Aristóteles, uma dimensão do conhecer que é diferente da dimensão teórica, e da dimensão da prática).

Seguindo a Buber, Freire entendeu que, é no privilegiamento -- na relação com o educando -- de uma ética de qualidade *poiética* – de uma ética de privilegiamento do modo eu-tu de sermos, fenômeno-lógico existencial e dialógico, **inter humano**, estético, ativo, que re-sida o substancial da Pedagogia e da Educação. Seja ao nível da esfera do **inter humano**, ou ao nível da relação com a **natureza não humana**; ou com o **sagrado**.

Porque, é só no âmbito de uma relação dialógica -- fenômeno-lógico existencial, estética, poiética, ativa, criativa --, que um ser ontologicamente epistemogênico, o educando -- como ser que aprende produzindo conhecimento --, pode, efetivamente, produzir conhecimento, e aprender, e agir. Própria e especificamente, na momentaneidade pontual da vivência do modo de sermos fenomenológico existencial dialógico, no qual vivemos possibilidades, e vivenciamos o desdobramento próprio dessas possibilidades; nas suas formas meramente compreensivas, e/ou compreensivas e motoras do que entendemos como *ação, atualização*.

O **po** de *poiesis*, e de *poiética*, é umbilicalmente correlativo ao **po** de *possibilidade*, ao **po** de *possível*, ao **po** de *potência*... Porque o possível, a possibilidade, a potência, são as características fundamentais do modo **poiético** de sermos. Que é o modo pré-reflexivo de sermos, pré-teórico, e pré-comportamental; o modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, eu-tu, dialógico.

A impregnação pela possibilidade -- característica deste modo ontológico, fenomenológico existencial, dialógico, de sermos --, e o seu intrínseco desdobramento -- o desdobramento que é inerente à potência do possível, à potência das possibilidades, e que chamamos de *ação, de atualização* --, fazem com que este modo ontológico, es-tético, e poiético, de sermos seja, própria e especificamente, o onto-lógico modo de sermos da **ação**. Porque, como vimos, a ação é o desdobramento de possibilidade. *Poiética* é, pois, a ética do possível, a ética que privilegia a vivência do possível, e a vivência do desdobramento do possível como vivência de ação. O desdobramento desta vivência é eminentemente *da ordem da compreensão*, do conhecimento. 30

A possibilidade, assim, e o seu desdobramento, a ação, se constituem como conhecer. A possibilidade é *apreensível*, é *apreendi-da* como conhecer. De modo que a vivência da possibilidade e a vivência do desdobramento de possibilidade, na ação, se constituem como *com(a)preensão* – se constituem com *compreensão*.

*Compreensão* é, pois, a apreensão do processamento da ação, da vivência, e da vivência do desdobramento de possibilidades.

A vivência de possibilidade, e a vivência do seu desdobramento, no processamento da ação, são, própria e especificamente, da ordem da *implicação*. É, assim, da ordem da ***implicação*** a nossa vivência *compreensiva* de possibilidades, e do desdobramento de possibilidades, no modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, dia-lógico, ativo. O modo ontológico de sermos é da ordem da ***implicação***. Na medida em que esta vivência é fenomenológica, e intencional, intensional; e se dá aquém da dicotomização sujeito-objeto, numa relação que, não obstante, se constitui na implicação do modo eu-tu de sermos.

A vivência, e a vivência do desdobramento, de possibilidades, pois, o processamento da ação, da atualização, não se dá como relação sujeito-objeto; mas, própria e especificamente, se constitui como relação eu-tu, como dialógica, *dia-logos*; e tudo que o modo de sermos dialógico, o modo eu-tu de sermos, *não é*, é relação sujeito-objeto...

Assim no modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos da vivência de possibilidades e do desdobramento destas, estamos implicados com a alteridade radical de um tu; somos e estamos implicados com a alteridade radical de uma possibilidade que se desdobra, constituindo-se compreensivamente como ação, atualização.

Buber diria, *não sou eu quem produz, mas não acontece sem mim*.

Assim, o modo dialógico de sermos, fenomenológico existencial, ontológico, é da ordem da *compreensão*, e da ordem da *implicação*.

Nele, estamos *implicados* com a alteridade radical – seja alteridade da ordem da *natureza não humana*, alteridade da ordem do *inter humano*, ou da ordem do *sagrado*. Alteridade esta que, no âmbito da implicação, se dá como potência de possibilidade que se desdobra em ação, atualização, atualidade, e presença.

***Não há explicação que possa conduzir à compreensão.***

Já dizia Takuan Soho, o mestre zen, há mais de três mil anos atrás.

Porque, própria e especificamente, a *compreensão* é da ordem da *implicação* -- implicação fenomenológico existencialmente inten-31

cional, intensional. *Implicação* que, como âmbito próprio do *acontecer* -- posição do *ator* --, dá-se como modo de sermos que é anterior ao *acontecido*. Acontecido este que permite a posição da *ex-plicação*, posição do *espectador*.

Assim a implicação da ação, fenomenológico existencial dialógi-ca, é a posição e ponto de vista, meramente compreensivo, ou com-preensivo e muscular, do *ator*. Enquanto que a explicação é o ponto de vista do *espectador*. A perspectiva teórica da explicação é a perspectiva do espectador, do espectador que não está na *Implica-ção*, na vivência implicativa – do modo ontológico de sermos, feno-menológico existencial, dialógico. Por ser própria a e específica deste modo ontológico de sermos, a vivência de possibilidade, de potência, e o seu desdobramento na ação, compreensiva, implicativa, não comportam e são excludentes do modo explicativo, do modo teoréti-co, de sermos. Por mais que este tenha a sua importância. Que não é a da vivência de possibilidades, e da ação.

Diversamente deste modo -- com relação à perspectiva teoréti-ca da explicação --, a perspectiva compreensiva da vivência ontológi-ca, fenomenológico existencial, dialógica, e ativa, é a perspectiva implicativa do *ator*, na pontualidade sincrônica do transcurso da per-formance da ação – ou seja, da vivência de possibilidades, e do des-dobramento destas possibilidades.

Depois que as possibilidades, como vivência, se desdobram, a-contecem, depois que são atualizadas, os seus produtos, que são produzidos pela evasão da potência da possibilidade; produtos, por-tanto, de possibilidades exauridas, ou seja, objetificadas, os seus ob-jetos coisificados, podem ser contemplados pela ótica agora do espectador, do teórico, e ex-plicados.

De modo que a pedagogia dialógica, fenomenológico existencial de Paulo Freire, estética e poiética, está longe de ser uma pedagogia teórica, explicativa. Meramente porque no âmbito do teórico, no âmbito do explicativo e da explicação, não há mais vivência de possi-bilidades e do desdobramento de possibilidades, não há compreen-são, não há atualização, não há ação.

E o conhecimento e a aprendizagem se dão especificamente como a criação que decorre da vivência de possibilidades, e da vivên-cia do desdobramento de possibilidades, compreensiva e implicativa; como interpretação fenomenológico existencial dialógica (que não é explicativa), como ação, atualização; como poiesis, como poiética. Aprendemos, assim, produzindo ativamente conhecimento. Co-nhecimento que, em sua originalidade, se constitui compreensiva e implicativamente, na pontualidade da sincronia de sua atualização. Teórica e explicativamente, nós não aprendemos; teórica e ex-plicativamente nós não criamos conhecimento. Teórica e explicativa-mente nós contemplamos, como espectadores, o conhecimento que 32

já existe, e o repetimos em suas formalidades, sem que ele nos implique ativa e criativamente.

O conhecimento se *re(a)presenta* teórica e explicativamente. Compreensivamente, implicativamente, o conhecimento especificamente se *apresenta*, enquanto *ato* de conhecer, na pontualidade compreensiva da presença e da atualidade.

De modo que a Abordagem de Paulo Freire -- consciente, e eti-camente --, destinada a seres que, ontologicamente, aprendem em um processo ativo de produção de conhecimento, e que só desta forma aprendem; destinada, assim, a seres *epistemogênicos*, os hu-manos; a Abordagem de Paulo Freire privilegia o modo de sermos da ação, o modo de sermos da experimentação, da interpretação com-preensiva, fenomenológico existencial dialógica. A dialógica do modo compreensivo de sermos, na relação com a natureza não humana, na relação inter humana, na relação com o sagrado.

Podemos ver assim como a abordagem de Paulo Freire está dis-tante das abordagens vigentes de Educação, que pedem dos educan-dos, apenas, que se comportem, e não atrapalhem, ao longo do suposto processo educativo.

## **CONCLUSÃO**

## 12. AS CONDIÇÕES FACILITADORAS BÁSICAS COMO PRINCÍPIOS DE MÉTODO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL: II. A RELAÇÃO EMPÁTICA.

### ***Empatia e Dialogicidade.***

*O objeto deve consumir-se para se tornar presença, retornar ao elemento de onde veio para ser visto e vivido pelo homem como presente.*

(M. Buber)

Quando se concebe a idéia de *empatia*, não se observa, normalmente, a dimensão da dinâmica de interação e de re-criação de diferenças entre os parceiros, inerente ao processo da relação empática. Tem-se sempre em mente o esforço, a disposição, o gesto do terapeuta, no sentido de uma compreensão do como o cliente se percebe ou se sente no momento, como percebe o mundo que lhe diz respeito e as suas relações, da forma a mais acurada possível.

Naturalmente que a definição deste esforço, desta disposição e gesto do terapeuta, são componentes fundamentais de um certo modo do que se pode entender como *empatia*. Limitado, entretanto, a esta perspectiva, este parece ser um modo grosseiro, e, pior que isto, um modo de compreensão passível de gerar mal-entendidos que comprometem basicamente o que se quer ter por empatia.

O mais grave desses mal-entendidos é que a limitação a este modo de formulação reflete uma certa *concepção objetivista* do 'outro', e (pasmem) uma certa *concepção objetivista de sua subjetividade!* O que é certamente um absurdo. Concebe-se frequentemente a empatia como um esforço cognitivo, inorgânica e artificialmente articulado à afetividade do terapeuta. Este modo de concepção perde o que existe de fundamental no processo da relação empática. Na medida em que o cliente é constituído desta forma como *objeto de relação e de conhecimento*. E, seguindo Buber, o que é fundamental é, exatamente, que o *parceiro não seja objeto*, mas vivido. Que o parceiro não seja, empiricamente, entendido como um objeto autônomo, dissociado de mim, terapeuta.

Esta pessoa do cliente, tal como me aparece na minha relação com ele, só existe como tal em função desta relação em que sou pólo. O que me implica inextrincavelmente, nos níveis existencialmente mais básicos de mim mesmo, vivenciais, pré-reflexivos. 3

O fundamental é que o cliente não seja entendido como *objeto de conhecimento abstrato*, mas afirme-se e confirme-se na relação comigo como um parceiro efetiva e fenomenalmente vivido, dialogicamente, no confronto com, e privilegiamento de, *sua alteridade viva, ativa e autônoma*. Que ele não objetificado, asépticamente, teorizado ou simplesmente conhecido reflexivamente, por este seu parceiro num evento da vida, eventualmente terapeuta.

Uma *relação empática objetivista* perde o valor de sua dimensão existencial, do seu poder de atuação e de trans-form-ação produtiva, tanto da existência do cliente como da existência do terapeuta. Ou seja, perde a referência deste poder como seu sentido e condição de sua possibilidade. Mais importante, transforma-se em sofisticado dispositivo de manipulação e de produção da subjetividade do cliente. Para compreendermos e efetivarmos a relação empática, é interessante a preservação deste seu caráter duplo, de transformação existencial tanto do cliente como do terapeuta.<sup>1</sup>

<sup>1</sup>. Wood e O'Hara apontam para este caráter da relação empática. Cf. Rogers e outros **EM BUSCA DE VIDA**, São Paulo, Summus, 1984.

<sup>2</sup>Cf. BUBER, Martin **EU E TU**, São Paulo, Summus, 1983. e **DO DIÁLOGO E DO DIALÓGICO**, São Paulo, Perspectiva, 1985. **Formatado:** Português (Brasil) **Formatado:** Português (Brasil)

Mais que isto, é fundamental enfatizar que é exatamente a interação pontual, sincrônica e sintônica, desses processos simultâneos e diferenciados de transformação existencial que se configura como relação empática. Em momento algum, na efetiva relação empática, o cliente (e muito menos o terapeuta) é *objeto* -- de relação, de conhecimento ou de uso -- na medida em que o processo desta relação desdobra-se numa esfera vivencial, vivida, de relação *entre*<sup>2</sup> parceiros fenomenativos que, em momento algum, são circunscritos objetivamente. Os parceiros de relação estão fenomenal e existencialmente implicados em seu processo relacional. De modo que nenhum dos dois é isento do outro ou de si mesmo, de modo a poder constituir o parceiro ou constituir-se a si próprio como objeto.

O *outro*, portanto, na duração da relação empática, é sempre parceiro vivo e em devir, na dinâmica fenomenológico-existencial do encontro, co-participante, nunca objeto; nem mesmo de conhecimento.

Com o outro, na empatia, a relação é ontológica, relação de totalidade de ser, existencialmente produtiva, nunca uma busca objetivista de conhecimento, muito menos um esforço de *uso* do parceiro, em nenhuma de suas modalidades -- *homem nenhum é meio para outro* (Kant). De modo que a empatia é, fundamentalmente, um processo existencial de dupla constituição. A empatia cria e recria o *si mesmo* do terapeuta, ao mesmo tempo em que torna possível a criação e recriação do cliente.

"O outro é uma modificação do meu eu". (E. Husserl). 4

Reside aí muito do que se pode atribuir de *valor terapêutico* à relação empática. Um equívoco comum quando se concebe vulgarmente a idéia de *empatia* é o de julgar que esta consiste, atomisticamente, numa suposta apreensão do estado do outro. Quase como se o outro fosse um *continente* de cujo *conteúdo* eu quisesse e pudesse cognitivamente apropriar-me. É, nesta visão distorcida da empatia, quase como se o outro fosse um recipiente de conteúdos psico-afetivos, dos quais eu me aproprio compreensiva (tolerante) e bondosamente, de um modo às vezes quase que *telepático*. O outro em questão é, assim, um *objeto* (sem dúvida nobre objeto, mas ainda objeto) de conhecimento, ou, no máximo, de relacionamento. Por mais que a este esforço cognoscente tente-se, mecanicamente, adicionar uma dimensão afetiva. O terapeuta é, neste caso, por mais que o negue, "*neutro*"; por mais que represente ou simule um envolvimento com o cliente. Mecanicamente, o que o terapeuta parece às vezes tentar é a reprodução cognitiva em si próprio do que ele imagina apreender do cliente como objeto de atenção. O que de fato ocorre, na apreensão que o terapeuta faz do cliente, é um esboroamento das diferenças existentes e engendradas como processo de *diferenciação* entre o terapeuta e o cliente, uma redução do conflito, potencialmente produtivo e criativo, entre alteridades. Terreno fértil este para potentes manipulações por parte de terapeutas eventualmente incompetentes e dominadores. Só existe *Empatia* na relação fenomenal efetivamente vivida entre diferentes. Mais que isto, entre diferentes que privilegiam, que podem e querem fascinar-se pelas respectivas diferenças, e pelos fluxos dos processos destas. Só existe empatia no fluxo de processos de diferenciação, que se engendram reciprocamente entre os parceiros em interação. A tensão da relação fugaz *entre diferentes* é condição de possibilidade da empatia. *Compreender o outro* em sua particularidade é, fundamental e inevitavelmente, relacionar-se efetivamente com o diferente, com a diferença, com configurações de diferenças em fluxo, devir. E isto exige, e só é possível, na medida em que, em me abrindo para a diferença do outro, efetivamente sou afetado por sua outridade, e me crio como diferente, dele e de mim mesmo, como diferença, como fluxos de diferença. De modo que a empatia não tem a ver com um tornar-se similar, igual, ao cliente, ou vice-versa. Não tem a ver com uma redução das diferenças entre eu e ele. Muito pelo contrário, a empatia nutre-se fundamentalmente da diferença, configura-se basicamente como processo de diferenciação, no qual as diferenças se encontram, confrontam-se, e são recriadas, como diferenci/ação. 5

Paradoxalmente talvez, para um certo tipo de perspectiva, *não é isto que me distancia do parceiro de relação*. Muito pelo contrário: o processo da diferenciação ao longo da relação é condição de possibilidade de uma relação de vínculos saudáveis e fortes. Negar ou reduzir as diferenças, é inviabilizar a possibilidade da relação, é negar ou reduzir o outro e a mim mesmo, é reduzir a possibilidade do *nós*: de um *nós* vitalizado e rico, de vínculos fortes, não de um *nós* confluyente e amorfo. A negação da diferença do outro é a primeira e a mais básica impossibilidade da empatia, e da relação. A relação empática desdobra-se exatamente a partir do interesse espontâneo e ativo pela diferença do outro, que permite uma abertura para esle enquanto tal.

Para o bom terapeuta, o cliente é, sempre e sempre, inevitavelmente outro, e autônomo em sua outridade. Mais que isto, o bom terapeuta privilegia o reconhecimento e a afirmação deste dado da realidade, e faz dele a fonte da criatividade, e a força motriz, do processo da psicoterapia.

Evidentemente que o terapeuta não pode relacionar-se com todos os possíveis desta outridade do cliente, nem mesmo acompanhar todos os fluxos de suas variações. Da mesma forma que nem mesmo o próprio cliente pode dar-se conta em si dos matizes e fluxos, a cada momento, da outridade de si próprio. Mesmo que a cada momento esta se apresente sob formas de configurações significativas totalizadas. Mas, a cada momento, existe a *possibilidade de abertura pontual* do terapeuta na relação com a particularidade desta outridade do cliente. Nos momentos em que efetiva-se esta possibilidade, terapeuta e cliente já não são simples objetos em relacionamento( *Isso e Isso*, como diria Buber), já não são um para o outro *objetos* de relação, de conhecimento, ou de uso, mas são co-partícipes, co-laboradores em um processo relacional, sutilmente imprevisível, que mobiliza em sua duração a constituição de suas respectivas consciências vivenciais.

*“Parceiros em um evento da vida”*(Buber). Relação imprevisível, em particular, porque configura-se como momento eminentemente plástico existencialmente, plasticidade à qual nenhum dos dois parceiros é imune, e à qual nenhum dos dois pode controlar.

A relação empática é, assim, fundamentalmente marcada pelo que Buber chamava de *Dialogicidade*.<sup>3</sup>

<sup>3</sup>op. cit.

<sup>4</sup> BUBER, Martin, op. cit. p. 32.

“O homem se torna EU na relação com o TU.”<sup>4</sup>

Daí ser o momento empático um momento eminentemente plástico de criação e recriação. Criação e recriação que afetam e implicam tanto ao cliente como ao terapeuta. Podemos dizer que só existe empatia quando existe afetamento e implicação recíprocos.

Contaminação (pela outridade). Impregnação, no sentido gravídico (existencial) do termo.

Arbitrariamente -- porque em realidade isto não tem esta ordem --, podemos tomar este ponto como ponto de partida da relação empática. É esta impregnação, este *emprenhamento*, pela outridade do outro, os efeitos de uma certa vulnerabilização e afetação por esta outridade, que permite ao terapeuta ser empático.

Usemos os termos de Buber.

A efetivação da abertura do terapeuta em relação com a outridade do cliente só é possível na medida em que, para si próprio, o terapeuta pode modificar-se, e ser também *um outro* do que era. A abertura efetiva do terapeuta para o cliente enquanto *TU* só é possível na medida em que o terapeuta se recria enquanto *EU*. O que marca e define o *TU* é exatamente a sua diferença, a presença de sua outridade, de sua alteridade: relacionar-se com o *TU* implica na atualização de potencialidades, de possibilidades de ser, para estar-se à altura (digamos) da relação com a sua novidade -- "*O outro é uma modificação do meu eu*" (Husserl): e isto nada mais é do que recriação do próprio *EU*.

\* Eventualmente usamos aqui os termos *terapeuta* e *cliente*, mas o processo da *relação* pode desenvolver-se e efetivamente desenvolve-se entre quaisquer parceiros humanos. **Formatado:** Português (Brasil)

Para o cliente, naturalmente, o terapeuta é também, sempre e sempre, inevitavelmente *outro*.

Evidentemente que ele, cliente, também não pode dar-se conta de todos os possíveis desta outridade, nem acompanhar os fluxos de sua variação. Mas o cliente também pode abrir-se eventualmente para a atualidade da outridade do terapeuta, e com ele relacionar-se enquanto *TU*. Pode vulnerabilizar-se e impregnar-se pela relação com a alteridade do terapeuta, e, ainda que autônomo, recriar-se como *EU*, na relação com ele.

Ora, nos fluxos e contra-fluxos da relação terapêutica, existe uma dimensão particular da objetivação do *TU* do terapeuta à qual o cliente é particularmente sensível e vulnerável: o terapeuta é pessoalmente afetado à medida em que se abre para a relação com o cliente enquanto *TU*. Este afetamento específico, como vimos, implica de um modo particular, a recriação do *EU* do terapeuta. Recriação que se dá pontual e específica e necessariamente na relação com o cliente particular. É a participação deste *EU* assim recriado na relação com o cliente, a sua objetivação, que configura-se como o próprio núcleo do que chamamos de resposta e ação empáticas do terapeuta. O cliente é particularmente sensível a esta forma de objetivação e do ser e estar do terapeuta. Desta forma particular de ser do terapeuta que é para ele efetivamente terapeuta como *TU*, como um outro que dialogicamente com ele se relaciona.

*Esta dita forma de objetivação, de ser e estar do terapeuta, cria-se, engendra-se, na relação específica, particular, pontual e intransferível com ele próprio (cliente).* Num certo sentido, constitui-se como uma ressonância do próprio ser do cliente, ainda que seja, sempre e sempre, 7

inevitavelmente outro. Na verdade, é uma incontestável *confirmação* de seu (do cliente) próprio eu, da efetividade e existencial realidade deste.

<sup>s</sup>cf. BUBER, Martin, **DO DIÁLOGO E DO DIALÓGICO**. São Paulo, Perspectiva, 1982.

6 op. cit. **Formatado:** Português (Brasil)

Na relação viva com o desafio deste *TU* que é outro e que mesmo assim *confirma-o* efetivamente, o cliente pode recriar-se de modo efetivo, superando, sempre que possível e interessante, o seu próprio *status-quo*.

A empatia tem a ver, assim, com a oferta, com a objetivação por parte do terapeuta de uma dimensão fenomenológico-existencial sua que elabora-se especificamente na relação com o cliente. Dimensão que exige expressar-se em seu lugar e tempo próprios, que é a relação entre o cliente e o terapeuta particulares, na atualidade de um momento e lugar particulares.

Esta dimensão configura-se inequivocamente como pertinente à particularidade do terapeuta, a sua outridade em relação ao e com o cliente. Engendra-se na relação particular com este, *mas está fora de seu controle*, uma vez que elabora-se como *EU* do terapeuta. Nela não existe simetria com relação ao cliente, ou com relação a um estado seu, não existe aproximação redutora de diferenças, mas, basicamente, a reafirmação e a recriação delas. E isto é bom, benigno, saudável e produtivo, criativo, potencializador de vínculos saudáveis.

Ao apreender a particularidade do outro, o *apreendido* já não guarda semelhança com o outro em questão. Intimamente articulado a ele, é não obstante, elaboração do sujeito que apreende.

Esta elaboração é absolutamente idiossincrática e envolve, inclusive, a imaginação, e em particular a responsabilidade do sujeito que apreende. Como observa Buber, os dados empíricos da experiência não nos oferecem o outro em sua particularidade e completude. É necessário uma vigorosa penetração imaginária no outro, uma *fantasia do real*, como chamava<sup>6</sup>, para que possamos configurá-lo em nossa consciência. Uma fantasia que, como tal, é imaginária, mas que não se pauta pelos *ilimites* da imaginação, mas amarra-se à peculiaridade efetiva e imediata da atualidade do outro em inter/ação.

De modo que a apreensão que tenho do outro não configura-se como similaridade do outro, representação do outro, em minha consciência. Mas é, em todos os momentos, elaboração minha. Constituída, oferecida, objetivada, como participação minha na relação: é a particip/ação de uma produção minha -- engendrada na relação com o outro -- que ao outro é oferecida.

Evidentemente que todo este processo exige do cliente a preservação e a atualização de uma abertura para a relação com o terapeuta enquanto *TU*. Num certo sentido, exige-se do cliente a mesma capacidade e disposição de *ser empático*, para que possa ser a ele acessível a empatia do terapeuta. 8

Naturalmente que esta capacidade do cliente correlaciona-se necessariamente, no fluxo da relação empática, com a capacidade do terapeuta de ser, para o cliente, simplesmente *interessante*, no sentido relacional e existencial do termo. Uma capacidade do terapeuta que tem um de seus pontos culminantes em sua condição de poder vulnerabilizar-se à outridade peculiar, enquanto tal, do cliente, de ser por ela afetado e recriado, e de poder oferecer, objetivar, na relação com este, a efetividade deste seu eu recriado. A *empatia*, portanto, ao contrário do que se pode eventualmente pensar, vive da diferença, da articulação e interação de diferenças, da relação de alteridades, que se afirmam e se recriam como alteridades nos processos de sua interação.

### 13. ONTOLÓGICA DA PRESENÇA E DA ATUALIDADE

Afonso H Lisboa da Fonseca, psicólogo.

*O objeto deve consumir-se para tornar-se presença.*

M Buber.

#### CONCLUSÃO

*Presença e Atualidade* são duas perspectivas descritivas das características do modo ontológico de sermos. Junto com as outras características deste modo de sermos -- como a sua não objetividade nem subjetividade, o seu dar-se no modo dialógico da ação, e não no modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, o seu característico e intrínseco despropósito, a sua característica des-propositalidade acausal, o seu intrínseco caráter de inutilidade, por se dar num modo de sermos que é anterior ao modo de sermos dos úteis e das utilidades – o caráter de *presença* – como o modo não cois, pré-coisa, de sermos; e de *a-tualidade*, como o modo de sermos da ação – constituem a vivência do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, e implicativo.

De modo que é essencial a compreensão e a consideração pela presença e pela atualidade, e pelas demais características do modo ontológico de sermos, para a compreensão da concepção e da metodologia de uma abordagem que, conceitual e metodologicamente, privilegia, em sua prática estética e poética da *inutilidade*, este modo ontológico de sermos, da criação, da alegria, da superação, da saúde. .

#### INTRODUÇÃO.

Da perspectiva de uma Ontologia Fenomenológica, podemos enquanto humanos, existir de dois modos distintos, e alternantes. Cada um com suas particularidades experienciais próprias e específicas. A cada um deles correspondem, respectivamente, modos diferentes de sermos, modos diferentes de consciência: o modo de ser fenomenológico, da consciência pré-reflexiva, compreensiva, e implicativa; e o modo de sermos da consciência reflexiva, explicativa, e/comportamental. Podemos existir, assim: (1) como coisa instalativa, como acontecido, como passado, e como espectral. Ao modo da consciência reflexiva, teorética, explicativa. Ou podemos existir: (2) como vivência e ação, vivência de ação, como acontecer, como atores, como atualidade e presença – ao modo da consciência pré-reflexiva, compreensiva-3

va, implicativa, fenomenológico existencial e dialógica; também chamada de Ontológica. Na medida em que é entendido como, igualmente, Ontológico oes-te modo específico de sermos.

Ao modo explicativo de sermos -- ao modo de sermos da coisidade ins-talativa, ao modo de sermos do passado, e do acontecido -- dá-se, ainda, o modo de sermos do comportamento. Caracteristicamente, própria e especificamente, o comportamento é o modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva. Que, enquanto tal, quanto mais padronizada e repetitiva, menos consciência é. Cada vez mais desnecessária a consciencia, na medida em que mais padronizada e repetitiva é a atividade. O modo compreensivo e implicativo de sermos da ação, e o modo de sermos explicativo e teórico da coisidade instalativa, são intinsecamente caracteriza-dos como modos de sermos de consciência.

Um, o modo de sermos da consciência compreensiva, implicativa. O ou-tro, modo de sermos da consciência explicativa, teórica.

Assim, é exatamente esta específica característica de desconscienciação que torna o modo explicativo de sermos do comportamento, enquanto modo de sermos, intrínsecamente distinto, tanto do modo de sermos da consciência compreensiva e implicativa -- pré-reflexiva, ontológica, fenomenológico existen-cial e dialógica, consciência do ator, do acontecer --; como igualmente distinto do modo de sermos do espectador, do modo de sermos do acontecer, da coisa instalativa, da consciência teórica e reflexiva, explicativa.

Alternamos regularmente entre estes dois modos de sermos. Entre o modo implicativo, compreensivo, de sermos do presente e da presença, da a-ção, da ataulização, do acontecer; e o modo explicativo de sermos.

O modo implicativo de sermos é originário. E desdobra-se no sentido do modo explicativo de sermos.

A coisa, característica da instalação do modo explicativo de sermos, é, em Grego, designada de ente. Donde deriva a designação de Ôntico de seu modo de ser. Ôntico significando 'do ente'.

Em contraposição à designação de Ontológico, que recebe o modo de sermos implicativo da ação, fenomenológico existencial e dialógico, compreen-sivo.

Caracterizado pela vivência de sentido – pelo logos – da consciência pré-reflexiva, onto-lógica, fenomeno-lógica, dia-lógica; compreensiva e implicativa.

Como o modo explicativo de ser da coisa, do ente, dá-se em seguida à vivência do modo ontológico de sermos, este modo ontológico de sermos, fe-nomenológico existencial, dialógico, é o modo pré-ente de sermos, o modo de sermos de pré-coisa, o modo presente de sermos. O modo de semos do pre-sente, da presença. Da atualidade (Que, enquanto tal, é definida pelo ato, pela ação).

Própria e especificamente, neste modo ontológico de sermos, fenomeno-lógico existencial e dialógico, vivenciamos a Presença e a Atidade -- a Atuali-zação, a Atualidade. Que são qualidades próprias e específicas, intrinsecamen-4

te constituintes, deste modo de sermos. Cognitivamente constituídas como consciência pré-reflexiva, como compreensão, e implicação.

As qualidades de Presença e de Atualidade são, pois, características on-tológicas fundamentais. As noções de Presença e de Atualidade descrevem portanto duas características intrínsecas ao modo Ontológico de sermos – in-trínsecas ao modo de sermos fenomenológico, existencial, e dialógico. Modo originário de sermos da vivência da ação, e de sentido (de logos), da consciência compreensiva e implicativa, pré-reflexiva, fenomenológica, existencial, dia-lógica, ontológica.

**O ONTOLÓGICO, assim, enquanto PRESENÇA e ATUALIDADE, enquanto o modo, pré-coisa, pré-ente, presente, de sermos; enquanto vivência de sentido, logos, o sentido, logos, ontológico de sermos, fenomenológico, existencial, e dialógico, compreensivo, e implicativo; e enquanto modo de sermos característico e distintivo do humano.**

Podemos ser, assim, de dois modos distintos. Modos estes que correspondem a dois modos distintos de consciência. (1) O modo de sermos da ação, e do ator; modo de sermos da consciência pré-reflexiva, compreensiva, e implicativa, modo de sermos da vivência de sentido (logos), fenômeno-lógico, onto-lógico, implicativo, especificamente a presença, o modo pré-coisa (pré-ente) de sermos, modo de sermos pré-ente, presente, a-tual – da atualização e da atualidade. (2) E o modo de sermos, explicativo, do espectador, e da instalação da coisa -- que não é o modo próprio de sermos da ação nem do ator, que não é o modo de sermos da consciência, própria e específica, da presença, da ação, da atualização, e da atualidade. Modo teórico de sermos, o modo de sermos do espectador, é o modo de sermos da consciência reflexiva, representativa, explicativa – que não é consciência implicativa, que não é implicação.

Temos a considerar, ainda, como modo não implicativo, explicativo, de sermos, como observamos, o modo de sermos do Comportamento. Que é o modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva. Que, como tal, não se caracteriza por um modo de consciência, na medida em que -- atividade padronizada e repetitiva --, é um modo de sermos de cada vez mais plena de des-conscienciação.

Sendo, assim, o oposto polar, o antípoda, do modo ontológico, fenomenológico existencial, compreensivo, e implicativo, de sermos. Na medida em que a instantaneidade momentânea da vivência deste modo ontológico de sermos é toda ela impregnada de consciência, própria e especificamente, de logos, de sentido: a consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dia-lógica, compreensiva, implicativa; a consciência do ator, e da ação.

O modo explicativo de sermos do comportamento, modo de sermos da atividade padronizada e repetitiva, portanto, é um modo de sermos da des-conscienciação. Enquanto que o modo ontológico de sermos da ação é um seu oposto polar, enquanto modo de sermos. Um seu antípoda, na medida em que é, essencial e especificamente, impregnado de logos, de vivência de sentido, 5

de vivência de consciência – como desdobramento de possibilidades. Pré-reflexiva, fenomenológico existencial, e dialógica, compreensiva, implicativa. Ação e Comportamento não são a mesma coisa (Arendt). Ação e Comportamento são modos distintos, e polares, de sermos. A ação é lógica. Mas onto lógica, fenomeno lógica, dia lógica. Enquanto que o comportamento, enquanto atividade padronizada e repetitiva, é (se nos permite) des lógico, des logia, des logização. Comportamento não é ação; ação não é comportamento.

O que caracteriza a ontológica do modo ontológico de sermos da ação -- fenomenológico, existencial, e dialógico -- é a vivência do logos compreensivo implicativo que se constitui ao longo do desdobramento das possibilidades. A vivência de sentido. A consciência que é vivência de logos, de sentido. Que é consciência compreensiva.

A ação é desdobramento de força: desdobramento de possibilidades. No seu desdobramento, as possibilidades originariamente se constituem como consciência pré-reflexiva. Elas são preendidas, compreendidas, compreensão, como consciência pré-reflexiva, como sentido, como logos. Fenomeno-logos, onto-logos. O modo de sermos com-preensão – do logos, do sentido. Apresentação. Diferentemente da consciência teórica, explicativa, que é re(a)-apresentação, representação, re-flexão. Que se constitui como repetição, re(a)apresentação. Não se constituindo a partir do desdobramento de possibilidades, e da constituição deste desdobramento como sentido, como compreensão, e implicação. Ação. De modo que a consciência ontológica, compreensiva, implicativa, especificamente é apresentação. Enquanto que a consciência explicativa, na qual não se constitui significativamente o desdobramento de possibilidades, a compreensão, o sentido, a implicação, é da ordem do acontecido, da re-apresentação – da re(a)apresentação.

A vivência das possibilidades em seus desdobramentos -- que é o que entendemos por ação, atualização, e que se dá no modo de sermos da presença -, se constitui como consciência pré-reflexiva, como logos, onto logos, se constitui como sentido (logos), fenômeno. Aparece e se constitui, e se apresenta como tal em todo o decorrer de seu desdobramento. Ou seja, em todo o seu desdobramento a vivência da ação é vivência de sentido, compreensivo, implicativo, vivência de logos, fenômeno-logos, onto-logos.

Assim, a consciência ontológica, compreensiva -- enquanto desdobramento da ação -- é apresentação, é vivência de consciência originária, vivência de sentido, original, inédito, único, irrepitível. É assim na medida em que é vivência original e originária de possibilidades, inéditas e únicas.

(1) Este sentido que vivenciamos no decorrer da vivência fenomenológica, que é intrinsecamente ação compreensiva e implicativa, é a vivência de sentido, de logos, que nos caracteriza enquanto humanos. Este sentido que vivenciamos neste modo de sermos é, portanto, ontológico. 6

(2) O modo de sermos no qual vivenciamos este sentido ontológico é o modo ontológico de sermos. Fenomenológico existencial e dialógico. Modo de sermos da ação, compreensiva e implicativa.

(3) Este modo de sermos é ontológico, ainda, porque, numa perspectiva da Ontologia (que é a área da Filosofia que estuda os aspectos definidores dos seres), é o modo de sermos que é característico e definidor deste ser humano que somos, devimos.

Este modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, modo ativo – e não instalativo – de sermos, implicativo – e não explicativo --, caracteriza-se por ser da ordem do modo de pré-coisa, de pré-ente, de sermos; modo de sermos do presente, da Presença. E, por ser da ordem da ação, caracteriza-se por ser o modo de sermos da atuação, da atualidade.

### **PRESENÇA**

Para compreendermos o sentido de vivência da presença -- como qualidade característica do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico --, é importante entendermos, pois, e considerarmos, que podemos -- e que pode o mundo que nos é intensionalmente cabível e concomitante -- alternativamente ser (1) Presente, não coisa, vivência. No modo compreensivo e implicativo de sermos da ação, da atualização, do acontecer, pré-reflexivo, fenomenológico existencial e dialógico, ontológico. Modo de sermos -- eu-tu -- alheio à dicotomia sujeito-objeto. Especificamente projeto, projeção da expressão das possibilidades. Não objetivo nem subjetivo, acausal, inútil, não real. Pelo seu caráter próprio de possibilidades em desdobramento. De ação, atualização, realização --; e podemos, e pode o mundo, (2) ser coisa, instalativa -- no modo explicativo de sermos do acontecido, reflexivo, teórico, objetivo e subjetivo, intersubjetivo, causal, útil, real.

A dinâmica da momentaneidade instantânea do modo não coisa de sermos -- como ação, como atualização, compreensiva, de possibilidades -- conflui, escoar, sempre, para o modo coisa de sermos. À medida que a possibilidade perde em força, e assim se atualiza, se realiza; e, simultaneamente, se coisifica, se constitui em coisa. Instalação.

Como observamos, a palavra ente significa, em Grego, coisa.

De modo que, no explicativo, não implicativo, modo coisa de sermos somos -- e é o mundo -- entes, ônticos (de entes).

Sempre como resultado da vivência da momentaneidade instantânea do modo ontológico de sermos, se constitui a condição do modo de sermos das coisas, a condição do modo de sermos dos entes, própria e especificamente. 7

Já no modo ontológico de sermos, no modo de sermos do desdobramento da força, desdobramento das possibilidades, não somos coisas, não somos entes. No modo ontológico de sermos -- fenomenológico existencial e dialógico -- não somos a condição, o modo de sermos do ente, e de ser o mundo e de seus entes. Em específico, no modo ontológico de sermos, fenomenológico, existencial e dialógico, compreensivo, e implicativo, somos pré-entes. Somos presentes. Somos o modo de sermos do presente. O modo de sermos da presença. Modo de sermos da vivência da ação, anterior e mais originário, assim, com relação ao modo de sermos das coisas, dos entes.

O modo ontológico de sermos – modo de sermos do presente e da presença -- é, não obstante, o modo de sermos no qual emergem e se constituem, se atualizam, as coisas, os entes. Originariamente, eles se dão como possibilidades, como possíveis em desdobramento, no modo de sermos da presença. O modo ontológico de sermos, modo de sermos do presente e da presença, é o modo de sermos em que as coisas, em que os entes, estão “prontos”. Estão “prestes” (estão pret, pré), como possibilidades, como forças.

Este modo ontológico de sermos, portanto -- fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, e implicativo, o modo de sermos da ação, e do ator --, é, assim, o modo pré-ente, de sermos, o modo de sermos do presente, da presença, o modo pré-coisa de sermos... Caracterizado pela consciência pré-reflexiva, fenomenológica e existencial, compreensiva e implicativa.

Presença, assim, é a vivência de sentido (lógica) deste modo de sermos -- ontológico, fenomenológico, existencial, dialógico, compreensivo, e implicativo, vivência do modo de sermos do presente --, que se constitui e caracteriza como o ativo modo de sermos de pré-coisa. Modo de sermos anterior ao modo de sermos em que a coisa, o ente, está constituído. O presente, a presença, são pré-entes, *pré* modo de sermos do ente; presente, *pré* modo de sermos da coisa. Pré-coisa, própria e especificamente – pré-ente. Presença.

Vivência de consciência pré-reflexiva, compreensiva, implicativa, fenomenológica e existencial, dialógica, ação e acontecer, a momentaneidade instantânea do modo de sermos do presente, a presença, tem características próprias muito específicas e peculiares.

Dentre outras, como já observamos, o modo de sermos do presente e da presença é caracteristicamente o modo de sermos da vivência de possibilidades e do desdobramento compreensivo de possibilidades. É o modo de sermos da ação, da atualização, da atualidade, do acontecer.

Que é dialógica eu-tu; e que, *pour cause*, é pré-objetivo, e pré-subjetivo. Não sendo, naturalmente, intersubjetivo.

O modo de sermos do presente, a presença, não é da ordem do modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto. Ainda que o seja, sempre, a dinâmica da dialógica da relação com uma alteridade radical. Ainda que o seja, sempre, a dialógica da Relação eu-tu. Projetação do desdobramento, da expressão, da força plástica da possibilidade, o modo de sermos do presente é todo ele ação. 8

Projetação, própria e especificamente. E não subjetivação, ou objetivação, ou intersubjetividade. Da mesma forma que, nem sujeito, nem objeto, também não é intersubjetivação.

O modo de sermos da presença, enquanto acontecer – vivência do desdobramento de possibilidades --, não é, igualmente, da ordem da causalidade, não é da ordem das relações de causa e efeito. Não sou eu quem cria as possibilidades, mas elas não acontecem sem mim (Buber). Sou inter-ação com as possibilidades, na dinâmica dramática de uma relação eu-tu. De modo que o modo de sermos do desdobramento das possibilidades, o modo de sermos do presente e da presença é participativo, mas não é causal. É desproposital. Despropositivo. É, antes, a espontaneidade não causal, desproposital, do acontecer fenomenológico existencial. Eminentemente desproposital, despropósito. Estética, Estaktica, fenomenaktica, fenomética, a presença, o modo de sermos do presente, igualmente não é da ordem do modo de sermos em que vigoram os úteis e a utilidade.

O modo de sermos do presente é o modo de sermos de uma entrega participativa ao desdobramento da ação, do acontecer. Que é a tensional, in-tensional. Vivência compreensiva e implicativa do desdobramento de possibilidades. Possibilidades estas que, segundo a arguta observação de Buber, não sou eu quem cria, mas que não acontecem sem mim.

No ineditismo imediato da vivência de seu acontecer, anteriormente à dicotomia sujeito-objeto, e ao modo de sermos das relações de causa e efeito, e anteriormente ao modo de sermos da realidade, a atualização das possibilidades, a ação, dão-se, e se desdobram, portanto, fora das condições do uso e da utilidade.

O modo de sermos do presente e da presença, portanto, dá-se assim, própria e especificamente, como um modo inútil de sermos. Não objetivo, não subjetivo, não causal, não proposital, desproposital, e especificamente inútil. Acontecimento, e acontecer, as possibilidades em desdobramento, a ação -- na ontológica, dialógica, da presença -- não é da ordem da realidade, da ordem do modo de sermos real, coisificado, acontecido; não é da ordem da relação sujeito-objeto, nem da utilidade. Estas são as condições do possível, as condições da possibilidade.

Este modo de sermos da vivência do desdobramento do possível, a presença, o modo de sermos do presente, com as suas características assim de inobjetividade, e não subjetividade, de não causalidade, não utilidade, e irrealidade -- enquanto vivência de possibilidades --, é o modo de sermos, plasticamente possível e potente, da experiência estética.

Em sua inutilidade e irrealidade, o modo de sermos do presente e da presença não é da ordem do modo de sermos de uma pragmatikta, de uma pragmatika, de uma pragmetika.

A pragmetika, a pragmatika, a pragmatika antagonizam-se com, e inviabilizam, a experiência estética. Inviabilizam as condições, portanto, da experiência estética, como modo ontológico de sermos da ação, da vivência de possibilidades, de seu intrínseco desdobramento em ação, compreensiva, implica-9

tiva; na sua intrínseca esteticatividade, na sua intrínseca esteticção, de desdobramento de força plástica.

Acontecer, intensional, a presença é realização, atualização. E não é da ordem do modo de sermos da realidade, extensional. A presença é, própria e especificamente, da ordem do modo de sermos da possibilidade, em seu desdobramento, a presença e o presente são, própria e especificamente, da ordem da ação, da vivência, compreensiva, e implicativa, do desdobramento, das possibilidades.

### **ATUALIDADE**

O caráter ativo, de ação, de desdobramento de possibilidades -- o caráter de acontecer, pré-objetivo e pré-subjetivo, acausal, inútil, e não real, do modo ontológico de sermos da presença; fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo --, é própria e especificamente a atualidade.

Presença e atualidade conjugam-se simultaneamente, portanto, como características intrínsecas ao modo implicativo e compreensivo de sermos, ontológico, fenomenológico existencial e dialógico.

A Presença, a característica vivencial de pré-coisa.

A Atualidade a intrínseca característica de ação, que impregna este modo ontológico de sermos. A característica de que a vivência ontológica da momentaneidade instantânea do modo ontológico de sermos -- fenomenológico existencial e dialógico -- é toda ela impregnada da vivência de possibilidades; sendo, assim, impregnada do intrínseco desdobramento de possibilidades (Já que as possibilidades só existem em desdobramento -- Deleuze). Desdobramento compreensivo de possibilidades que é a Ação propriamente dita. O Ato, a Atualidade.

A vivência da possibilidade é a vivência de uma força. Como força que é a possibilidade só existe em seu desdobramento. Este desdobramento próprio à possibilidade -- que se constitui como sentido, como logos, compreensivo -- é a ação. A atualidade, a atualização. Ação, atualidade, que se dá na constituição da momentaneidade instantânea do modo ontológico de sermos da presença.

A momentaneidade instantânea do desdobramento da possibilidade, da ação, tem, assim, durante todo o seu percurso, um componente cognitivo. Ou seja, o desdobramento da possibilidade se constitui como consciência pré-reflexiva, implicativa, gestáltica: como dinâmica de sentido, como logos, como lógica do sentido (expressão de Deleuze): como compreensão, e implicação.

O desdobramento de possibilidades, a ação, na medida em que é o desdobramento de uma força, implica um intrínseco e progressivo dispêndio desta força, um progressivo decaimento (Heidegger). A atualização implica uma desatualização (Buber) desta força. Desdobradas, atualizadas, as possibilidades progressivamente perdem em força, e se des-atualizam. E assim, se coisificam. 10

Constituindo sua condição de coisa, sua condição ente (coisa, no Grego). A sua condição ôntica.

Constituída, em decorrência da vivência do desdobramento das possibilidades -- inerentes ao modo ontológico de sermos, em decorrência da vivência, da atualidade, da ação --, a condição do modo de sermos do ente, da coisa, do acontecido, a condição do modo ôntico de sermos, define o modo onto-lógico de sermos, fenomenológico existencial -- que lhe é anterior, e no qual está pronta a coisa, na ação de sua possibilidade formativa -- como o modo de sermos que é pret-ente, como vimos, que é o modo presente de sermos, o modo de sermos do presente, e da presença. O modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, modo de sermos da consciência pré-reflexiva, compreensiva, e implicativa, é, portanto, o modo de sermos do presente (pret-ente, pré-ente), e da presença.

O modo de sermos **do ente -- da coisa, da coisidade, o modo ôntico de sermos, pós-ente** -- não é, portanto, o modo de sermos da atualidade e da presença. Uma vez que a atualidade e a presença caracterizam, se conjugam no, e constituem, o modo pret-ente, pré-ente, presente, de sermos. O modo ôntico de sermos da coisa é da ordem do acontecido, é da ordem do passado.

De modo que, pré-entes, a atualidade e a presença se implicam mutuamente, na constituição do modo, pré-reflexivo, fenomenológico existencial e dialógico de sermos, compreensivo, e implicativo.

A atualidade é assim a qualidade própria e específica do ato, da ação.

A ação impregna intrinsecamente, como consciência compreensiva e implicativa, o modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos: como vivência de possibilidades, e do intrínseco e inevitável, desdobramento de possibilidades.

Lógica (do sentido -- Deleuze -- logos), a ação é intrínseca e inevitavelmente constituída como consciência pré-reflexiva, é intrínseca e inevitavelmente constituída como compreensão, e implicação, é fenomenológica, fenomeno-logos; é dialógica, dia-logos.

De modo que, intrínseca e inevitavelmente, a ação é compreensão -- ou seja, a ação, a atualidade, se constitui como consciência pré-reflexiva, como logos; como sentido.

Dialógicas, fenomenológicas, a presença e a atualidade, o modo ontológico de sermos é eminentemente compreensivo.

Inevitavelmente compreensão, a ação, a atualização, pode ser: (1) meramente compreensiva, meramente compreensão; e/ou: (2) compreensiva e somática, muscular.

De modo que, presente e eminentemente compreensiva, e implicativa, temos a ação que se dá meramente como compreensão; e a ação que se dá como compreensão e como muscularidade voluntária. 11

Sempre atualidade, sempre presença, e compreensão. Como vivência do presente, como ação, compreensiva e implicativa. Como desdobramento de possibilidades.

#### **ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Empatia.**

A empatia é própria e especificamente a vivência no modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo de sermos. Como o modo ontológico de sermos, é uma redundância falarmos de compreensão empática. Uma vez que, como tal, toda empatia é compreensiva; e toda compreensão é empática.

O termo – empatia – deriva do significado Grego da palavra pathos. Que significa algo como sensibilidade emocionada. Naturalmente que com o conteúdo implícito, implicativo, de ação. Na medida em que a moção da e-moção é a vivência da ação, da atualização; a própria vivência e vivência do desdobramento de possibilidades. Característica do modo ontológico de sermos da presença, da atualidade.

O sentido normalmente utilizado na cultura da civilização ocidental para o termo pathos não é este sentido Grego, mas o sentido Latino, de sofrimento, de doença. No seu sentido Grego de em-pathos, enquanto o modo fenomenológico existencial dialógico, compreensivo e implicativo de sermos, a empatia é presença e atualidade. A empatia é, eminentemente, vivência motiva, motivativa, emocionada, compreensiva, de ação, de atualização. No modo pré-coisa, pre-sente, e atual de sermos.

#### **ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Superação.**

O modo de sermos fenomenológico existencial e dialógico da presença, e da atualidade -- enquanto modo de sermos da vivência, e da vivência do desdobramento de possibilidades -- inéditas, únicas, e irrepetíveis --, modo de sermos da ação, da atualização, do acontecer --, é, intinsecamente, o modo de sermos da superação.

Nunca é muito lembrarmos, neste sentido, a observação de Nietzsche: *E eis o que me segredou a existência: eu sou aquilo que se auto supera indefinidamente...*

Nietzsche entendeu que a característica fundamental da existência é a superação. Mas a superação não se dá no modo explicativo de sermos, teórico ou comportamental. A superação é intrínseca e característica, é uma propriedade intrínseca, do modo ontológico de sermos -- fenomenológico existencial e dialógico; compreensivo e implicativo. É uma característica que é inerente à atualidade, à atualização, à ação; inerentes a este modo de sermos da presença ontológica. 12

A vivência deste modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, é toda ela ação (Buber). É, toda ela, atualização e atualidade. Ou seja, é toda ela emergência e desdobramento, atualização, de possibilidades.

E o desdobramento de possibilidades, é inerentemente devir, vir a ser, e a superação.

Foi esse aspecto, da predominância da ação e da superação no modo fenomenológico existencial de sermos, no modo páthico, empático, de sermos que levou Carl Rogers a fundar toda a sua concepção de psicologia e de psicoterapia, e a sua atitude metodológica de privilegiamento do modo ontológico de sermos, na tendência para a ação; na tendência atualizante. Como superação, a ação, a tendência atualizante nos cria e recria continuamente, sendo a fonte da contínua geração e regeneração de nós outros. Mesmo nas situações mais destrutivas e mais difíceis.

Os aspectos cognitivos do desdobramento das possibilidades – do desdobramento da ação, da atualidade, da atualização, no modo de sermos da presença, a compreensão implicativa -- são processos fenomenologicamente formativos. Intrínsecos à compreensão. Do mesmo modo que é formativa a objetivação da coisa, em sua materialidade.

Estas características formativas é o que Rogers, com efeito, chamou de tendência formativa.

A tendência formativa é assim o aspecto cognitivo da vivência compreensiva do desdobramento da possibilidade, do desdobramento da ação, da atualização -- da efetivação da tendência atualizante --, da superação. E é a própria formação, a própria constituição material, objetiva, da coisa; neste mesmo processo de superação que é inerente à atualização.

#### **ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Moção, Emoção, e Motivação.**

A emoção é intrínseca à dinâmica do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, e dialógico – compreensivo, e implicativo.

Na medida em que este é especificamente moção, atualidade e atualização. Na medida em que este é devir, é vir a ser, especificamente movimento da ação, atuação, atualização, vivência compreensiva, e implicativa, do desdobramento de possibilidades. De um modo tal, que o modo de sermos compreensivo e implicativo do desdobramento da ação, do desdobramento das possibilidades, é, própria e especificamente, o modo de sermos da moção, da emoção. O modo de sermos da sensibilidade emocionada, o modo de sermos no qual se constitui o que entendemos como emoção.

De modo que ação, a atualização, a implicação, a compreensão – cognição compreensiva --, experiência estética, e a emoção são partes de um mesmo todo vivencial, fenomenológico existencial e dialógico, constituído pelas condições da presença e da atualidade. 13

Em sendo moção, e emoção, o modo ontológico de sermos, da presença e da atualidade, é o modo de sermos não só da ação, mas o modo de sermos-da vivência que, em sua propulsividade e caráter intrinsecamente emocionados, é o modo de sermos da motivação.

**ONTOLOGIA, PRESENÇA, ATUALIDADE. Tendência Atualizante Formativa.** Podemos assim falar que somos animados pela ação, por uma tendência atualizante.

E é, portanto, inteiramente pertinente, e consonante com uma postura fenomenológico existencial dialógica, a premissa de Carl Rogers de fundar a sua abordagem na tendência atualizante. E na compreensão.

Certo é que, ao nível teórico e da fundamentação, Carl Rogers não tinha muita clareza sobre o que estava falando. O momento cultural de seus embates epistemológicos, e ontológicos, era um momento muito significativo, e intenso. E ele se dedicava à busca e à experimentação de uma concepção fenomenológico existencial empirista, e de sua respectiva metodologia. Sua teorização nesta época é, mais, um desvencilhar-se de premissas explicativas e teóricas, em direção aos fundamentos, à ciência, e à metodologia da compreensão, e da implicação.

Naturais os seus limites, naquele momento. Ainda hoje em dia, um outro tempo e lugar, muitos de seus supostos seguidores obstinam-se em papaguear bobagens. Contra natural...

Rogers intuía, entretanto, de modo consistente e profundo, pioneiro e original, as suas premissas. O bastante para desenvolver, ao longo de sua vida profissional, uma profícua e consistente experimentação, e elaboração experimental, de sua importante abordagem fenomenológico existencial dialógica de psicologia e de psicoterapia.

Perls não chega a falar de uma tendência atualizante. Mas, quando entendemos que o que ele falava acerca de contato se refere, própria e especificamente, à ação compreensiva, e implicativa, entendemos, também, que, evidentemente, a metodologia de sua Gestalt Terapia tinha igualmente implícitos um conceito de ação, e um conceito de tendência atualizante – fundamentados naturalmente numa fenomenologia da ação compreensiva.

Compreensiva e implicativa a ação, a tendência atualizante tem, como uma de suas características fundamentais, a de ser, também, formativa. A de ser uma tendência formativa. A tendência atualizante é a tendência formativa. Melhor seria até que falássemos de tendência atualizante formativa...

A tendência atualizante, a ação, constitui-se, compreensivamente, na pontualidade do desdobramento da ação, em vivência de processo de formação de figura e fundo; e de formação da coisa do mundo, em sua materialidade objetiva; ou da coisa subjetiva, mental; ou ainda da coisa comportamental . 14

A ação da tendência atualizante, assim, se dá, compreensivamente, co-mo tendência formativa, como a vivência de processos de form-ação de figura e fundo. Ao nível de sua cura (Heidegger) --, de sua realização, a ação se dá co-mo processo de coisificação, de constituição, de formação, da coisa, em suas formas. Derivadas estas de suas possibilidades. Como processo de coisifica-ção, de constituição, de formação, do objeto, da objetividade. E de formação das formas da subjetividade, em suas específicas formas e qualidades de coi-sa, de acontecido. De realidade extensa, e/ou da cogitans.

De modo que a ação, a atualização, a atualidade, da tendência atuali-zante, dá-se como formação, como per-formação, como per-fazimento; como per-feição, como per-formance. A formatividade da tendência formativa, neces-sariamente, é uma dimensão intrínseca da ação. Da tendência atualizante.

Como força, que só existe em seu desdobramento (Deleuze), a possibi-lidade pressiona, sempre, no sentido de sua ex-pressão. Expressão esta que constitui a ação, a atualização a atualidade. Que se dão no modo de sermos da atualidade e da presença – modo de sermos compreensivo, e implicativo.

Neste sentido, a existência da possibilidade é sempre existência como pressão. Como jatação, como jetação, como projeto, como projetação. (Aristó-teles, Brentano, Heidegger). Daí, a característica específica do modo ontológi-co de sermos, como contínua tendência, tendência da possibilidade para a a-ção, tendência atualizante.

Além de formativamente constituir as coisas em sua condição instalativa, a atualização pode também vivificá-las, recriando-as, regenerando-as. Pela conversão da experiência da coisa à vivência da dialógica da relação eu-tu, ontológica, fenomenológico existencial, compreensiva e implicativa. Pela conversão da experiência da coisa à vivência ontológica da presença e da a-tualidade.

Deste modo, a coisidade instalativa é infundida de possibilidades, de a-ção, atualizando-se à condição, não coisa, de presença e de devir. À ventura do desdobramento de novos possíveis atualizativos. Como novos e inéditos processos de devir. E de novas formas e formações.

A tendência formativa da tendência atualizante, a formatividade da ação, intrinsecamente caracteriza a presença e a atualidade, como características próprias e específicas do modo fenomenológico existencial de sermos, modo dialógico, ontológico, compreensivo, e implicativo de sermos.

#### **ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Estética**

As possibilidades – cuja presença, e intrínseco, e contínuo, desdobra-mento constitui a atualidade, a ação, a atualização –, possibilidades que se dão, assim, no modo fenomenológico existencial, compreensivo e implicativo 15

de sermos --, caracterizam-se por ser um impulsionamento, uma força, uma força plástica, que devém, que se desdobra, na vivência da criação. No modo sensível de sermos, as possibilidades se desdobram em ação criativa como a força impulsionante de um vento.

Os Gregos identificaram esta força impulsionante da vivência do desdobramento das possibilidades -- desdobramento ativo, criativo -- com a força impulsionante do vento Estésico, que numa determinada época do ano sopra, nos litorais da Grécia, e impulsiona os navios a se fazerem ao mar, a desportarem.

E, ao identificarem a força impulsionante da possibilidade com a força impulsionante do vento Estésico, identificaram e denominaram de Estesia ao modo de sermos da vivência e da vivência do desdobramento das possibilidades -- o modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, da presença e da atualidade, compreensivo e implicativo.

Assim sendo, o modo estético de sermos, o modo de sermos da experiência estética é o modo de ontológico de sermos da atualidade e da presença. O modo de sermos do conhecer ativo, da ciência estética, ativa, compreensiva, e implicativa, o modo de sermos da criatividade.

Estética, portanto, é a ética de sermos da estesia. A ética do modo ontológico de sermos da experiência estética, estética, da presença e da atualidade. A ética do modo de sermos do desdobramento das possibilidades, da ação, da atualização.

#### **ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Implicação – Gestalt.**

O modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, implicativo, modo de sermos da presença e da atualidade, é impregnado da vivência compreensiva de forças – as possibilidades. As possibilidades são sempre infinitamente múltiplas. E, como possibilidades, forças, existem sempre em seus desdobramentos.

São múltiplas. E cada possibilidade, cada força, é composta por uma multiplicidade de outras. E assim sucessivamente.

Na multiplicidade de seus desdobramentos, as possibilidades se constituem como consciência pré-reflexiva. Constituem-se como *logos*, como sentido. Sendo esta constituição compreensiva como sentido o *logos*, do fenômeno *logos*, do dia *logos*. Ou seja, o *logos* sentido, que se constitui como compreensão.

Constituídas como consciência pré-reflexiva, compreensiva, implicativa, as possibilidades, em seus desdobramentos ativos, se organizam em conjuntos, totalidades significativas, compreensivas e implicativas, segundo suas dominâncias. Conjuntos que fluem nas dinâmicas de sua relação parte-todo, figura e fundo, e que se sucedem. Em suas multiplicidades enquanto totalidades significativas, as possibilidades em desdobramento se constituem como plexos de possibilidades em desdobramento, ação, atualização, compreensiva e impli-16

cativa. Constituindo especificamente estes conjuntos, em desdobramento ativo, estas totalidades significativas, plexos de ação e de sentido.

De modo que a vivência dos desdobramentos das possibilidades -- que se dá no modo de sermos da presença --, a ação, a atualização, a atualidade, a interpretação compreensiva, a experimentação, igualmente compreensiva, se dão, sempre, como a vivência compreensiva – plic, em Grego – de plexos de possibilidades, plexos de forças em desdobramento. Que se constituem como vivência, como consciência pré-reflexiva, como fenomeno logos, como dia lo-gos. Como compreensão, enfim.

Como gestalts, como im plic ação, implexação, própria e especificamen-te.

Assim, a vivência compreensiva desses plexos de possibilidades em desdobramento, constitui a vivência gestáltica, implicativa. Constitui compreen-sivamente a ação, a atualização, a interpretação, a experimentação fenomeno-lógico existenciais compreensivas. Que se dão como presença, e como atuali-dade.

Talvez pudéssemos dizer que o sentido da palavra de origem Grega im-plicação é o mesmo que o da palavra Germânica Gestalt. Em essência elas se referem ao mesmo processo da multiplicidade, da pluralidade, das forças, vi-venciadas compreensivamente como forças de possibilidades, organizadas segundo as suas dominâncias. Sendo o caráter de sua organização o seu cará-ter própria e especificamnte gestáltico. Ou implicativo. Não explicativo.

O sentido da raiz Grega **plic** – do termo implicação () -- é o de entran-çamento, o entrançamento dos pêlos da crina e do rabo dos cavalos.

As Gestalts, gestaltificações, as implicações, são sempre a vivência da expressividade da ação. Na medida em que são vivências do desdobramento de possibilidades. São, sempre, as próprias atualizações, e a atualidade. Que se dão no modo de sermos da presença. Fenomenológico existencial e dialógi-co.

Compreensivo e implicativo.

A experiência gestáltica, a implicação, a atualização, é sempre, própria e especificamente, a vivência compreensiva do desdobramento de um plexo de possibilidades. É, sempre, a vivência em desdobramento das sucessões, dos devires, de multiplicidades, de pluralidades organizadas de possibilidades, no modo de sermos da presença e da atualidade.

De tal forma que a sua vivência se dá, sempre, como a vivência dos desdobramentos de uma totalidade significativa, que tem características muito peculiares.

Dentre elas a de que o todo, as totalidade significativas, as gestalts, as implicações, se dão originalmente como tais, ou seja na vivência de suas totali-dades, enquanto totalidades que se dão diferentemente da soma, e mesmo da configuração, de suas partes.

Vivenciadas, inicialmente, como vivências compreensivas da sucessão das totalidades, as vivências gestálticas, as vivências implicativas, desdobram-se, compreensivamente, como processos de formação de figura e fundo. Nos quais, paulatinamente, as partes da multiplicidade do todo se constituem figura-17

tivamente. Com a vivência do todo como fundo. Num sucessivo processo de formação, de performance, de perfazimento, de performance de figura e fundo. **ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Implicação, Formação de Figura e Fundo, Performance, Performance -- e Tendência Formativa. Tendência Gestaltizante.**

Assim, é necessário entender que a tendência formativa, de que fala Rogers, é a tendência gestaltizante do processo da ação. A tendência gestaltizante do processo da atualização, do processamento, da operacionalização, da tendência atualizante. Da tendência para a ação.

Uma tendência implicativante, ou implicativa.

Uma tendência compreensiva dos processos da ação, dos processos dos desdobramentos das possibilidades. Para se constituírem, formativamente, performativamente, e compreensivamente, como processos de formação. De formação de figura e fundo.

Ao mesmo tempo em que, como processos da ação, se constituem co-mo processos de constituição, de formação, da coisa, do objeto. Sejam coisas, objetos, mentais; ou coisas, objetos, materiais.

A tendência formativa -- como característica da ação, como característica da tendência atualizante --, a implicação, é característica da presença e da atualidade. É, assim, intrínseca característica do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, e implicativo. **ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Interpretação – Hermenêutica --, Fenomenológico Existencial, Compreensiva, Implicativa, Dialógica.**

A atualidade, na presença, a ação, a atualização, em sua intrínseca cognitividade compreensiva, é vivência do desdobramento compreensivo e implicativo de possibilidades.

Esta vivência compreensiva, e implicativa, do desdobramento de possibilidades é o que chamamos interpretação (especificamente) compreensiva (Heidegger). Não a explicativa. Fenomenológico existencial e dialógica.

A arte da interpretação, a estética da interpretação, é o que chamamos de hermenêutica – a arte de Hermes (Palmer). O modo ontológico, fenomenológico existencial de sermos, compreensivo e implicativo, modo de sermos da presença e da atualidade, compreensivo e implicativo, é, portanto, o modo de sermos própria e especificamente hermenêutico. Porque é o modo de sermos da interpretação fenomenológica, compreensiva. Interpretação implicativa. E não explicativa.

Heidegger viria, assim, a dizer que o homem é o ser hermenêutico por excelência. Dada a característica de que, enquanto atualização e atualidade, a existência é própria e especificamente, eminentemente, interpretação compreensiva, implicativa, e especificamente hermenêutica, portanto. 18

## **ONTOLOGIA, ATUALIDADE, PRESENÇA. Experimentação Compreensiva, e Implicativa, Fenomenológico Existencial e Dialógica**

De modo extremamente fecundo, e cheio de implicações, Buber observa que não sou eu que crio a possibilidade, mas ela não acontece sem mim... Com esta observação, ele caracteriza muito da condição da vivência da possibilidade, da ação, atualização, da atualidade, e da presença. Que impregnam o modo fenomenológico existencial de sermos. (Dialogicamente) Interagimos com a possibilidade, na dialógica compreensiva da ação. Mas não controlamos a possibilidade, que é uma força plástica, poética, autônoma, e desproposita. Não obstante, o devir e o acontecer da possibilidade, necessariamente, demandam e requerem a nossa tentatividade, o nos-so arriscar, nos seus desdobramentos. Em particular, considerado o intrínseco caráter incerto e arriscado, de incerteza, e de risco, da possibilidade e de seu desdobramento.

É a resoluta e ativa disposição de tentar atualizar a possibilidade na vivência de seu desdobramento, mesmo em seu caráter incerto e arriscado, a disposição de desportar, à ventura de sua ventura, que constitui, própria e especificamente, a experiência da experimentação fenomenológico existencial compreensiva e implicativa. Ontológica. Clarice Lispector diria: toda a vida verdadeira é experimentação.

O radical *peri*, da palavra experimentação – da mesma forma que o radical *piri*, de empírico; e o *pir* de pirata; e de respiração; de piração – quer, justamente, dizer, arriscar, tentar.

Podemos ver, assim, que a experimentação fenomenológico existencial, compreensiva, implicativa, que se dá na atualidade e na presença, tem uma natureza radicalmente distinta da experimentação explicativa, teórica, e científica. Nesta são, exatamente, os elementos de incerteza e de risco que são, cuidadosa, e às vezes obsessivamente, evitados.

A presença, e a atualidade -- como características do modo fenomenológico existencial e dialógico, ontológico, de sermos, modo de sermos compreensivo implicativo -- são, neste sentido da atualização das possibilidades, da afirmação resoluta a incerteza e do risco da ação -- eminentemente experimentais.

## **ONTOLOGIA, PRESENÇA, ATUALIDADE. Grupo, e o trabalho fenomenológico existencial com grupos.**

Da mesma forma que individualmente, existimos em grupo, alternativamente, (a) ao modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial, compreensivo e implicativo, modo de sermos da ação e do acontecer; e (b) ao modo de sermos da coisidade, explicativo, teórico, modo de sermos do acontecido.

Enquanto coletivo, enquanto consciência coletiva, o grupo existe, igualmente, de ambas as formas dos modos de sermos – implicativo, ontológico, e explicativo. 19

O modelo conceitual e metodológico do Grupo vivencial, característico da abordagem rogeriana e da abordagem gestáltica, em sua qualidade especificamente de privilegiamento do modo ontológico de sermos, compreensivo e implicativo é uma originalidade na metodologia do trabalho com grupos, experimentada e desenvolvida por Carl Rogers, com influências da Gestal'terapia de Fritz Perls, ao longo das décadas de setenta e oitenta.

A concepção e a metodológica da abordagem de Carl Rogers aos grupos, a partir dos anos setenta, vai se caracterizar como uma progressiva radicalização de uma postura fenomenológico existencial e dialógica da concepção e da facilitação.

Como ontológica, como epistemologia, e como metodologia do trabalho com grupos. Na psicoterapia, e na prática do trabalho psicológico.

Isto se dá à medida que ele e seus colaboradores vão descobrindo e entendendo as características ontológicas, fenomenológico existenciais e dialógicas do desdobramento dos processos grupais. E na medida em que vão entendendo que a momentaneidade instantânea da vivência grupal -- enquanto vivência coletiva -- é compatível com as premissas do que entendemos como ação, atualização, e do que eles entendiam como operação da tendência atuante.

Com efeito, em seus momentos de vivência ontológica coletiva, ao mesmo tempo que de vivência individual, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa, momentos de atualidade e de presença, o grupo é vivência de e vivência da atualização de possibilidades.

Ou seja, a vivência grupal, enquanto vivência individual e coletiva, no modo de sermos da presença e da atualidade, é vivência compreensiva, implicativa; consciência pré-reflexiva, fenomenológico existencial e dialógica; processamento do desdobramento de possibilidades, ação, atualização. A vivência grupal é -- no modo de sermos da atualidade e da presença, no modo presente de sermos -- vivência de ação, de atualização, atualidade... Experimentação e interpretação, hermenêutica, compreensivas, e implicativas, fenomenológico existenciais.

É importante salientar o pioneirismo de Rogers e colaboradores em experimentar intensivamente com esta perspectiva ontológica e epistemológica, na medida em que explorava, e experimentava o desenvolvimento de uma metodologia compatível.

Implicações fundamentais e importantíssimas do trabalho de Rogers são, assim, as de que, como as pessoas, os grupos existem, igualmente, e igualmente agem no seu modo de ser ontológico, fenomenológico existencial e dialógico -- compreensivo e implicativo. E de que, dadas as características especificamente ontológicas deste modo de sermos, avultavam como fundamentais as demandas e as necessidades para o desenvolvimento de uma metodologia com estas características compatíveis. Rogers, e alguns gestalt terapeutas do Instituto de Gestalt de Cleaveland exploraram e experimentaram intensa e pioneiramente esta metodologia. Exploração e experimentação das quais estamos ainda nos primórdios. (E que estejamos sempre...).

Ou seja, uma metodologia compatível com a sua não objetividade -- nem subjetividade -- muito menos intersubjetividade. Compatível com o caráter in-

trinsecamente dialógico deste modo de vivência, pautado pelos processos de dialógica eu-tu, alheios à dicotomização sujeito-objeto. Compatível com o característico caráter desproposital deste modo de vivência, a sua não vinculação às dinâmicas da causalidade, das relações de causa e efeito. Compatível com o caráter de inutilidade da momentaneidade instantânea da vivência ontológica fenomenológico existencial dialógica, ou seja, a sua impertinência ao modo de sermos dos úteis e das utilidades. E uma metodologia compatível com o seu caráter de vivência e de vivência do desdobramento de possibilidade, o seu caráter experimental e hermenêutico de ação, de atualização, o seu caráter de atualidade e de presença. Ou seja, compatível com o seu caráter intensional de vivência compreensiva e implicativa, vivência do desdobramento da ação, e do acontecer. Distinta do caráter de acontecido, e de coisa, do modo explicativo de sermos da realidade, extensional.

No cerne do interesse de Carl Rogers no desenvolvimento de sua metodologia para o trabalho com grupos, e mesmo no desenvolvimento de uma metodologia para o trabalho diádico, o grupo de dois – como dizia John Wood -- está uma consideração bastante genuína para com cada um, e para com o conjunto, destes aspectos intrínsecos e fundamentais à momentaneidade da vivência grupal ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, compreensiva e implicativa. O paradigma rogeriano de concepção e de metodologia do trabalho com grupos vai radicar, assim, na constatação de que, como as pessoas, o grupo constitucionalmente oscila e alterna entre (1) o modo não ontológico de ser, de uma consciência, teórica, explicativa; ou ao modo explicativo de desconsciência que é o comportamento; e (2) o modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico; caracterizado este pela compreensão e pela implicação, pela presença e pela atualidade. Pela consciência, compreensiva e implicativa, que se constitui como sentido, o aspecto cognitivo compreensivo da ação, da atualização, do desdobramento das possibilidades.

Constatado este modo de ser, como modo de ser das pessoas e do coletivo grupal, Rogers e colaboradores entendem que este modo interativo da vivência e da vivência do desdobramento de possibilidades é um modo natural de vivência do grupo, da ação grupal, da vivência da ação pelas pessoas no âmbito do contexto grupal. Um modo de ser que se caracteriza pela presença e pela atualidade. E que permite a criação, a criatividade, a geração e a regeneração existenciais, grupais e pessoais.

E se dispõem a criar condições para o privilegiamento das condições deste modo de sermos nos grupos como concepção e metodologia de trabalho com grupos, e com as pessoas no âmbito grupal.

Entendem, liminarmente, que o grupo não pode ser tratado como um objeto sobre o qual um líder, um coordenador, um facilitador, praticam intervenções. Dado o caráter não objetivo, nem subjetivo, deste modo de sermos da vivência grupal, dado o seu caráter alheio à causalidade, à utilidade, e à realidade, o facilitador carece de se constituir dialógica e implicativamente, compreensivamente, na própria dialógica da vivência grupal. E ser e atuar como partícipe desta dialógica da presença e da atualidade. 21

Carl Rogers e colaboradores exploraram e experimentam intensamente esta perspectiva de concepção e da facilitação de grupos. E buscaram o desenvolvimento de elementos conceituais e metodológicos que pudessem ser assim compatíveis com estas características de privilegiamento da vivência grupal ontológica, da vivência grupal de presença e atualidade.

**PRESENÇA, ATUALIDADE, ONTOLOGIA. Ambiente, Ambientologia, Ciência Ambiental.**

Intrinseca e indissociavelmente correlativo ao que somos, aos modo de sermos, o Ambiente existe: (1) como *coisidade instalativa*, como coisa, no modo ôntico de sermos. E (2) ontologicamente, como presença e atualidade; compreensiva e implicativa-mente, como vivência fenomenológico existencial e dialógica. Neste caso particular, então, o Ambiente, como vivência em sua efetividade imediata, intuitiva, existe não como acontecido, como objeto, no âmbito da re-lação de cause e efeito, utilitária e real. Mas como uma alteridade radical, como um tu, como possibilidade em desdobramento, como ação, eminentemente como experimentação, e interpretação, compreensiva, e implicativa. Na pontualidade fenomenológico existencial de sua instantaneidade momentânea, de sua presentividade, e atualidade, ontológicas.

O ambiente no modo de ser/sermos explicativo de sua objetividade, e subjetividade; no modo de ser de sua causalidade, o ambiente em sua utilidade e realidade acontecida, o ambiente acontecido, em sua instalação como coisa, não é o Ambiente em sua ontológica. Não é o Ambiente em sua essência onto-lógica -- eminentemente aparential, fenomenal --, e que só se dá como acontecer, como vivência e como compreensão, como implicação, à experimentação e à interpretação fenomenológico existenciais dialógicas -- presentes, e atuais. Isto define, liminar e primariamente, a Ética Ambiental. O ethos do Ambiente. Somente a partir do qual o Ambiente pode ser abordado, somente a partir do qual o ambiente é possível -- como a alteridade radical do tu de uma dialógica --, e pode ser avaliado.

As questões acerca da avaliação, e dos critérios de abordagem do Ambiente, assim, não podem residir na objetividade do ambiente, como coisa; ou na subjetividade; no modo de sermos de sua causalidade; em sua utilidade; em seu valor pragmático, pragmético, em sua realidade, como acontecido, como coisa instalativa.

O Ambiente ontológico é fenomenológico existencial experimental e hermenêutico, implicativo e compreensivo, presente, e atual. E somente neste modo de ser de sua éticidade é que ele pode ser avaliado.

Isto define os critérios, não só de uma epistemologia ambiental, mas, precípua e primariamente, os critérios de uma Ontologia Ambiental -- que lhe dá fundamento. Não é o que vigora no âmbito da sociedade civil, no âmbito da cultura em geral, no âmbito da ciência, em particular da Biologia, da Ecologia, da Psicologia, da Antropologia. Que, em geral, abordam o Ambiente no, ôntico e não 22

ético, modo de ser de sua condição de coisa, de sua explicativa, não presente, e não atual, condição de acontecido.

Com relação ao Ambiente temos uma tarefa radical, a do desenvolvimento de critérios éticos para a abordagem do ambiente, para a avaliação do ambiente, para a valoração, e para o conhecimento do Ambiente. Em sua onto-lógica. Na ontológica presença e imediata atualidade fenomenológico existencial, compreensiva, e implicativa.

### **ONTOLOGIA, PRESENÇA, ATUALIDADE. Experiência Esportiva**

Na instantaneidade momentânea de seu paroxismo, a experiência esportiva é, própria e especificamente, desdobramento do paroxismo fenomenológico existencial e dialógico, pré-reflexivo, compreensivo, e implicativo, da ontológica da presença, e da atualidade. É desdobramento do paroxismo da vivência da ação, e do acontecer, como emergência e desdobramento de possibilidades. O paroxismo da experiência esportiva é, portanto, fenomenológico existencialmente experimental, e hermenêutico.

De modo que todo o processamento da experiência esportiva, em sua pontualidade paroxística, é dialógico. Tanto no caso do atleta individual -- na dialógica com seus instrumentos, com o ambiente ontologicamente vivido, e com a radicalidade alteritária da possibilidade; como no caso dos atletas nos times de esportes coletivos. Para estes acrescenta-se a intensiva e refinada dialógica da interatividade inter humana, inter individual, e grupal, intra grupal e inter grupal -- com os demais participantes de seu time, e os do time adversário.

Assim, como em todo o humano, os atletas, enquanto indivíduos e enquanto grupos, e inter indivíduos, e inter grupos, podem existir ao modo semi inerte da coisidade instalativa, explicativo, teórico; ou comportamental. Ou podem existir, individual e coletivamente, ao modo ontológico de sermos, compreensivo e implicativo, da atualidade e da presença, fenomenológico existencial e dialógico. À medida que se constitui a dialógica implicativa da instantaneidade momentânea do paroxismo da experiência esportiva -- a partir de uma específica disposição pré-dialógica -- o(s) atleta(s) evolui(em) do modo semi inerte (re-cordar que a inércia é o movimento sem aceleração. Sem ação, diríamos) de sermos, da coisidade instalativa; para o modo ontológico de sermos da atualidade, da ação e da atualização, compreensivas e implicativas. Para o estético modo de sermos da presença.

Como modo de sermos da atualização, da ação, do desdobramento de possibilidades, o modo ontológico de sermos -- fenomenológico existencial e dialógico, de consciência pré-reflexiva, compreensiva e implicativa, modo de sermos do acontecer --, é, própria e especificamente, o modo de sermos da superação. Superação que, no modo dialógico de sermos, pré-objetivo, pré-subjetivo, é superação de nós próprios e do mundo. 23

Disto, da superação, é do que se ocupa a estética do paroxismo da experiência esportiva. Superação de nós próprios, superação dos adversários, superação do mundo. Superação que se dá na medida em que condescende-mos com a presença e atualidade da momentaneidade instantânea da vivência no modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo e implicativo, da ação, do acontecer.

A potencialização pois dos atletas, nos esportes individuais, e nos esportes coletivos, para a auto-superação e para a superação, envolve o desenvolvimento da habitualidade para o funcionamento, para a arte e maestria, individual e coletiva, no modo ontológico de sermos da atualidade e da presença, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, e implicativo.

### **ONTOLOGIA, PRESENÇA, ATUALIDADE. Psicoterapia**

Na psicoterapia fenomenológico existencial -- Gestalt e Abordagem Rogeriana -- a questão central é a da ação, da atualização fenomenológico existencial, da superação fenomenológico existenciais. A questão central é a questão da vivência da presença e da atualidade, portanto. Mais própria e especificamente, a questão da atualização, da atualidade, que são intrínsecas à presença.

Presença e atualidade estas características do modo ontológico, fenomenológico existencial, dialógico, compreensivo e implicativo de sermos.

De modo que a questão central nestas abordagens de psicologia e de psicoterapia sempre foi a do privilegiamento deste modo ontológico de sermos, como o modo natural de operacionalização da tendência atualizante que formativamente nos constitui. De operacionalização da ação, da atualização. De superação, pelo devir do desdobramento possível, do qual a ação se constitui.

Isto não era tão claro na formulação original dos pioneiros da Gestalt Terapia e da Abordagem Rogeriana. Mas é uma formulação adequada de suas intuições conceituais, metodológicas e experimentais.

Privilegiarmos o modo ontológico de sermos é apenas privilegiar o modo mais natural e espontâneo de sermos. Privilegiar o 'óbvio', como dizia Fritz Perls.

Mas este modo de sermos do óbvio é um modo pouco apreciado de sermos no âmbito da prática profissional. Neste âmbito é mesmo um modo de sermos que é desqualificado pelo moralismo.

Mas o outro modo de sermos, o modo explicativo de sermos -- teórico, ou comportamental -- não possibilita a vivência do possível, a ação, a atualização, a presença, a superação, quando se trata da existência. *E eis o que se-gredou-me a existência: eu sou aquilo que se auto supera indefinidamente...* Entendeu Nietzsche, através do Zaratustra. Mas a superação demanda o modo ontológico de sermos, o modo implicativo de sermos.

De modo que, dadas as suas características próprias, os modos de sermos da explicação não propiciam a ontológica e existencial superação. 24

O modo explicativo de sermos, a objetividade, e a subjetividade, e mes-mo a tal da intersubjetividade, os modos de sermos das relações de causa e efeito, da utilidade, do realismo ou, simplesmente, da realidade -- como característicos do modo explicativo de sermos -- teórico ou comportamental, não são próprios, benignos ou condizentes com a superação. Na verdade, obstruem a vivência de possibilidades, característica do modo compreensivo e implicativo de sermos; obstruem a atualização das possibilidades, o seu devir, e a superação.

Inicialmente, o grande interesse de Perls e de Rogers era o de superar posturas metodológicas fundadas no modo explicativo de sermos. Posturas abstratamente teóricas, moralistas, fundadas na causalidade, fundadas na utilidade, no pragmatismo, na realidade, e mesmo num realismo qualquer.

Perls e Rogers conheciam, e reconheciam as características não teóricas, não práticas, inúteis e despropositais do modo de sermos da superação, da atualização, da ação, da vivência e da vivência do desdobramento de possibilidades, da compreensão, e da implicação, da ação, da atualização, da superação.

Rogers dedicou-se ao desenvolvimento de condições que privilegiassem -- na relação terapêutica, no grupo, na pedagogia, e em outros âmbitos -- a prevalência deste modo fenomenológico existencial, ontológico, implicativo, de sermos.

Perls enfatizou o caráter eminentemente experimental -- no sentido compreensivo, fenomenológico existencial, e dialógico -- da ação, da atualização, da implicação, do devir, da superação. De modo que sua concepção e sua metodológica preconizavam, e preconizam uma ousada postura afirmativa, experimental, e estética.

### **ONTOLOGIA, PRESENÇA E ATUALIDADE. Aprendizagem, Educação e Pedagogia**

Naturalmente, a aprendizagem efetiva implica, necessariamente, a mudança cognitiva. Mudança cognitiva que se constitui como a própria vivência da movimentação da compreensão implicativa, inerente ao desdobramento compreensivo de possibilidades, que, ao nível cognitivo, é pré-reflexivo, fenomenológico existencial dialógico, experimental, e hermenêutico -- ação, atualização. Compreensivamente, o desdobramento de possibilidades, a ação, a atualização, que se dá na vivência do modo ontológico de sermos, intrinsecamente se constitui como *sentido*. Único e irrepetível. Como *logos* -- ontologos, fenomenologos, dialogos -- do desdobramento implicativo e compreensivo de possibilidades.

Própria e especificamente, portanto, a aprendizagem ontológica é compreensiva, implicativa, não explicativa, vivencial, fenomenológico existencial e dialógica, experimental, hermenêutica -- numa palavra, ativa... 25

Este movimento, esta mudança, que é o processamento constituinte da compreensão, a compreensão enquanto desdobramento da possibilidade, a ação, é sempre moção, emoção. E motivação.

Razão pela qual aprendemos, sempre, na condição de atores, na moção, motivação, e no modo afetivo de sermos da emoção. Não aprendemos teóricamente: não aprendemos como espectadores.

O desdobramento implicativo de possibilidades, a compreensão, a ação, que se dá no modo de sermos da compreensão implicativa -- modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, experimental e hermenêutico, modo, sempre, necessária e intrinsecamente, de conhecer, de ciência, de consciência -- é, sempre, afetivamente tingido pela emoção, e potencializado como motivação.

O que fazia Roland Barthes, em sua magnífica *Aula*, observar que a palavra *saber*, vem da palavra *sabor*. De modo que, sem *sabor*, sem emoção e motivação, o conhecimento não é efetivamente saber. Não é efetivamente conhecimento.

Depois que se desdobra, no modo ontológico de sermos, como ação, como desdobramento de possibilidades, como acontecer -- como moção, como emoção e motivação, vale dizer --, depois que perde a sua força atualizativa, a compreensão implicativa se constitui explicativamente como explicação, como acontecido, como coisa, como teoria, especificamente -- na modorra de sua instalatividade. Poderendo ser, então, objeto da contemplação teórica. Em atendimento a uma re-petição, constituindo-se, então, como objeto de reflexão, de representação, de re(a)presentação.

Só aprendemos, portanto, no desdobramento da ação. Só aprendemos como atores, no modo fenomenológico existencial dialógico, ontológico, da ação, da compreensão, e da implicação.

Não aprendemos teóricamente.

Ou seja, não aprendemos no modo de sermos do acontecido, do objeto, das relações de causa e efeito, da coisidade instalativa, explicativa: não aprendemos como espectadores. A aprendizagem se nos dá na condição do modo de sermos de atores.

Efetivamente podemos re-petir, e rerepresentar um conhecimento coisificado, teórico, no modo de sermos da coisidade instalativa, no modo sermos do acontecido, abstratamente. Na abstração de corpo, de vivência, e de sentidos --, sem moção, sem movimento, sem emoção, sem motivação.

Razão de ser do interesse dos preconizadores de uma Educação, de uma Pedagogia, e de uma aprendizagem, ontológicas -- como Paulo Freire, e Carl Rogers -- por uma concepção e metodologia fenomenológico existencial e dialógica, ativa, hermenêutica e experimental.

Uma pedagogia ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, pressupõe o privilegiamento do modo ontológico de sermos, modo de sermos da presença e da atualidade, modo de sermos da dialógica interhumana, modo compreensivo e implicativo de sermos da ação. Modo de sermos própria e es-26

pecificamente da experimentação e da interpretação, hermenêutica, fenomenológico existencial compreensiva, dialógica, e implicativa.

Mais que isto, o desenvolvimento, o exercício, de uma metodologia intrinsecamente constituída a partir das características fundamentais deste modo ontológico de sermos da ação, da atualização. Modo de sermos da presença e da atualidade interativas, implicativamente compreensivas.

Ou seja, uma consideração intrínseca e radical, na aprendizagem, pela pontualidade da interação com a alteridade -- enquanto parceiro e enquanto temática de aprendizagem. Não a coisa instalada, enquanto objeto de estudo. Mas com a força possibilitativa e dialógica de um tu, que se dá na presença e atualidade, experimental e hermenêutica, do modo ontológico de sermos. Uma consideração radical -- como concepção e como metodológica pedagógica -- pela instantaneidade momentânea da dialógica deste modo de sermos. No âmbito domqual não somos sujeitos, nem o parceiro é objeto, mas somos ambos atores inter ativos.

A dialógica pressupõe um investimento na ação, como atualização interativa de possibilidades, na precariedade própria de sua incerteza, e infirmez, que nos solicita a decidida afirmação da dança que ambas constiuem, enquanto vivência potente, possível. Mas sem objetividade, sem subjetividade, sem intersubjetividade. Alheia aos mecanicismos das causas e dos efeitos. Alheia à própria dimensão do real e da realidade, extensivos, explicativos. Enquanto ela própria, própria e especificamente, é intensiva, intensional.

### **ONTOLOGIA, PRESENÇA, ATUALIDADE. Mediação para a Facilitação da Resolução de Conflitos.**

A prática da mediação, e negociação, para a facilitação da resolução de conflitos é uma área muito importante de aplicação da metodologia fenomenológico existencial ontológica -- da presença e da atualidade. Carl Rogers foi um pioneiro nesta aplicação, quando utilizou a metodologia de sua abordagem de trabalhos com grupos para a mediação e negociação para a facilitação da resolução de conflitos.

O conflito se caracteriza e recrudesce pela cronificação de sua instalação no tempo ôntico, no tempo cronificado, no tempo coisificado. No tempo *chronológico*. Na perduração e permanência de sua experiência na repetitividade do modo coisa de sermos, modo de sermos do passado, modo de sermos do acontecido. Na abstenção do concurso ontológico e atualizativo da presença e da atualidade.

Uma vez, nas suas origens, o conflito foi vivo. Deu-se e se constituiu na vivência do tempo ontológico, da atualidade e da presença. Tempo da vivência implicativa das possibilidades e da atualização de possibilidades, na atualidade, e na presença. No modo de sermos do tempo ontológico, o *tempo da oportunidade*, o tempo Grego de *Kairós*, temporalidade do possível, da possibilidade, e do vir a ser, da ação.

Por algum motivo, o desdobramento do conflito em seu devir, como desdobramento de possibilidades, como ação, se interrompeu. Não escoando, assim, para a sua resolução, e superação. Resultando na sua instalação, na ins-27

talação de suas partes, neste seu modo ôntico, e cronificado, coisificado, de ser. O natural caminho para a resolução, e para a superação da condição instalada do conflito, é o de trazer as suas partes à oportunidade da vivência de suas questões e tensões, da vivência de sua dialógica, no modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, experimental e hermenêutico, da presença e da atualidade.

Trazer, assim, as partes conflitantes à oportunidade da interação dialógica em momentos de vivência do tempo ontológico, de vivência do tempo como oportunidade do possível, da temporalidade do desdobramento de possibilidades, do devir, e da ação, compreensiva e implicativa.

Esta oportunidade de vivência ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, experimental, e hermenêutica, do conflito por suas partes pode contribuir significativamente para desinstalar a experiência do relacionamento conflituoso. E propiciar o movimento de suas possibilidades. Conjuntamente engendradas, vividas, e desdobradas. No sentido de suas resoluções.

Este é, pois, o sentido do Grupo Vivencial, e o sentido de sua metodologia, como metodologia de mediação para a facilitação da negociação e da resolução de conflitos.

Para tal, a concepção e a operacionalização do Grupo Vivencial, ainda que respeite e considere a experiência do tempo crônico, do tempo cronificado -- do tempo coisificado, realizado, acontecido, passado, não atual, não presente --, privilegia o fluxo natural da experiência grupal no sentido dos seus elementos constituintes, propiciadores, possíveis. Elementos da vivência da momentaneidade instantânea do tempo e modo de sermos do presente e da atualidade.

Permitida certa liberdade ao grupo para constituir os seus processos vivenciais, e o respeito às características particulares deste, o processo grupal tende, cada vez mais, para um funcionamento ontológico, compreensivo e implicativo.

Característico do modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos. Tende para a momentaneidade instantânea da vivência fenomenológico existencial e dialógica, caracterizada pela vivência de possibilidades e pela atualização de possibilidades, pela superação, no âmbito de sua vivência pré-reflexiva, compreensiva, e implicativa.

## **CONCLUSÃO**

*Presença e Atualidade* são duas perspectivas descritivas das características do modo ontológico de sermos. Junto com as outras características deste modo de sermos -- como a sua não objetividade nem subjetividade, o seu dar-se no modo dialógico da ação, e não no modo de sermos da dicotomia sujeito-objeto, o seu característico e intrínseco despropósito, a sua característica des-propositalidade acausal, o seu intrínseco caráter de inutilidade, por se dar num modo de sermos que é anterior ao modo de sermos dos úteis e das utilidades -- 28

o caráter de *presença* – como o modo não coisa, pré-coisa, de sermos; e de *atualidade*, como o modo de sermos da ação – constituem a vivência do modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, compreensivo, e implicativo.

De modo que é essencial a compreensão e a consideração pela presença e pela atualidade, e pelas demais características do modo ontológico de sermos, para a compreensão da concepção e da metodologia de uma abordagem que, conceitual e metodologicamente, privilegia, em sua prática estética e poética da *inutilidade*, este modo ontológico de sermos, da criação, da alegria, da superação, da saúde. .

#### **Bibliografia de Referência**

BUBER, Martin EU E TU.

HEIDEGGER, Martin SER E TEMPO.

PALMER, Richrd HERMENÊUTICA.